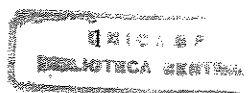


REAÇÕES DE ATITUDE AO SOTAQUE SUPRASEGMENTAL

ÉLCIO CAMILO ALVES DE SOUZA

**IEL
UNICAMP**



**UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE**

ÉLCIO CAMILO ALVES DE SOUZA

REAÇÕES DE ATITUDE AO SOTAQUE
SUPRASEGMENTAL

Dissertação apresentada ao Curso de
Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Lingüística
Aplicada na Área de Ensino-Aprendizagem
de Segunda Língua e Língua Estrangeira.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Linda Gentry El-Dash

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2001

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

So89r Souza, Élcio Camilo Alves de
Reações de atitude ao sotaque suprasegmental / Élcio Camilo Alves
de Souza. - - Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador: Linda Gentry El-Dash
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lingüística aplicada. 2. Fonética. 3. Língua inglesa - Análise
prosódica. 4. Língua portuguesa - Análise prosódica. I. El-Dash, Linda
Gentry. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.



Prof^a. Dr^a. Linda Gentry El-Dash – Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo

Prof. Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Elio Camilo Alves
de Souza

e aprovada pela Comissão Julgadora em
30/07/2001.



Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
01/06/2001

Para Rosalind Mobaid
Campos, que me iniciou
nos campos da fonética e
da fonologia.

For Kathleen Graves, who
first suggested I research
suprasegmentals.

Agradecimentos.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para esta pesquisa, em especial a

Antônio C. da Silva

Beatriz Jorge

Cláudia M. Bonemer

Cleide I. de Paula

Deborah Skibelski

Jeanemarie Andreazza

Joacyr T. Oliveira

Marie Adele Ryan

Maria Luiza Flynn

Ricardo Nishioka

Wagner Andrade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1. A interferência do sotaque estrangeiro	21
2.2. Pesquisas afins	28
3. ASPECTOS SUPRASEGMENTAIS	39
3.1. Definição	39
3.1.1. Acento	39
3.1.2. Ritmo	43
3.1.3. Entoação	46
3.2. Considerações finais	54
4. MATERIAL E METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	55
4.1. Elaboração dos instrumentos	55
4.1.1. Fita	56
4.1.2. Formulário	71
4.1.3. Questionário	72
4.2. Coleta de dados	73
4.2.1. Sujeitos	73
4.2.2. Pré-testagem	74
4.2.3. Procedimento de coleta	75
4.3 Metodologia de análise dos dados	78
4.3.1. Análise fatorial	78
4.3.2. Teste t	79
5. ANÁLISE E RESULTADOS	81
5.1. Análise fatorial	81
5.1.1. Análise fatorial dos grupos de brasileiros	82
5.1.2. Análise fatorial do grupo de norte-americanos	83
5.1.3. Dados descartados	84
5.2. Teste t	84
5.2.1. Brasileiros	85
5.2.2. Norte-americanos	89
5.2.3. Resumo dos resultados	90

5.2.4. Análise dos fatores isolados	91
5.2.5. Considerações finais	92
6. DISCUSSÕES FINAIS	93
6.1. Hipótese nula revista	93
6.2. Implicações pedagógicas	95
6.3. Implicações e pesquisas futuras	98
Apêndice A: Textos gravados	103
Apêndice B: Frases analisadas espectrograficamente	109
Apêndice C: Formulários	111
Apêndice D: Questionários	115
Apêndice E: Adjetivos utilizados nos instrumentos	119
Apêndice F: Instruções	121
Apêndice G: Quadros espectrográficos	123
Summary	159
Referências bibliográficas	161

Tabelas

Distribuição dos <i>guises</i> em inglês	60
Distribuição dos <i>guises</i> em português	61
Avaliação da gravação em inglês	70
Avaliação da gravação em português	71
Análise fatorial do grupo de brasileiros	82
Análise fatorial do grupo de norte-americanos	83
Resultados do teste t para os grupos de juizes brasileiros	86
Resultados do teste t para os <i>guises</i> em português	87
Resultados do teste t para os grupos de juizes estado-unidenses	89
Resultados do teste t para a análise dos fatores isolados	91

RESUMO

Esta dissertação é um estudo sobre reações de atitude geradas pela presença de sotaque suprasegmental na fala de brasileiros e americanos ao utilizarem português ou inglês como língua estrangeira. Como o estudo visa dois domínios lingüísticos distintos, elaboraram-se duas pesquisas paralelas, uma para cada domínio lingüístico, para, posteriormente, verificar se seus resultados apresentavam semelhanças ou diferenças entre si. No Brasil, criou-se um instrumento de pesquisa, utilizando-se a técnica de matched-guise (Lambert et al, 1960), que consistiu em uma fita com a gravação de nove trechos de um mesmo texto, traduzido em português. Esses trechos foram gravados por americanos em duas versões – uma com muito sotaque suprasegmental e outra com menos sotaque suprasegmental. O instrumento foi avaliado por brasileiros e os resultados (analisados por testes t) demonstraram que o sotaque suprasegmental americano afetou a avaliação dos juízes de forma positiva. Nos Estados Unidos, o instrumento utilizado foi preparado com brasileiros lendo trechos do mesmo texto, no original em inglês, também em duas versões (com mais sotaque e com menos sotaque suprasegmental) e foi ouvido por americanos. Os resultados, entretanto, revelaram que o sotaque suprasegmental brasileiro afetou as avaliações dos juízes negativamente.

Uma análise contrastiva entre algumas características de acento, ritmo e entoação do português do Brasil e do inglês norte-americano revelou que certos aspectos do português, quando transferidos para o inglês, assemelham-se a aspectos do inglês que expressam dúvida, suspeita, crítica e falta de interesse – o que gera, inconscientemente, uma reação negativa por parte do ouvinte americano. Já os aspectos do inglês, ao serem aplicados ao português, assemelham-se a padrões que exprimem entusiasmo e surpresa. Esse fato pode ajudar a explicar o porquê dos resultados opostos nas pesquisas acima citadas e, conseqüentemente, do porquê de os americanos terem reações de atitude negativas ao interagirem com brasileiros.

Palavras-chave

Lingüística Aplicada; Fonética; Fonologia; nível suprasegmental; análise contrastiva.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1. 1. CONTEXTO

Há muito a língua inglesa vem sendo ensinada no Brasil como língua estrangeira. Com o passar dos anos, vários métodos e abordagens de ensino foram utilizados com o intuito de aprimorar a forma de transmitir conhecimento e facilitar a aprendizagem desse idioma. No entanto, os padrões suprasegmentais para o posicionamento de sílaba tônica, ritmo e entoação sempre estiveram em segundo plano e raramente foram ensinados. Até mesmo o método audio-lingual, tão preocupado com uma pronúncia excelente, não aborda os padrões suprasegmentais explicitamente por julgar que tais características da língua sejam inconscientemente adquiridas através da repetição exaustiva de seus exercícios.

Além do mais, a impressão superficial que se tem é de que tais padrões não fazem muita falta já que, desde o primeiro aluno brasileiro a aprender inglês até os dias atuais, as pessoas conseguem se comunicar com nativos do referido idioma. Bem ou mal, com facilidade ou com dificuldade, sempre houve comunicação entre brasileiros e falantes de inglês. Embora nunca tenham aprendido sobre os padrões suprasegmentais utilizados na língua alvo de forma explícita, os brasileiros podem ou tê-los adquirido inconscientemente ou, mais provavelmente, estar utilizando os padrões de tonicidade, ritmo e entoação do português do Brasil ao falar inglês. Da mesma forma, muitos americanos que visitam o Brasil frequentemente comunicam-se em português com bastante eficiência sem ter estudado os padrões suprasegmentais do nosso idioma. Essas afirmações levam à hipótese nula de que os desvios no nível suprasegmental apresentados por americanos ao falarem português e por brasileiros ao falarem inglês não causam distúrbios e nem impedem a comunicação.

Observando essa questão sob o prisma de brasileiros com diferentes níveis de domínio do idioma estrangeiro, tem-se que o brasileiro falante de um inglês dito básico, por exemplo, apesar de ser capaz de se comunicar (mesmo que limitadamente), sente muita dificuldade em entender o inglês que ouve – inclusive frases e palavras que já conhece e produz em seu próprio discurso. Os falantes de nível intermediário encontram menos problemas (em quantidade), mas também sentem dificuldade em entender frases e estruturas que, teoricamente, já dominam; e, na mesma escala, estão aqueles que possuem um nível avançado de proficiência na língua inglesa. Em outras palavras, não importa o quanto o brasileiro domine o idioma inglês, sempre há momentos de incompreensão de palavras e frases pertencentes ao seu vocabulário ativo – o que, contudo, não o impossibilita de se comunicar com falantes do idioma inglês.

O ouvinte norte-americano, em contrapartida, também apresenta sinais de dificuldade de compreensão do inglês falado por brasileiros. Seguindo o mesmo prisma utilizado acima, quanto maior o nível de proficiência em inglês que um falante brasileiro apresentar em seu discurso, menor será a dificuldade dos americanos em entendê-lo. Todavia, um aspecto muito interessante para este trabalho é que muitas vezes há ruídos¹ na comunicação sem que haja registro de problemas que impeçam a compreensão das mensagens entre os interlocutores. Esta questão será retomada posteriormente.

Deixando de lado o fator interlingüístico (entre falantes de diferentes idiomas) e adentrando o campo intralingüístico (entre falantes de um mesmo idioma), pode-se afirmar que é inerente ao ser humano julgar as pessoas pela fala. Em certas situações, as pessoas se baseiam exclusivamente na fala de um indivíduo para traçar todo um perfil moral, intelectual e comportamental (Wolfram e Fasold, 1974). Por exemplo, em meios de transporte público, comumente ouvem-se pessoas conversando e, através de suas falas, realizam-se verdadeiras análises de seus caracteres. Ao telefone, costuma-se fazer especulações sobre os falantes até mesmo quanto às suas profissões. Muitas vezes, frases como “É para você. Tem voz de vendedor.” fazem parte do dia-a-dia. É parte do cotidiano do brasileiro expressar seus julgamentos iniciais, ao passar uma ligação telefônica para

¹ - Entender-se-á ruído como qualquer realização lingüística diversa daquela esperada por falantes nativos de um dado idioma, seja no nível gramatical, semântico, segmental ou – neste trabalho, especificamente – suprasegmental. Entender-se-á também que esses ruídos podem interferir na inteligibilidade ou, exclusivamente, na atitude do ouvinte em relação ao falante.

outra pessoa, com frases como “Nossa, pela voz, deve ser um gato!”; “Não o conheço, mas pelo jeito de falar deve ser um chato de galochas”; ou até mesmo “Essa mulher deve ser o cão! Você viu como ela fala?” entre outras. Como resultado deste hábito, cometem-se vários enganos sobre a aparência física daqueles interlocutores que utilizaram meios de comunicação como o rádio e o telefone. Contudo, as conclusões sobre o caráter e a personalidade (Dalton & Seidlhofer, 1994), como também é sabido, são freqüentemente bastante acertadas. De certa forma, pode-se dizer que o erro sobre a questão da aparência deve-se ao fato de exteriorizarmos nossas impressões acerca do falante, ou seja, quanto maior a afinidade, maior a probabilidade de atribuirmos à pessoa com a qual conversamos características físicas julgadas “atraentes” e, quanto menor a afinidade, mais características “não atraentes” seriam associadas.

Muito freqüente também, são as ocasiões em que algumas pessoas não desenvolvem um certo grau de amizade justamente por se perturbarem com o modo como seus interlocutores falam. Os sinais de antipatia variam desde um leve franzir de testa ou o discreto esboçar de um sorriso de esgar, passando por explícitas expressões de desagrado e impaciência – o que demonstra que esses ruídos presentes na fala de um indivíduo são capazes de fomentar uma quebra na comunicação e até instigar o rompimento do processo de comunicação por parte do ouvinte. Retomando exemplos do cotidiano, é comum ouvir comentários como “Não confio nele. Você viu como ele fala?” ou “A fala dela é muito “afetada” para o meu gosto.” Quando esse sentimento é recíproco, o relacionamento pode restringir-se apenas ao coleguismo profissional ou ainda ser suprimido. Nos momentos em que esse sentimento de desagrado provocado pela fala do interlocutor é unilateral, ocorrem situações de “fuga”, e os falantes que apresentam um falar, por assim dizer, “diferenciado” são geralmente evitados. Nesses casos, a tonicidade das sílabas, o ritmo da fala e a entoação utilizada parecem ser fundamentais para a formação de opiniões sobre tais falantes.

1. 2. OBJETIVO

Voltando à questão interlingüística (falantes de idiomas distintos), como acima mencionado, várias vezes ocorrem ruídos na comunicação entre brasileiros e norte-americanos sem que haja registro de problemas que impeçam a compreensão das mensagens entre os interlocutores.

Analizando o caso do falante brasileiro que possui um nível avançado de proficiência na língua inglesa, reputa-se que sua precisão gramatical não causa distúrbio na compreensão da mensagem apesar da constante ocorrência de lapsos – o que também acontece na produção oral de falantes nativos. No entanto, o mesmo não pode ser afirmado sobre sua pronúncia, já que o brasileiro tem que lidar com interferências causadas pela sua língua materna – o que não ocorre com nativos do idioma inglês. Por ter um nível avançado, acredita-se que a produção segmental do falante em questão seja boa, visto que, em algum momento de seus estudos, provavelmente houve instrução (laboratorial ou não) de aspectos do nível segmental – prática usual em escolas de idiomas. Já a sua produção suprasegmental pode vir a pecar em vários sentidos: o ritmo talvez não soe natural aos ouvidos de nativos de inglês; a entoação pode não cumprir a função esperada (visto que utilizam um sistema entoacional diferente para frases afirmativas, negativas e interrogativas); e a escolha da sílaba tônica freqüentemente dá-se de forma errônea.

Portanto, vê-se uma necessidade de estudar o comportamento do ser humano com relação ao sotaque estrangeiro para verificar se esses “erros”² no nível suprasegmental (gerados pelo sotaque nativo do falante) realmente não interferem nas conversas entre brasileiros e americanos no sentido de fomentarem julgamentos equivocados sobre a personalidade, intelecto e comportamento de seus interlocutores enquanto conversam.

Mais precisamente, questiona-se: será que as características suprasegmentais do português do Brasil, quando transferidas para o inglês, fomentam julgamentos e reações negativas nos interlocutores americanos? Ou será que, como prega a hipótese nula, ambos

² - Entender-se-á o termo “erro” como a utilização de quaisquer padrões que não sejam os utilizados pelos falantes nativos de um idioma em questão em uma dada situação e/ou estrutura lingüística e não necessariamente como um padrão conscientemente considerado incorreto e desabonado por esses mesmos nativos.

os padrões suprasegmentais são recebidos pelos interlocutores dos dois idiomas de forma neutra e não causam nenhuma interpretação equivocada de suas características como indivíduos?

As respostas a essas perguntas contribuiriam para estudos sociolingüísticos sobre a interação entre brasileiros e americanos e poderiam ser bastante apreciáveis no campo de ensino de línguas estrangeiras – seja o inglês ou seja o português. Portanto, tais respostas devem ser investigadas de forma a estabelecer se – e o quanto – o uso incorreto dessas características prosódicas peculiares a cada um desses idiomas interfere na relação entre seus povos. Os resultados, além desse objetivo específico, também podem estimular mais um leque de possibilidades de pesquisas nessa área.

1. 3. JUSTIFICATIVA

É notório que existem ruídos freqüentes na interação entre indivíduos de dois idiomas distintos. Tentar desvendar as causas desses ruídos e auxiliar no processo de redução e eliminação dos mesmos, para proporcionar uma melhora na comunicação entre grupos lingüísticos diversos, é objetivo comum entre professores de idiomas, lingüistas e pesquisadores. Para esta pesquisa, escolheu-se o português como uma das línguas a serem comparadas por ser este um projeto realizado no Brasil. O inglês foi escolhido por ser língua universal. Como há muito contato político, econômico e social entre o Brasil e os Estados Unidos, espera-se que os resultados promovam uma forma de melhorar as relações interativas entre brasileiros e estado-unidenses. Os contrastes estão, portanto, baseados entre o português do Brasil - dialeto paulista - e o inglês norte-americano – variante conhecida como *General American*.

Se os resultados corroborarem a hipótese nula, saber-se-á que os aspectos suprasegmentais influenciados pela língua materna do falante não são responsáveis por possíveis ruídos na comunicação entre esses povos e, portanto, haverá a necessidade de

continuar a busca dos fatores que causam os ruídos. No entanto, se os resultados comprovarem que os padrões suprasegmentais influenciados pela interferência da língua materna são causadores (ou pelo menos um dos causadores) de tais ruídos, este trabalho poderá servir de base para reflexões no escopo do ensino de segunda língua e língua estrangeira.

1. 4. ORGANIZAÇÃO

Para a realização deste estudo, comentar-se-ão alguns trabalhos anteriormente desenvolvidos, cujos pesquisadores tiveram por objetivo verificar atitudes de ouvintes nativos a diferentes sotaques (nativos e estrangeiros) bem como resenhar-se-ão alguns autores que versam sobre o efeito que características suprasegmentais atípicas na língua inglesa causam em ouvintes nativos (capítulo II); apresentar-se-ão algumas características de tonicidade, ritmo e entoação do português do Brasil e do inglês norte-americano necessárias para a compreensão do desenvolvimento e dos resultados deste estudo (capítulo III); discorrer-se-á sobre a montagem dos instrumentos e a metodologia para a coleta de dados para este estudo (capítulo IV); analisar-se-ão os dados coletados (capítulo V); e discutir-se-ão as implicações teóricas dos resultados (capítulo VI). Finalmente, dispor-se-ão matrizes dos materiais utilizados para esta pesquisa (apêndices) bem como as referências bibliográficas que fundamentaram a mesma.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A importância deste estudo é melhor compreendida sob a luz de pesquisas sobre o nível suprasegmental. Para tanto, é primordial que se faça um apanhado geral em diferentes áreas de conhecimento (Linguística, Linguística Aplicada, Psicolinguística, Sociolinguística e Sociologia) com as quais este trabalho possa se relacionar, já que o mesmo tem como objetivo estudar reações de atitude aos suprasegmentos.

Muitos autores alegam que há problemas de incompreensão causados por uma pronúncia não padrão¹, por pronúncia incorreta e até exclusivamente por mal uso de suprasegmentais. Alguns argumentos foram selecionados para exemplificar tais justificativas e outros, ainda, para descrever, mesmo que brevemente, alguns estudos realizados nesse âmbito. A fundamentação teórica está, portanto, dividida em duas partes: o posicionamento de alguns autores sobre a interferência do sotaque estrangeiro na comunicação, e um relato de algumas pesquisas realizadas nas áreas de Linguística e Sociolinguística cujas linhas de pesquisa incluam reações de atitude a um sotaque diverso.

2.1 A INTERFERÊNCIA DO SOTAQUE ESTRANGEIRO

Há uma grande polêmica sobre o ensino de pronúncia em geral ser ou não fator fundamental na aprendizagem de um idioma estrangeiro como forma de diminuir a quantidade de ruídos na comunicação entre nativos e não-nativos de uma dada língua. Quando o escopo se reduz ao nível suprasegmental, então, a polêmica torna-se ainda maior. Contudo, certos autores (Hagen & Grogan, 1993; Lado & Fries, 1958; Morley, 1987; Morrow, 1987; Taylor, 1993; Ur, 1996; entre outros) acreditam veementemente que características suprasegmentais (principalmente tonicidade, ritmo e entoação) de um idioma são fundamentais para uma boa interação entre nativos e estrangeiros. Esses

¹ - Entende-se por pronúncia não padrão aquela abonada apenas em certa região ou classe social de um dado país.

conceitos são refletidos em obras dirigidas à área de ensino de línguas e aparecem tanto em questões formais e teóricas quanto em discussões e exemplificações mais pedagógicas.

Alguns autores afirmam a existência de limites mínimos de pronúncia adequada para que haja comunicação. Por exemplo, Celce-Murcia, Brinton e Goodwin, em seu livro *Teaching Pronunciation* (1996), defendem o ensino explícito de pronúncia porque

“O foco na língua como comunicação traz uma nova urgência ao ensino de pronúncia pois há indícios empíricos (...) que exista um nível limiar de pronúncia para não nativos. Caso esse nível não seja alcançado, ocorrerão problemas de comunicação²(...)”³ (p.07)

Ao citar um “nível limiar de pronúncia”, as autoras estabelecem que, não importando o nível de proficiência gramático-lexical do falante, se o seu nível de pronúncia não for suficiente, haverá problemas de compreensão (como outrora afirmado por Avery & Ehrlich, 1994 e reiterado por Lieff, 1996 e Argyres, 1996).

E também, posteriormente, reforçam a idéia de dar ênfase às regras suprasegmentais quando dizem que

“com relação aos suprasegmentos (...), entretanto, o problema de incompreensão pode ser de uma natureza mais séria. Aprendizes que utilizam padrões rítmicos incorretos ou que não unifiquem as palavras de forma apropriada, no mínimo, frustram o ouvinte nativo. Mais seriamente, se esses aprendizes usarem padrões entoacionais impróprios, poderão ser percebidos como abruptos, ou até mesmo rudes; e se a escolha da sílaba tônica e dos padrões rítmicos for muito “não nativa”, esses falantes poderão ser completamente incompreendidos.”⁴ (Celce-Murcia, Brinton e Goodwin, p.131)

Em todo o livro, as autoras descrevem regras e técnicas de aplicação em sala de aula, sempre enfatizando a importância de uma pronúncia clara e distinta – em ambos os níveis segmental e suprasegmental. Com essa contribuição, as autoras fomentam a idéia de ser necessária a redução de características estrangeiras no inglês falado por um não-nativo

² - This focus on language as communication brings renewed urgency to the teaching of pronunciation, since empirical and anecdotal evidence indicates that there is a threshold level of pronunciation for nonnative speakers of English; if they fall below this threshold level, they will have oral communication problems no matter how excellent and extensive their control of English grammar and vocabulary might be.

³ - Tradução minha. Doravante estabelece-se que todas as traduções são de minha autoria.

⁴ - With suprasegmentals and connected speech, however, the misunderstanding is apt to be of a more serious nature. Learners who use incorrect rhythm patterns or who do not connect words together are at best frustrating to the native-speaking listener; more seriously, if these learners use improper intonation contours, they can be

para que este mesmo falante não seja percebido como rude, abrupto, desagradável, etc., ou seja, que não passe impressões negativas a seu respeito só por causa do modo como fala.

Outros autores (Brown, 1995; Dauer, 1993; Gilbert, 1993; Grant, 1993, por exemplo) também realçam o nível suprasegmental como fator principal para um bom entendimento entre interlocutores de diferentes países. Quanto mais corretamente a tonicidade, o ritmo e a entoação forem utilizados, menor serão os problemas de interpretação por parte dos ouvintes nativos. Brown, no livro *Approaches to Pronunciation Teaching* (1995), justifica sua posição citando outros autores:

*“Smith e Nelson (1985), afirmam que problemas de falha na comunicação surgem mais frequentemente devido a questões de compreensão e interpretação do que à inteligibilidade (reconhecimento de palavras). O nível suprasegmental relaciona-se mais com os dois primeiros itens e pode, portanto, ter uma importância muito maior que o nível segmental.”*⁵ (p.11)

Para Brown, portanto, o nível suprasegmental é até mais importante que o segmental e ele afirma que a entoação – sozinha – carrega grande quantidade de informação pragmática. Em seu texto, discorre sobre vários aspectos do ensino de pronúncia objetivando eliminar os mitos e crenças que desmotivam os professores a abordar esse tema em sala de aula.

Ao citar Smith e Nelson (1985), Brown não estabelece relação entre o nível suprasegmental e a inteligibilidade (definindo inteligibilidade como o reconhecimento de palavras em uma elocução). Entretanto, Thornbury (1997), discorda dessa postura. Para Thornbury, a inteligibilidade também é muito afetada por suprasegmentos. Ele argumenta que há um consenso geral de que os aspectos da língua falada (no caso, inglês) mais passíveis de causar problemas de inteligibilidade são aqueles pertencentes ao grupo suprasegmental. Afinal, os aspectos suprasegmentais atuam mais sobre e no discurso que os segmentais pois estes só se referem a sons individuais (p.156). O nível segmental pode ser facilmente detectado como inadequado ou errôneo por nativos de um idioma; contudo,

perceived as abrupt, or even rude; and if the stress and rhythm patterns are too nonnativelike, the speakers who produce them may not be understood at all.

⁵ - Smith and Nelson (1985), quoted above, claim that problems of miscommunication arises more often in terms of comprehensibility and interpretability, rather than intelligibility (word recognition). Suprasegmentals relate more to the former levels and may therefore again be assigned greater overall importance than segmentals.

os suprasegmentos são percebidos como opiniões, crítica, sarcasmo, etc.. e provocariam reações em nativos por estes não estarem cientes que o estrangeiro, na verdade, incorreu em erro na utilização dos padrões e não pretendia passar a impressão que seu sotaque causou. Em sua obra, Thornbury lança mão de atividades de conscientização dos padrões e regras da pronúncia do inglês (entre outros tópicos) para que sejam melhor assimilados.

Uma outra conexão pronúncia-discurso é apresentada por Naiman (1992) ao afirmar que o ensino de pronúncia deve realizar uma troca significativa de informação além do nível da palavra e da oração, visto que a pronúncia está intimamente ligada ao sentido no nível do discurso e deve, portanto, ser apresentada e praticada nesse nível. De uma forma geral, Naiman critica o ensino de pronúncia voltado quase que exclusivamente aos segmentos e palavras isoladas. A prática de pronúncia com exercícios que contenham frases inteiras, orações e textos seria mais adequada porque englobaria os aspectos suprasegmentais utilizados no discurso oral de nativos. Naiman defende a necessidade de ensinar características suprasegmentais de uma língua e enfatiza sua força semântica no discurso. Em outras palavras, reitera que a compreensão do sentido e das funções lingüísticas que o discurso pode assumir depende muito da utilização dos padrões suprasegmentais corretos (ou pelo menos, dos padrões esperados pelos ouvintes nativos). Caso sejam muito diferentes dos esperados, esses padrões podem provocar diversas formas de interpretação por parte do ouvinte e, por conseguinte, reações adversas.

Vários aspectos do nível suprasegmental são mencionados separadamente como causadores de ruídos e incompreensões entre americanos e estrangeiros. Na questão da tonicidade, por exemplo, Kenworthy (1994) declara que nativos da língua inglesa baseiam-se muito na sílaba tônica quando estão na posição de ouvinte e que pesquisas demonstraram que freqüentemente quando um nativo não entende uma palavra, foi porque o estrangeiro errou na colocação da sílaba tônica e não porque não pronunciou os sons da palavra corretamente. Ela também diz que é vital utilizar o ritmo e a entoação da língua estrangeira (no caso, o inglês) para que haja uma boa interação e uma boa percepção das intenções do falante por parte do ouvinte. E ainda avisa:

*“...o efeito da entoação pode ser **cumulativo**; as incompreensões podem ser momentâneas ou irrelevantes, mas se ocorrerem constantemente podem resultar em julgamentos sobre as atitudes, caráter, comportamento, etc.. do falante em questão.⁶”*
(p.19)

Nesse seu livro, a autora engloba questões de inteligibilidade e conscientização da pronúncia correta, bem como apresenta um panorama dos problemas geralmente encontrados na pronúncia de nativos de nove idiomas diferentes ao falarem inglês. Esse tipo de estudo está voltado a professores de inglês como língua estrangeira para que possam focar atividades e elaborar exercícios para eliminar as marcas de cada idioma a fim de que a comunicação, em inglês, seja mais clara.

Esta ênfase na eliminação das marcas de sotaques estrangeiros explicita que essas mesmas marcas já foram responsáveis por problemas de interpretação por parte de falantes nativos de inglês. Contudo, não há referência ao português. A ausência desse idioma poderia ser justificada por vários motivos, entre eles a idéia que os padrões do português não causem problemas de interpretação, como sugere a hipótese nula deste trabalho. Entretanto, em outras obras que também apresentam um panorama dos problemas geralmente encontrados na pronúncia de nativos de idiomas diferentes ao falarem inglês, como em Avery e Ehrlich (1994), o português é citado e os aspectos de tonicidade e ritmo (especialmente para o português do Brasil) são mencionados como causadores de problemas de comunicação. Apesar de não especificarem se há problemas causados pelos padrões de entoação, Avery e Ehrlich discordariam da existência da hipótese nula.

A entoação, segundo outros autores, também afeta a comunicação. O efeito sócio-psicológico negativo de uma entoação incorreta nos ouvintes é reiterado por Crowell (1964) (também Esling e Wong, 1983; Lane, 1993; Orion, 1997; Wallace, 1966) ao afirmar que se o padrão entoacional estiver errado, o ouvinte poderá interpretar mal, ficar confuso e até sentir-se insultado. Ele confere à boa pronúncia a mesma importância designada ao bom uso gramatical, ou seja, quanto maior a precisão, menor será o preconceito.

⁶ - Furthermore, the effect of intonation can be *cumulative*; the misunderstandings may be minor, but if they occur constantly then they may result in judgements about the attitudes, character, ways of behaving, etc.. of a particular speaker.

Na questão da pronúncia em um contexto coloquial, defende-se que o nível suprasegmental é mais importante do que o nível gramatical (Gutknecht, 1990 citando Cook, 1968; Selkirk, 1984) porque a entoação, por exemplo, não é necessária apenas para um bom sotaque mas também funciona como um fator decisivo na habilidade de comunicar-se (Spratt, 1994; Underhill, 1994; Willis, 1993). A entoação, bem como os outros aspectos suprasegmentais, também tem um papel mais importante na comunicação do que os sons individuais, já que a ênfase em certas palavras e a “musicalidade” do falante darão muito mais informações pragmáticas ao ouvinte que a pronúncia correta de cada som (Brown, 1994).

Há, contudo, opiniões divergentes no tocante às reações de nativos do idioma estrangeiro para com o nível de pronúncia. Algumas questões contrárias à atenção dada à pronúncia adequada seriam, por exemplo, o fato de comerciantes e negociantes comunicarem-se “pacientemente” com seus clientes falantes de outras línguas porque seus objetivos são “comprar e vender”, e, para isso, qualquer esforço é válido.

Uma outra vertente é a afirmação de que nativos (no caso, de inglês britânico) não gostam de estrangeiros com um domínio muito elevado do idioma em questão, principalmente, pelo fato de alguns estrangeiros optarem por aperfeiçoar e imitar acuradamente um sotaque pertencente à casta mais alta (no caso, por exemplo, o sotaque conhecido como R.P. – Received Pronunciation –, Medgyes, 1994). Como esses sotaques específicos pertencem a uma minoria dita dominante, a questão social poderia fazer com que os falantes nativos pertencentes a castas inferiores não o recebessem muito bem. Uma pessoa não pertencente à casta mais alta da sociedade britânica que utilizasse o R.P. poderia ser considerada esnobe, por exemplo. Uma fala correta (no caso o R.P.), percebida por ouvintes nativos como inadequada para a situação em que os falantes se encontram ou até mesmo irritante para o ouvinte nativo daquele idioma (Bowen e Marks, 1994), pode provocar danos na comunicação e na relação entre os interlocutores.

Esses mesmos exemplos, no entanto, podem, da mesma maneira, ser utilizados para reforçar a idéia da necessidade de uma boa pronúncia. Afinal, quando indivíduos de um dado idioma conversam com estrangeiros, eles esperam encontrar um pouco de dificuldade (Kenworthy, 1994), mas se os ruídos forem muito freqüentes, esses indivíduos podem passar dos seus próprios níveis de tolerância, irritarem-se, e até arrependem-se

do esforço. Essa reação negativa pode ser notada quando falantes nativos comentam que a fala de um certo estrangeiro soa “estranho” (Lane, 1993⁷).

Essas incompreensões – ou ruídos –, mesmo que momentâneas, preocupam pesquisadores de diferentes campos de atuação no tocante a estrangeiros que residam em países cujas línguas oficiais sejam diferentes de suas línguas maternas, uma vez que esses mesmos ruídos colocam os estrangeiros em desvantagem em relação às suas vidas social e profissional (Argyres, 1996; Dauer, 1993; Morley, 1991). Afinal, os efeitos a longo prazo de uma falta de atenção à pronúncia correta podem ser vistos em contadores, programadores, policiais, telefonistas, engenheiros (Lieff, 1996; Wong apud Morley, 1991) e vários outros profissionais estrangeiros que freqüentam cursos de eliminação de sotaque estrangeiro (como ocorre nos Estados Unidos, por exemplo) para poderem melhor se adaptar às suas vidas profissionais. Logo, uma boa prosódia é a base para um discurso compreensível tanto quanto uma pronúncia inteligível. Os dois elementos são componentes tão essenciais à *competência comunicativa* (Argyres, 1996; Morley, 1991; Bolinger, 1986; Morrow, 1987) que esta não poderá ser considerada satisfatória sem os mesmos.

Como observado, portanto, traços suprasegmentais isolados, quando mal utilizados, são suficientes para causar uma falsa impressão no ouvinte e, quando a má utilização de vários traços ocorre ao mesmo tempo, podem impedir um bom relacionamento entre nativos e não-nativos de um dado idioma. Porém, a dúvida sobre a hipótese nula ainda continua, ou seja, saber *se e o quanto* os aspectos suprasegmentais do português do Brasil ao serem transferidos para o inglês (e vice-versa) influenciam a atitude do ouvinte nativo para com o falante.

⁷ - “Research has shown that a heavy accent can trigger a negative impression from native speakers. We often

2.2 PESQUISAS AFINS

Há, na literatura, várias pesquisas realizadas com o intuito de investigar a reação sócio-psicológica de indivíduos a uma pronúncia dita não padrão. Essas pesquisas não foram efetuadas tendo como foco somente diferenças especificamente suprasegmentais, mas são de grande valor pois fomentam investigações mais aprofundadas no campo. Tais estudos discorrem sobre reações a um modo de falar específico como, por exemplo, reações físicas (franzir da testa, etc.) ao ouvir uma pronúncia diferente (daquela que o ouvinte utilizaria), gerada por diferenças sociais, regionais e até por diferenças causadas por sotaque estrangeiro.

Algumas pesquisas serão citadas para enfatizar o “preconceito” a um falar diverso, mas apenas os estudos mais similares ao objetivo deste trabalho – reações de atitude geradas por suprasegmentais e/ou reações a falantes brasileiros utilizando o inglês – serão descritos mais detalhadamente.

A postura com relação à língua (language attitude), sob o prisma de que a forma como uma pessoa fala tem implicações diretas no modo como outros reagem a essa mesma pessoa, tem sido investigada por muitos autores (Anderson-Hsieh, Johnson e Koehler, 1992; Chapman, 1998; Esling e Wong, 1983; Giles e Coupland, 1991; Nihalani, 1993; etc.). As pessoas podem ter certas atitudes a outras só porque estas possuem uma fala mais peculiar. Um falar caracterizado como “diferente” (gerado por marcas intralingüísticas – sotaques de diferentes castas sociais, sotaques regionais, etc. – ou interlingüísticas, i. e., sotaques estrangeiros) pode conduzir o ouvinte a conclusões sobre caráter e conduta facilmente refutáveis, mas que, no momento da interação, são bastante desfavoráveis aos falantes.

Vários métodos e técnicas foram criados para estudar tais atitudes e comportamentos, sendo que uma das técnicas mais utilizadas é a técnica de *matched-guise*⁸, desenvolvida por Lambert et al (1960). A técnica constitui-se em um grupo de *juízes* ouvir gravações de indivíduos bilingües (ou bidialetais) lendo um pequeno texto, por exemplo, em uma de

recognize this when we say that a foreigner's accent sounds “funny”.”

⁸ - Por não haver um termo em português que defina essa técnica com a mesma precisão do termo original, em inglês, optou-se por utilizá-lo em itálico em vez de qualquer uma de suas traduções.

suas línguas e, posteriormente, os mesmos indivíduos lendo uma tradução do mesmo texto na outra língua. Sem saberem, no entanto, que estão ouvindo os mesmos falantes usando dois códigos lingüísticos distintos, os *juízes* são instruídos a avaliar os falantes segundo certas características pessoais previamente selecionadas,.

Essa técnica dá acesso a atitudes inconscientes dos ouvintes ao avaliarem cada trecho gravado. Como os juízes não sabem que cada pessoa gravou dois (ou mais) trechos (ou textos) utilizando códigos lingüísticos distintos, avaliam cada trecho como se fosse um indivíduo diferente de todos os outros apresentados na fita. Mais precisamente, como se controlam as variáveis como voz e personalidade ao utilizar o mesmo falante para dois ou mais *guises*⁹, as reações dos ouvintes estarão mais relacionadas à linguagem em questão do que ao indivíduo em particular.

Um exemplo da utilização dessa técnica para avaliar a postura à língua é a pesquisa de Lambert (1967 apud El-Dash, 1973) com relação às diferentes reações de canadenses a homens e mulheres que falavam inglês com sotaques franco-canadense e anglo-canadense. Os resultados revelaram uma diferença de atitude dos juízes para com os mesmos indivíduos dependendo do sotaque utilizado. As reações negativas e positivas ao sotaque franco-canadense alternaram-se dependendo do sexo dos falantes e dos avaliadores.

O *matched-guise* também foi usado para determinar a aceitabilidade do francês local em contraste com o francês europeu e o inglês. Remillard (1972 apud El-Dash, 1973) isolou frases e expressões tipicamente canadenses e outras típicas do francês europeu e as apresentou isoladamente de forma oral e escrita. Os juízes avaliaram o quão adequadas essas frases eram para a comunicação oral em situações sociais em geral e para a comunicação escrita. O *matched-guise* é utilizado para pesquisas entre várias línguas em diversos países como no Peru, onde essa mesma técnica foi usada (Wölck, 1973) para determinar as atitudes dos peruanos ao espanhol e ao quíchua – primeira língua para a maioria da população.

Uma importante pesquisa (Seligman et al., 1972), realizada nos Estados Unidos, identificou a forma de falar (*speech style*) como um fator crucial na avaliação de alunos por parte de professores, mesmo quando apresentadas outras informações como uma

⁹ - Ver nota de rodapé número 8.

fotografia supostamente dos alunos e alguns de seus trabalhos escolares. Vários itens como fotografias, testes, redações (conteúdos distintos, grafias variadas), etc. foram manipulados durante as avaliações, ou melhor, à mesma gravação de um dado aluno foram anexadas diferentes fotos e trabalhos para que os professores fossem influenciados pela aparência. Mesmo assim, as classificações mais baixas continham as falas mais alheias ao sotaque padrão.

Um estudo contrastivo, ainda nos Estados Unidos, entre um sotaque regional e o padrão (Luhman, 1990) demonstrou a complexa relação entre os sentimentos de solidariedade e status entre o sotaque americano padrão e o sotaque de Kentucky. Apesar do sotaque padrão estar ligado ao status, o sotaque regional provocou reações mais favoráveis do que o padrão na questão da solidariedade.

Na Inglaterra, um experimento (Giles e Coupland, 1991) também ligado a reações de atitude investigou a diferença entre um comando dado com o sotaque britânico denominado RP (received pronunciation) e o mesmo comando dado com o próprio sotaque local. Um aviso foi dado ao público de um teatro por um mesmo falante usando dois sotaques diferentes: o sotaque local e o RP. Notou-se que as pessoas acataram o aviso mais rapidamente quando o sotaque RP foi utilizado.

A técnica de *matched-guise* também foi usada para estudar, no nível suprasegmental, a diferença entre a interpretação de uma frase (do tipo “rise-fall-rising” ou $L^* + H L H\%$) como expressão de incerteza ou descrédito (Hirschberg e Ward, 92). Frases com o padrão acima citado foram gravadas duas vezes: uma expressando incerteza e a outra expressando descrédito. Posteriormente, as gravações foram digitalizadas e as características de amplitude, duração, frequência fundamental (pitch) e aspectos espectrais das frases de “descrédito” foram transferidas para as frases de “incerteza”. As novas frases foram ouvidas e avaliadas por juízes nativos do idioma. Como resultado, verificou-se que a frequência fundamental é o aspecto determinante para a interpretação de uma frase como expressão de incerteza (tessitura mais baixa) ou de descrédito (tessitura mais elevada).

Todos esses trabalhos trataram da reação social entre indivíduos nativos de um mesmo idioma. No entanto, se há diferença de tratamento entre indivíduos oriundos de classes distintas dentro de uma mesma sociedade, então certamente há diferença de

tratamento entre indivíduos advindos de nações diversas e com sotaques ainda mais pronunciados. As próximas pesquisas, então, tratarão da influência que um sotaque estrangeiro pode provocar em uma determinada língua e nos indivíduos nativos dessa língua.

No Egito, utilizou-se o *matched-guise* (El-Dash, 1973) para avaliar a percepção de egípcios quanto ao uso apropriado de cada um de cinco códigos lingüísticos falados correntemente naquele país (árabe coloquial, árabe clássico, inglês egípcio, inglês britânico e inglês americano). O estudo analisou as deduções dos sujeitos sobre o nível educacional e profissional, características da personalidade dos falantes e o quão apropriado o código empregado em cada *guise* era para dadas situações. Como resultado, percebeu-se que o árabe clássico era preferido em todas as situações (exceto em uso doméstico), seguido pelo inglês americano/britânico até o árabe coloquial (sendo este último preferido apenas para uso doméstico).

Esser (1978) analisou contrastivamente a entoação de duas línguas – a língua inglesa e a língua alemã – e sugere que alguns aspectos dos padrões prosódicos do indivíduo alemão aprendiz de língua estrangeira (no caso, o inglês) podem ser explicados pelo sistema da língua materna. Esser nota que a interferência ocorre porque os modais em alemão estão ligados à entoação para expressar certas funções enquanto que em outras línguas (no caso, o inglês) só a entoação é usada para as mesmas funções. Em outras palavras, para expressar surpresa, por exemplo, o alemão utiliza-se da entoação apropriada juntamente com a inclusão de uma partícula modal (no caso, “ja”, por exemplo), enquanto que, em inglês, somente a entoação é utilizada para a referida função. Sistemas de pontuação gráfica diferentes também geram interferência: vírgulas que em alemão são usadas para demarcar orações subordinadas e que não são necessárias em inglês causam uma pausa no falar do aprendiz alemão que não é esperada pelo ouvinte nativo de inglês. Além disso, em inglês observou-se que o nível de pitch e o posicionamento (no caso, alternado) do acento tônico diferenciam verbos preposicionados dos chamados *phrasal verbs* - fato não muito claro para alemães aprendizes de inglês.

Outro estudo, sobre o posicionamento da sílaba tônica em inglês por aprendizes árabes (Anani, 1989), indicou que os aprendizes estruturavam as palavras em inglês de acordo com as regras fonológicas de sua língua nativa. Anani comparou seis jordanianos

falantes de inglês a seis americanos com a finalidade de testar a produção correta de três tipos de palavras: a) palavras com duas e três sílabas terminando em sílaba pesada¹⁰; b) palavras com a penúltima sílaba leve e a última pesada; e c) palavras com uma vogal curta na penúltima sílaba. Todos os jordanianos seguiram as regras de posicionamento de sílaba tônica do árabe - que ditam que sílaba final pesada recebe acento. Como resultado, os jordanianos pronunciaram todas as palavras como oxítonas, enquanto que os americanos as pronunciaram com o acento tônico na sílaba apropriada.

Essa questão de tonicidade pode provocar um efeito negativo no ouvinte nativo de inglês como dito anteriormente (Kenworthy, 1994). Um estudo desenvolvido a partir de um teste de julgamento da pronúncia de estrangeiros chamado “teste SPEAK” (Anderson-Hsieh, Johnson e Koehler, 1992) confirmou que características suprasegmentais de outras línguas, quando utilizadas por um indivíduo ao falar inglês, causam uma má impressão em ouvintes nativos. Uma análise de sessenta falantes mostrou que vários aspectos da pronúncia (suprasegmentos, estrutura silábica e qualidade de voz) alteraram a impressão do nativo com relação ao falante e que as características prosódicas não nativas provocaram uma forte influência negativa nos resultados – quanto mais sotaque apresentaram, menor a classificação obtida.

No mesmo âmbito, Papaefthymiou-Lytra (1987) efetuou uma revisão de problemas de produção segmental e suprasegmental que surgem quando gregos falam inglês e observou que, com relação à tonicidade, os gregos tendem a produzir somente o acento primário, uma vez que em grego moderno só há esse tipo de acento¹¹. Com relação ao ritmo, mencionou-se que a natureza do ritmo silábico do grego faz com que os gregos tentem reproduzir esse mesmo sistema no inglês. Ainda mais, os gregos podem ter dificuldade em perceber e produzir vogais reduzidas porque tal redução não é uma característica do grego moderno. Quanto à entoação, o estudo afirma que “o uso de um padrão “high falling” onde o inglês usaria um padrão “low rising” pode fazer com que os gregos soem um tanto abruptos e mal educados.”(p. 107)

Ainda com relação à influência do sotaque grego no inglês, Argyres (1996), em sua tese de mestrado, estudou o efeito dos padrões prosódicos de entoação do grego moderno

¹⁰ - Entende-se por sílaba pesada, qualquer sílaba formada por CVV (consoante, vogal, vogal), CVS (consoante, vogal, semivogal) e CVC (consoante, vogal, consoante).

¹¹ - Em inglês há um outro acento chamado secundário, presente em muitas palavras.

utilizados por gregos ao falarem inglês (transferência da língua materna para a língua estrangeira). Para tanto, ela gravou quatro falantes – duas americanas e duas gregas. As americanas foram gravadas lendo dez perguntas do tipo “yes-no” e, posteriormente, lendo as mesmas perguntas expressando surpresa/dúvida. As gregas foram gravadas lendo as mesmas dez frases interrogativas. (Foi solicitado às falantes gregas que utilizassem o padrão entoacional grego enquanto liam as perguntas). As voluntárias gregas também foram gravadas lendo sentenças em grego moderno. Todas as frases foram digitalizadas e analisadas. O resultado das análises revelou que o padrão entoacional grego para perguntas do tipo “yes-no” assemelha-se muito ao padrão entoacional americano quando querem expressar surpresa/dúvida.

Como próximo passo, Argyres utilizou 48 perguntas do tipo “yes-no” sendo 12 com entoação padrão, 12 com entoação de surpresa/dúvida e 24 com entoação grega. As perguntas foram gravadas em uma sequência aleatória e ouvidas por 21 juízes, todos americanos e alunos da Universidade da Califórnia em Los Angeles. Os ouvintes deveriam assinalar duas opções para cada pergunta. A primeira opção era marcada com relação ao estado do falante variando entre *neutral*, *mildly surprised*, *very surprised*, *impatient*, *friendly*, *sarcastic* e *other*, com uma lacuna para o juiz preencher¹². A segunda opção era escolhida com relação a como o juiz se sentia ao ouvir cada pergunta variando entre *neutral*, *nervous*, *uncomfortable*, *comforted*, *reassured* e *other*, também com uma lacuna para o juiz preencher¹³. Mais uma vez, os dados foram processados e analisados.

Os resultados confirmaram a semelhança entre o padrão entoacional grego utilizado para perguntas “yes-no” e o padrão entoacional americano que expressa surpresa/dúvida para o mesmo tipo de pergunta. Na verdade, o padrão grego obteve uma resposta mais negativa por parte dos ouvintes que o padrão surpresa/dúvida. Os dados também comprovaram que os americanos tomam os gregos como rudes e mal-educados quando verbalizam perguntas do tipo “yes-no” porque soam como se estivessem pondo em dúvida a palavra do interlocutor americano. Portanto, na comunicação entre gregos e americanos, a entoação (característica suprasegmental aqui estudada) provoca ruídos que levam os americanos a interpretar seus interlocutores gregos de forma equivocada. Argyres conclui que o conhecimento obtido na sua pesquisa sobre a fonética da transferência prosódica é

¹² - neutro, um pouco surpreso, muito surpreso, impaciente, cordial, sarcástico, e outro.

fundamental para identificar áreas nas quais dificuldades de comunicação possam existir entre nativos e não-nativos.

Com relação a pesquisas que estudam a influência dos padrões prosódicos do português do Brasil aplicados no inglês, Silva (1999) investigou problemas de inteligibilidade causados por brasileiros com nível intermediário de inglês ao serem ouvidos, falando inglês, por diferentes estrangeiros. Seu objetivo era o de avaliar quais características do inglês falado por brasileiros, que apresentam um nível dito intermediário de proficiência, dificultam a compreensão quando da interação com estrangeiros. Para tanto, ele gravou três brasileiros (com nível intermediário de proficiência em língua inglesa) lendo, em inglês, textos curtos, com teor humorístico. Esses textos foram ouvidos duas vezes por juízes estrangeiros. Os juízes – doze estrangeiros de nove países diferentes – foram instruídos a somente ouvir na primeira vez. Na segunda vez, deveriam ouvir e acompanhar com o texto escrito e, posteriormente, foram instruídos a marcar quais palavras não entenderam e o porquê (se conseguissem verbalizar) de não tê-las entendido.

Em seu estudo, Silva limitou-se a analisar a pronúncia das palavras e o único aspecto suprasegmental abordado foi a tonicidade. Silva afirma, em sua pesquisa, que não abordaria aspectos suprasegmentais porque características suprasegmentais do português do Brasil (variante carioca) não causam distúrbios em falantes de inglês por ambas as línguas partilharem certos padrões de tonicidade e entoação. Os resultados obtidos limitaram-se a alguns aspectos de produção segmental, como a inclusão de vogal de apoio e a redução da qualidade da vogal e, de forma menos enfática, a questão suprasegmental da tonicidade (referindo-se exclusivamente ao posicionamento do acento primário).

Entretanto, há alguns pontos obscuros da pesquisa de Silva que devem ser mencionados. Primeiramente, cumpre lembrar que sua pesquisa restringiu-se a doze juízes de nove países diferentes – e nenhum de língua inglesa. Logo, seus achados não se aplicam, necessariamente, a falantes nativos do inglês. Segundo, a sua generalização de que as regras suprasegmentais do português do Brasil não causam distúrbios em falantes de inglês pelo fato de ambas as línguas partilharem certos padrões de tonicidade e entoação parece um pouco infundada, já que o autor não menciona quais são os padrões

¹³ - neutro, tenso, não à vontade, à vontade, confiante, e outro.

encontrados em ambas as línguas. Além do mais, partilhar “certos padrões” não implica em ausência de distúrbios na comunicação já que, se há ruído, este deve ser provocado justamente pelos padrões não partilhados por ambos os idiomas. Deve-se lembrar, também, que o nível suprasegmental abarca outros aspectos além de tonicidade e entoação. Questiona-se, então, se uma replicação dessa pesquisa obteria os mesmos resultados caso fosse efetuada com falantes nativos de inglês como juízes e se estes não seriam influenciados pelo nível suprasegmental da fala dos brasileiros.

Mantendo-se, ainda, na discussão acima sobre a entoação ser ou não fator causador de ruído na comunicação entre brasileiros e falantes do inglês, tem-se Keys (1999) que afirma estarem os padrões de tonicidade e entoação presentes em uma “clara área de interferência” (p. 42) das línguas (no caso, brasileiros falando inglês). Keys coordena uma pesquisa sobre interlíngua na Universidade Federal de Minas Gerais. Em seu artigo, há a descrição de achados em ambos os níveis segmental e suprasegmental e a menção que, embora o ensino de pronúncia esteja mais voltado a uma pronúncia inteligível que a uma imitação perfeita do nativo, “o Brazilian English (tal como geralmente falado por brasileiros) é uma forma mais que inadequada da língua alvo (o inglês)”. Infelizmente, em seu artigo, não há nenhuma explicação pormenorizada ou justificativa para tal afirmação. Se Silva (anteriormente citado) peca ao não justificar a afirmação que os suprasegmentos do português do Brasil não causam distúrbios na comunicação com nativos do inglês, deve-se dizer que Keys também peca ao não explicar o porquê de o “Brazilian English” ser uma forma mais que inadequada do inglês.

Enfocando a questão de reações de atitude ao sotaque estrangeiro, um estudo realizado em alunos de escolas públicas de uma região de Campinas (El-Dash e Busnardo, 2001) explorou os níveis de solidariedade e status que alunos de 7ª, 8ª (ensino fundamental) e 1ª (ensino médio) séries teriam para com uma língua estrangeira (no caso, o inglês). Para tanto, dois brasileiros, dois americanos e dois britânicos foram gravados contando anedotas ou experiências pessoais em inglês e em português. Uma fita foi montada com uma narrativa de cada um dos falantes em cada uma das duas línguas (inglês e português). A fita foi então ouvida por 148 alunos-juízes, que marcaram suas impressões em um formulário com pares de adjetivos (com significados opostos) separados por sete lacunas. Posteriormente, esses mesmos alunos responderam a um

questionário para coleta de opiniões explícitas sobre ambos os idiomas (inglês e português) e seus respectivos falantes nativos.

Ao analisar os dados coletados, conseguiu-se identificar quatro grupos: um aferiu maiores índices de solidariedade e status aos *guises* em português; outro demonstrou maior índice de solidariedade aos *guises* em português e maior índice de status aos *guises* em inglês; um terceiro grupo atribuiu maior índice de solidariedade ao inglês e maior índice de status ao português; e o último grupo conferiu ao inglês os maiores índices de solidariedade e status. De forma geral, metade dos sujeitos favoreceu a língua estrangeira em ambos os aspectos (solidariedade e status). Segundo as pesquisadoras, a quantidade de juízes que favoreçam o inglês no quesito status pode aumentar conforme esses mesmos juízes forem chegando à idade adulta por causa da influência desse idioma na vida profissional e acadêmica. O resultado descrito para o quesito solidariedade foi surpreendente e motiva questões sobre a identidade social dos jovens brasileiros. Talvez o resultado, segundo as autoras, possa ser atribuído ao mundo imaginário conectado à língua inglesa que é exibido nos meios de comunicação.

As três pesquisas realizadas no Brasil aqui apresentadas lidaram com um único grupo lingüístico como juiz, ou seja, uma pesquisa relatou impressões de “não-nativos” de português (que também eram “não-nativos” de inglês) ao ouvirem brasileiros falando inglês; outra descreveu percepções ao “inglês brasileiro” por nativos do inglês; e a terceira, reações a ambas as línguas por nativos brasileiros. Seria interessante, contudo, averiguar se a reação de dois povos (no caso, brasileiros e americanos) seria similar se uma mesma investigação fosse efetuada paralelamente nos dois grupos lingüísticos. Ou seja, de forma mais explícita, se dois estudos com o mesmo objeto de investigação – no caso, reações de atitude a sotaque suprasegmental estrangeiro – fossem realizados paralelamente (um no Brasil e o outro nos Estados Unidos) e, posteriormente, tivessem seus resultados comparados para constatar se os dois grupos lingüísticos têm as mesmas reações de atitude com relação ao sotaque suprasegmental estrangeiro.

No Brasil, existem poucas pesquisas sobre o efeito que padrões suprasegmentais, ao serem aplicados em uma outra língua, teriam na atitude do ouvinte para com um dado falante. Não há registro de estudo tão específico como o de Agyres (1996) e nenhum que utilizasse dois grupos lingüísticos (no caso, brasileiros e americanos) como juízes, em

estudos paralelos, para averiguar se os resultados seriam iguais para ambos os povos. Uma investigação nesta área do conhecimento traria novas contribuições e fomentaria estudos mais específicos e mais aprofundados.

CAPÍTULO III

ASPECTOS SUPRASEGMENTAIS

3. 1. DEFINIÇÃO

Neste capítulo, serão abordados os padrões suprasegmentais de ambas as línguas que servirão de base para a pesquisa. A meta não será a de descrever todos os aspectos suprasegmentais do português do Brasil e do inglês norte-americano exaustivamente, mas sim, descrever certos aspectos da língua 1 – seja o português, ou seja o inglês – que geralmente são transferidos para um idioma estrangeiro durante o processo de aprendizagem.

3.1.1. ACENTO

Tanto a língua portuguesa quanto a língua inglesa apresentam padrões puramente fonêmicos e padrões morfo-fonêmicos (Hayes, 85) para a acentuação tônica de suas palavras. Ambas apresentam um padrão *default* de acentuação (paroxítona) e vários outros padrões que, no caso do português, são facilmente percebidos na forma escrita devido ao uso da acentuação gráfica.

Para a montagem deste estudo, os padrões morfo-fonêmicos não foram levados em consideração por geralmente não serem transferidos de uma língua para outra já que o nativo de um dado idioma não encontrará, com a mesma grafia, no idioma estrangeiro, prefixos e sufixos que ditem o posicionamento do acentoônico de seu próprio idioma.

Na questão do padrão *default*, tem-se que ambas as línguas possuem, como *default*, a acentuação tônica paroxítona. Esta coincidência auxilia ambos os nativos durante a aprendizagem da outra língua como LE. Contudo, há uma variação na formação desse

padrão que leva os nativos a posicionar o acentoônico de forma equivocada em palavras que terminem em sílaba pesada (cvv ou cvc).

Para efeito de exemplificação, descreve-se aqui uma forma simplificada do padrão *default* do português brasileiro, ou seja, uma generalização que determina quando uma palavra deve ser paroxítona e quando deve ser oxítona - ambos os casos, ressaltando, sem marcação ortográfica do acento. Uma forma simplificada do padrão *default* do inglês norte-americano também será apresentada. A generalização para o padrão português foi adaptada de Bisol (1996) e a generalização para o padrão inglês foi adaptada de Giegerich (1995). Segundo as formas simplificadas abaixo descritas, a sílaba de cada palavra que possuir o maior número de asteriscos (verticalmente ordenados) será a sílaba tônica.

Tendência do acento em português

- 1 - Projete, na linha zero, um asterisco (*) na última sílaba se esta for pesada (= sílaba de rima ramificada – cvV ou cvC).
- 2 - Projete, na linha zero, um asterisco (*) para cada sílaba, inclusive a última.
- 3 - Estabeleça, na linha zero, constituintes binários da direita para a esquerda.
- 4 - Projete, na linha 1, o elemento à esquerda em cada constituinte.
- 5 - Projete, na linha 2, o elemento da linha 1 que estiver mais à direita.

Tendência do acento em inglês

- 1 - Projete, na linha zero, um asterisco (*) para cada sílaba, inclusive a última.
- 2 - Estabeleça, na linha zero, constituintes binários da direita para a esquerda.
- 3 - Projete, na linha 1, o elemento à esquerda em cada constituinte.
- 4 - Projete, na linha 2, o elemento da linha 1 que estiver mais à esquerda.¹

¹ - Deve-se ressaltar que os padrões apresentados acima só se aplicam a um número limitado de palavras e que há diversas outras particularidades das marcas de acento em ambas as línguas tais como extrametricidade, sufixos que provocam o deslocamento do acentoônico e outras marcas morfo-fonêmicas como diferentes padrões para verbos e substantivos, além de

Dessa forma, a decisão sobre o posicionamento da sílaba tônica poderá ser equivocada sempre que a palavra terminar em sílaba pesada ou se a palavra possuir quatro sílabas ou mais. Mais uma vez, para exemplificar como esse processo pode acontecer, segue uma montagem de grades métricas (Liberman, 75 apud Kagér, 95 In Goldsmith, 95; Nespor & Vogel, 86), ditadas pelos padrões acima, de algumas palavras portuguesas e inglesas. Às palavras apresentadas serão aplicados os dois padrões para que fique claro como o acento pode ser equivocadamente posicionado.

Palavras em português:

Padrão brasileiro

*
(* *)
carro

*
* (**)
correu

*
* (* *)
estante

*
* *
(* *)(**)
di ri gir

*
* *
(* *)(* *)
mortadela

*
* *
* (* *)(**)
mo di fi car

Padrão americano

*
(* *)
carro

*
(* *)
correu

*
* (* *)
estante

*
* (* *)
di ri gir

*
* *
(* *)(* *)
mortadela

*
* *
(* *) (* *)
mo di fi car

palavras oriundas de outras línguas cujos acentos originais foram mantidos, mas, como dito anteriormente, essas marcas geralmente não são transferidas da língua materna para a língua estrangeira e, portanto, fogem do âmbito desta pesquisa.

Palavras em inglês:*Padrão americano*

*
 (* *)
 funny

*
 (* *)
 midnight

*
 * (* *)
 vanilla

*
 * (* *)
 distribute

*
 * *
 (* *)(* *)
 pe da go gy

Padrão brasileiro

*
 (* *)
 funny

*
 * (**)
 midnight

*
 * (* *)
 vanilla

*
 * *
 (* *)(**)
 distribute

*
 * *
 (* *)(* *)
 pe da go gy

As grades acima mostram que a falta de conhecimento dos padrões fonológicos da língua estrangeira levam tanto os falantes brasileiros a marcar o acento *default* do português brasileiro nas palavras inglesas quanto os americanos a marcar o acento *default* do inglês americano nas palavras portuguesas.

Esta influência da L1 sobre a L2 pode não só marcar o sotaque estrangeiro do falante como também causar problemas de comunicação. Na questão do inglês como L1 e do português como L2, o mau posicionamento da sílaba tônica, na maioria das vezes, apenas marca o sotaque estrangeiro já que há poucos pares de palavras cuja única diferença seja o posicionamento do acento. Possivelmente, o estrangeiro de origem inglesa pode vir a ter ou a causar problemas de identificação de tempo verbal (falaram/ falarão, etc.) e de poucas palavras (sábua, sabia, sabiá, como por exemplo) ao falar português.

Ao ter o português como L1 e o inglês como L2, contudo, o problema se agrava visto que nativos de inglês apoiam-se muito no posicionamento da sílaba tônica para identificar a palavra (Kenworthy, 94; Lea, 77) e se o acento for colocado em uma outra sílaba, pode

ser bastante difícil para o nativo reconhecer a palavra em questão. Por exemplo, se “written” (escrito) receber acento na última sílaba, poderá ser identificado como “retain”(reter); se “comfortable” (confortável) também receber acento em sua última sílaba, será reconhecida como “come for a table” (venha para uma mesa); além dos casos de verbos e substantivos que só se diferenciam no posicionamento do acento como, por exemplo, “contract” (como paroxítona significa contrato e como oxítona significa contrair).

Vê-se, portanto, que pouco ou muito, o posicionamento incorreto do acento tônico sempre criará ruído na comunicação e, dependendo de como o nativo de um dado idioma se apoie nessa característica suprasegmental para a identificação das palavras, esse ruído pode ou não causar uma ruptura momentânea no processo da comunicação.

3.1.2. RITMO

Entende-se como ritmo a saliência simétrica de certas sílabas em relação às outras. Essas saliências sonoras (popularmente chamadas de “batidas”) aparecem em combinações harmônicas e proporções regulares (Cagliari, 81). Duas propriedades essenciais no processo da percepção do ritmo são a repetição e a expectativa do ouvinte nativo (Kenworthy, 94). Há dois tipos de línguas quanto ao ritmo: línguas de ritmo silábico e línguas de ritmo acentual. Nas línguas de ritmo silábico, como o francês e o japonês, todas as sílabas, tônicas e átonas, têm uma duração aproximadamente igual. Já nas línguas de ritmo acentual, como o português e o inglês, certas sílabas são acentuadas no enunciado. Essas sílabas acentuadas também ocorrem em intervalos de duração aproximadamente iguais. As sílabas não acentuadas, portanto, têm suas durações reduzidas em relação à duração das sílabas acentuadas.

Uma forma de perceber a duração das sílabas é a utilização de moras. A mora mede a extensão das pulsações torácicas e também mede pausas breves que correspondem aproximadamente à realização de uma sílaba (Cagliari, 81). As moras podem ser definidas como: ultra-longa, longa, média, breve e ultra-breve. Palavras isoladas geralmente apresentam moras longas e breves e, no enunciado, algumas sílabas podem

apresentar moras ultra-longas ou ultra-breves dependendo do significado que foi atribuído às mesmas. Em outras palavras, a ênfase a certas palavras pode fazer com que uma sílaba seja produzida com mora ultra-longa independentemente de essa sílaba ser tônica ou não. Da mesma forma, sílabas de palavras que não estejam sendo enfatizadas podem ser reduzidas a moras ultra-breves.

Voltando à questão da comparação entre o inglês e o português, tem-se mais uma vantagem para os falantes de ambos os idiomas. Como tanto o inglês quanto o português são línguas de ritmo acentual, nativos de ambos os idiomas deveriam ter facilidade em aprender o ritmo típico da outra língua. Contudo, observa-se que isso não acontece.

Muitos autores norte-americanos e britânicos (Bowen & Marks, 94; Dalton & Seidlhofer, 94; Lane, 94; Underhill, 94; por exemplo) mencionam línguas de tempo de duração silábico (syllable-timed) e de tempo de duração acentual (stress-timed) para explicar esse fenômeno. Porém, se o termo “tempo de duração” for utilizado como sinônimo de “ritmo”(Almeida Fº & Schmitz, 98), chegar-se-á ao mesmo ponto, ou seja, muitos falantes de línguas de tempo de duração acentual não falam inglês com o mesmo ritmo característico da língua inglesa, como é naturalmente esperado pelo ouvinte nativo (Chela-Flores, 94). Contudo, se o termo “tempo de duração” não for entendido como um sinônimo de “ritmo”, mas, sim, como uma característica específica de cada idioma que, quando somada a outras características, cria o ritmo peculiar daquele idioma (Cagliari, 81), pode-se observar que falantes brasileiros e falantes americanos têm um tempo de duração diferente para as sílabas não acentuadas. Dessa forma, percebe-se que o padrão rítmico final de ambos os idiomas são diferentes entre si apesar de serem duas línguas de ritmo acentual porque o padrão rítmico do português do Brasil é mais influenciado pelas sílabas não acentuadas que o padrão rítmico do inglês (Rameh, 62).

Para exemplificar, as duas frases abaixo serão comparadas quanto ao número total de sílabas, número de sílabas acentuadas e tempo de duração.

Ela teria acordado mais cedo se notasse a falta de tempo.

She would have woken up earlier if she had been aware of her lack of time.

Começando pelo número de sílabas acentuadas (em palavras de conteúdo²), ambas as frases contêm cinco acentos (acorDAdo, CEdo, noTAsse, FALta, TEMpo, woken UP, EARlier, aWARE, LACK e TIME). Sobre qual sílaba acentuada recebeu mais ou menos acento (moras ultra-longas ou longas) em relação a uma outra sílaba acentuada não será discutido no momento. A frase em português tem um total de 22 sílabas e a frase em inglês perfaz um total de 20 sílabas. Entretanto, no enunciado, a frase em português pode contrair-se a 21 sílabas (teri-a-cordado) e a frase em inglês pode contrair-se a 19 (wok-nup), 18 (wok-nup, she'd been), 17 (would've, wok-nup, she'd been), ou até mesmo a 16 (she'd've, wok-nup, she'd been) sílabas.

Esse é exatamente o ponto em que ambas as línguas divergem, ou seja, na duração de tempo das sílabas não acentuadas. Em português, as sílabas não acentuadas geralmente apresentam moras breves enquanto que, em inglês, as sílabas não acentuadas têm seu tempo de duração tão reduzido que podem ser pronunciadas em um tempo ultra-breve (com redução da qualidade da vogal para o som vocálico “schwa”) ou até mesmo ser incorporadas pelas sílabas adjacentes (com a elisão de consoantes e/ou vogais).

Para efeito visual da comparação sobre o que ocorre no enunciado, as mesmas frases serão descritas abaixo seguindo o padrão nativo e, posteriormente, o padrão estrangeiro da seguinte forma:

- moras ultra-longas e longas serão representadas por letras maiúsculas;
- moras breves serão representadas por letras minúsculas; e
- moras ultra-breves serão representadas por tamanho de letra reduzido.

Ela teria acordado mais cedo se notasse a falta de tempo.

ela teriacorDAdo mais CEdo se noTAsseaFALta de TEMpo (port.)³

ela teriacorDAdo mais CEdo se noTAsse a FALta de TEMpo (inglês)

² - Entende-se como palavra de conteúdo (content word) aquela que possui significado próprio – substantivos, verbos, advérbios, adjetivos, pronomes interrogativos e demonstrativos. Esse grupo de palavras opõe-se ao grupo de palavras ditas funcionais (function words) – artigos, preposições, pronomes e conjunções – que, por sua vez, podem servir como substitutas das palavras de conteúdo; como ponte (conector) entre palavras de conteúdo e realizam relações gramaticais e sintáticas (Avery e Ehrlich, 1994; Celce-Murcia et al, 1996). Optou-se por analisar apenas as sílabas tônicas em palavras de conteúdo por serem mais longas que as sílabas tônicas das palavras funcionais.

³ - Em português também há a possibilidade de se utilizar moras ultra-breves, mas a frequência do uso de ultra-breves é bem menor que em inglês (Cagliari, 1981; Rameh, 1962) – o que ainda mantém a impressão que o

She would have woken up earlier if she had been aware of her lack of time.

she wouldve wokNUP EARlier if shed beenaWARE ofer LACK of TIME (inglês)

she wouldve wokeNUP EARlier if shed beenaWARE ofer LACK of TIME (port.)

Como se observa visualmente, tendo em mente a correlação entre o tamanho da fonte e o tipo de mora, o falante brasileiro acaba produzindo um espaço de tempo maior entre suas sílabas acentuadas que o falante americano e isso faz com que soe estranho para ouvintes nativos de inglês. Ao falar português, o falante americano não causará má impressão nem duplo sentido visto que o sentido de um enunciado em ambas as línguas geralmente é modificado quando se dá ênfase a palavras (por prolongamento do tempo de duração das sílabas, por exemplo) fora da expectativa do ouvinte nativo e não quando essas palavras são pronunciadas de forma reduzida.

3.1.3. ENTOAÇÃO

A entoação pode ser descrita como o efeito sonoro da somatória de vários aspectos da fala como tom, tessitura, variação melódica e ritmo (Beckman, 90; Cagliari, 81; Couper-Kuhlen e Selting, 96; Cruttenden, 81; Ladefoged, 93; Lass, 93; Laver, 94; Pike, 60; Rizzo, 81) que, como um todo, carrega sentido e significado próprios. Os padrões entoacionais podem expressar significados semanticamente diferentes para um mesmo enunciado dependendo de como esses vários aspectos forem produzidos por um mesmo falante (Bolinger, 89; Brown et al, 80; Cagliari, 81; Chapman, 98; Cruttenden, 97; Johns-Lewis, 86; Rameh, 62; Rizzo, 81; Wennerstrom, 94).

Os tons ou padrões entoacionais são determinados pela frequência fundamental (F0) e são classificados como alto ou baixo (Taylor, 93; Pierrehumbert, 87). A descrição dos padrões entoacionais varia de autor para autor. Alguns preferem descrever tais padrões utilizando apenas dois níveis tonais: alto e baixo (como em Pierrehumbert & Hirschberg, 90); há aqueles que utilizam três níveis tonais: alto, médio e baixo (Rameh, 62, por

brasileiro, ao falar inglês, está dando muita ênfase desnecessária a certas palavras, podendo até vir a alterar o

exemplo); outros preferem trabalhar com quatro níveis: extra-alto, alto, médio e baixo (como Cavalcanti, 77); e há, ainda, outros autores que preferem especificar cinco níveis tonais: alto, meio-alto, médio, meio-baixo e baixo (como em Cagliari, 81).

Todas essas opções de níveis tonais, com maior ou menor variação, demonstram a variação melódica típica de cada língua, ou seja, o uso de padrões entoacionais específicos que tendem a ser usados em um idioma. A diferença entre a variação melódica e a tessitura é que a variação melódica envolve a escala geral utilizada pelos falantes de uma mesma língua enquanto que a tessitura atém-se à extensão da escala melódica de um dado falante. Por terem aparelhos fonadores distintos, alguns falantes costumam apresentar uma escala melódica mais alta do que outros (Cagliari, 81). Portanto, em termos de contraste entre duas línguas, o que marcará um falante como estrangeiro será a variação melódica utilizada e não necessariamente a tessitura.

Como se pode observar, vários são os aspectos entoacionais e tentar descrevê-los exaustivamente não é o objetivo deste estudo. Desse modo, far-se-á uma breve descrição dos padrões entoacionais neutros⁴ do português do Brasil e do inglês norte-americano para uma comparação de seus contornos. Padrões semanticamente carregados de um idioma apenas serão comentados caso se assemelhem a padrões neutros do outro idioma.

Antes de começar a descrição dos padrões entoacionais, há a necessidade de esclarecer a terminologia a ser utilizada. Como dito anteriormente, diferentes classificações e diferentes representações gráficas são utilizadas para descrever o processo entoacional. Alguns autores preferem sistemas pictóricos baseados em traços, outros utilizam sistemas numéricos; há ainda aqueles que se valem de ambos (Cagliari, 81; Cruttenden, 97; Rameh, 62; Rizzo, 81). O sistema composicional (H e L acompanhados de diacríticos) é uma outra opção bastante utilizada (Hobbs, 90; Pierrehumbert, 87; Pierrehumbert & Hirschberg, 90; Wennerstrom, 94). Já que todos esses autores foram consultados e fundamentaram as descrições entoacionais deste capítulo, encontrar-se-á, a seguir, uma tentativa de explicar as equiparações entre os diferentes sistemas. Para tanto, seguir-se-á a comparação utilizada por Cruttenden, 97.

sentido do enunciado.

⁴ - Entende-se como padrões neutros aqueles utilizados naturalmente quando os contornos entoacionais não são intencionalmente modificados para realizar uma função especial (sarcasmo, ironia, ênfase, etc.).

A abordagem aplicada neste capítulo será a autosegmental (variante do sistema composicional), amplamente empregada nos Estados Unidos e codificada como ToBI (Tone and Break Index) (Beckman e Ayers apud Cruttenden, 97). Ela se baseia em apenas dois tons: alto (H) e baixo (L). Esses tons são descritos em comparação a um tom utilizado anteriormente, ou seja, um tom utilizado será descrito como H ou L em relação ao tom utilizado antes deste. Em outras palavras, se o tom utilizado for mais elevado que o anterior, será marcado como H; se for mais baixo que o tom anterior, será marcado como L. A nomenclatura segue abaixo:

- H - tom alto
- L - tom baixo
- H⁻ - acento frasal alto
- L⁻ - acento frasal baixo
- H% - acento limite (= boundary tone; no final da frase) alto
- L% - acento limite baixo
- H* - sílaba tônica saliente em posicionamento alto (com relação a tessitura)
- !H* - sílaba tônica saliente em posicionamento médio, médio-alto ou alto, mas comparativamente mais baixo que uma H* anterior.
- L* - sílaba tônica saliente em posicionamento baixo (com relação a tessitura)
- L*+H - sílaba tônica saliente em posicionamento baixo imediatamente seguida por uma elevação do tom.
- L+H* - sílaba tônica saliente em posicionamento alto imediatamente precedida pelo tom mais baixo da tessitura do falante.

O acento frasal descreve a altura do grupo tonal⁵ e sempre será utilizado após a marca de sílaba tônica saliente para realçar a alteração da altura do tom após a mesma. O acento limite descreve a altura do tom no fim de uma frase entoacional geralmente marcada graficamente por ponto final, de exclamação, de interrogação, etc..

⁵ - Um grupo tonal representa uma 'unidade de informação' que o locutor quer transmitir. (Cagliari, 81).

Voltando à comparação propriamente dita, tem-se alguns exemplos

$H^* L^- L\%$	correspondendo ao padrão alto/baixo
$H^* L^- H\%$	correspondendo ao padrão alto/descendente/ascendente
$H^* !H^- L\%$	correspondendo ao padrão alto/médio
$H^* H^- H\%$	correspondendo ao padrão alto/ascendente
$H^* !H^* L^- L\%$	correspondendo ao padrão alto/médio/descendente
$L^* H^- H\%$	correspondendo ao padrão baixo/alto
$L^* +H L^- L\%$	correspondendo ao padrão baixo/ascendente/descendente
$L^* L^- H\%$	correspondendo ao padrão baixo/ascendente
$L^* L^- L\%$	correspondendo ao padrão baixo/descendente
$L^* +H L^- H\%$	correspondendo ao padrão ascendente/descendente/ascendente

Os termos ascendente e descendente demonstram a alteração dos tons com relação ao tom anterior, mas não implicam em mudança de nível. Por exemplo, o $H^* L^- H\%$ não diz, necessariamente, que L^- é um tom baixo, mas apenas que este tom é mais baixo que o anterior, podendo estar em um nível médio ou até mesmo dentro do nível considerado alto.

3.1.3.1. ENTOAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Nesta parte relacionar-se-ão alguns contornos do português do Brasil com os significados e funções que transmitem. Os contornos aqui descritos serão aqueles já anteriormente denominados como neutros (vide nota 4) e baseados em Cagliari, 81; Cruttenden, 97; e Rizzo, 81. Além destes, outros contornos poderão ser apresentados quando os padrões de ambos os idiomas forem contrastados.

3.1.3.1.1. Declarativa: $H^* L^- L\%$

$H^* L^- L\%$
Ele comprou um carro.

3.1.3.1.2. Declarativa negativa: $H^*L^-L\%$

$H^*L^-L\%$
Ele não comprou um carro.

3.1.3.1.3. Interrogativas com palavras interrogativas: $H^*L^-L\%$

$H^* \quad L^- \quad L\%$
Quem comprou um carro?

3.1.3.1.4. Interrogativas sem palavras interrogativas: $L^*H^-H\%$ ou $L^*H^-L\%$

$L^*H^-L\%$
Ele comprou um carro?

3.1.3.1.5. Declarativa-Interrogativa (pedido de confirmação): $L+H^*H^-L\%$

$L+H^*H^-L\%$
Ele ainda não comprou um carro?

3.1.3.1.6. Declarativa-Interrogativa com “tag”(“né?”, etc.): $H^*L^-L^*H^-H\%$ ou $H^*L^-L^*H^-L\%$

$H^*L^-L^*H^-L\%$
Ele comprou um carro, né?

3.1.3.1.7. Exclamação: $H^*L^-L\%$

$H^*!H^-L\%$
Que bom!

3.1.3.1.8. Chamado: $H^*+L^-L\%$

$H^*+L^-L\%$
Laura.

3.1.3.2. ENTOAÇÃO DO INGLÊS NORTE-AMERICANO

Nesta parte relacionar-se-á alguns contornos do inglês norte-americano com os significados e funções que transmitem. Os contornos aqui descritos serão aqueles já anteriormente denominados como neutros (vide nota 4) e baseados em Cruttenden, 81; Cruttenden, 97; Hobbs, 90; Pierrehumbert, 87; Pierrehumbert & Hirschberg, 90; e Wennerstrom, 94. Além destes, outros contornos poderão ser apresentados quando os padrões de ambos os idiomas forem contrastados.

3.1.3.2.1. Declarativa: H*L⁻L%

H*L⁻L%

He's bought a car.

3.1.3.2.2. Declarativa negativa: H*L⁻L%

H* L⁻ L%

He hasn't bought a car.

3.1.3.2.3. Interrogativas com palavras interrogativas: H*L⁻L%

H* L⁻ L%

Who's bought a car?

3.1.3.2.4. Interrogativas sem palavras interrogativas: L*H⁻H%

L*H⁻H%

Has he bought a car?

3.1.3.2.5. Declarativa-Interrogativa (pedido de confirmação): L+H* H⁻H%

L+H* H⁻H%

He still hasn't bought a car?

3.1.3.2.6. Declarativa-Interrogativa com “tag”(“né?”, etc.): $H^*L^- \underline{L^*H^-H\%}$ e $H^*L^- \underline{H^*L^-L\%}$

$H^*L^- \quad L^*H^-H\%$
He's bought a car, hasn't he? (com função de pergunta)

$H^*L^- \quad H^*L^-L\%$
He's bought a car, hasn't he? (com função de confirmação)

3.1.3.2.7. Exclamação: $H^*!H^-L\%$

$H^*!H^-L\%$
How nice!

3.1.3.2.8. Chamado: $H^*+L \quad H^-L\%$

$H^*+L \quad H^-L\%$
Laura.

3.1.3.3. CONTRASTE DE ALGUNS CONTORNOS EM AMBAS AS LÍNGUAS

Nesta parte relacionar-se-ão alguns contornos do português do Brasil com os contornos do padrão norte-americano. As diferenças de significado e função aqui apresentadas baseiam-se em Cagliari, 81; Cruttenden, 97; e Crystal, 97.

3.1.3.3.1. Interrogativas sem palavras interrogativas

O padrão $L^*H^-H\%$ é partilhado por ambos os idiomas como forma neutra, mas o padrão $L^*H^-L\%$, que também é amplamente utilizado como neutro no português do Brasil, é marcado com o sentido de “pergunta retórica” ou ainda como “falta de interesse/entusiasmo” por parte do falante de inglês. Se um brasileiro utilizar este padrão para perguntar em inglês, poderá fazer o ouvinte nativo se incomodar com a “suposta atitude negativa” que o padrão induzirá.

3.1.3.3.2. Declarativa-Interrogativa (pedido de confirmação)

Se um brasileiro transferir o padrão $L+H^* \quad H^-L\%$ para tentar confirmar uma informação em inglês, sua pergunta poderá ser interpretada como crítica, sarcasmo ou

ironia. Contudo, se um americano transferir o seu padrão $L+H^* H^-H\%$, poderá ser interpretado como surpreso. Novamente, apenas o padrão brasileiro (quando transferido ao inglês) é passível de gerar uma reação negativa no ouvinte.

3.1.3.3.3. Declarativa-Interrogativa com “tag”(“né?”, etc.)

O padrão $H^*L^- L^*H^-H\%$ é partilhado pelos dois idiomas, mas com funções diferentes. Em português, ele é utilizado para confirmação enquanto que em inglês ele é utilizado com a função de pergunta (o falante não possui a informação). Se a variante brasileira $H^*L^- L^*H^-L\%$ for usada em inglês, o ouvinte não perceberá se o falante está realmente perguntando ou apenas confirmando uma informação que já possui. Dependendo do contexto, soará estranho ou passará despercebido. Por outro lado, se o falante americano transferir seu padrão de confirmação $H^*L^- H^*L^-L\%$ para o português, sua fala poderá soar como uma acusação ou crítica para o ouvinte brasileiro.

3.1.3.3.4. Exclamação

O padrão $H^*L^-L\%$ do português utilizado para exclamação (logo, com carga emocional) não seria bem interpretado em inglês pois corresponde ao seu padrão mais neutro (totalmente desprovido de emoção), induzindo, mais uma vez, a falta de interesse ou entusiasmo do falante. Já o padrão $H^*!H^-L\%$ do inglês poderá ser recebido com uma dose extra de entusiasmo.

3.1.3.3.5. Chamado

Ao transferir o padrão $H^*+L L^-L\%$ para o inglês, o brasileiro possivelmente soará rude ou abrupto pois esta é a função realizada por uma queda na altura por salto seguida de tom baixo em inglês. Esta mesma interpretação negativa também é válida para vocativos. No entanto, se o padrão $H^*+L H^-L\%$ for empregado ao português, soará como dúvida/incerteza.

3.1.3.3.6. Declarativa negativa

Ambas as línguas possuem o mesmo padrão $H^*L^-L\%$. Contudo, há uma diferença na escolha da sílaba tônica saliente. Em português, a escolha vai depender do contexto e da

ênfase que o falante deseja dar, mas em inglês o padrão *default* é escolher o advérbio de negação como sílaba saliente. Logo, pode-se concluir que, dependendo do contexto, um americano falando português não causaria estranhamento a ouvidos nativos. O brasileiro, por outro lado, correria o risco de ter sua declarativa negativa confundida por uma declarativa afirmativa e essa possibilidade poderia causar danos à comunicação.

3. 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o capítulo demonstrou, vários aspectos do nível suprasegmental do português do Brasil diferem dos aspectos do inglês norte-americano. Na verdade, há muitos outros padrões para serem comparados. Alguns são igualmente utilizados e outros se contrastam como os acima mencionados. Entretanto, como outrora afirmado, a intenção era de apenas resgatar e comparar os padrões neutros mais freqüentes na fala das duas línguas e observar como os contornos de uma língua, aplicados à outra, afetariam a interpretação do ato ilocucionário por parte do ouvinte nativo.

Pelos dados aqui apresentados, pode-se perceber que há uma possibilidade maior de os padrões suprasegmentais do português causarem uma atitude negativa no ouvinte americano do que os padrões do inglês causarem problemas de atitude em ouvintes brasileiros. Essa breve análise vai de encontro à hipótese nula anteriormente apresentada; portanto, há a necessidade de uma pesquisa que traga luz a essa questão. A descrição da pesquisa e seus resultados encontram-se nos próximos capítulos.

CAPÍTULO IV

MATERIAL E METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Este capítulo está dividido em três partes: elaboração dos instrumentos, coleta de dados e métodos de análise. A parte de elaboração descreve a preparação dos instrumentos (utilizados na coleta dos dados) bem como a verificação da confiabilidade dos mesmos. Já a seção de coleta relata o processo da captação dos dados para este estudo. A parte de métodos de análise discorre sobre os métodos utilizados para analisar os dados obtidos pela pesquisa.

4. 1. ELABORAÇÃO DOS INSTRUMENTOS

Foram três os instrumentos utilizados na pesquisa. Um dos instrumentos, sob a forma de questionário, tinha por objetivo coletar dados sobre os sujeitos quanto ao nível sócio-econômico e opinião sobre estrangeiros convivendo em seu país. Os outros dois instrumentos, sob forma de uma fita gravada e um formulário de avaliação do conteúdo da fita, foram utilizados para coletar dados referentes ao objeto de investigação.

Para a montagem, utilizou-se a técnica de *matched-guise*¹ e consideraram-se algumas possibilidades sobre como o texto seria utilizado. Uma opção era cada falante ser gravado (nas duas línguas) enquanto estivesse dando sua opinião sobre algum tema. Outra opção era ter um mesmo texto lido por todos os falantes nas duas línguas. A terceira opção era a de encontrar pequenos textos (de mais ou menos um parágrafo) em número igual à quantidade de *guises* e a quarta, dividir um texto em trechos, também em número igual à quantidade de *guises*.

A primeira opção foi rapidamente eliminada por apresentar um alto grau de dificuldade para controlar a produção oral dos falantes e a segunda foi descartada por receio de provocar a sensação de cansaço e tédio nos juízes, já que teriam de ouvir o

¹ - Essa técnica constitui-se em fazer um mesmo falante gravar um texto em uma língua ou dialeto e gravar outro texto em outra língua ou dialeto para que ele seja tratado pelos sujeitos como se fosse duas pessoas diferentes. Uma explicação mais pormenorizada pode ser encontrada no capítulo 2.

mesmo texto muitas vezes. Portanto, entre as duas últimas opções, decidiu-se por escolher um texto que pudesse ser dividido em trechos de um mesmo tamanho evitando, desta forma, que os juízes fossem influenciados por diferentes assuntos visto que trechos de um mesmo texto falam do mesmo tópico enquanto a existência de vários tópicos em pequenos textos independentes poderia influenciar o julgamento sobre os falantes de acordo com a identificação dos juízes com um texto ou outro. Cada seção a seguir descreve os passos e os critérios utilizados para a montagem de cada um dos instrumentos de forma detalhada.

4.1.1 FITA

4.1.1.1 TEXTO

Montou-se um texto a partir de um artigo do livro *The Reader's Journal* de Mark D. Rentz². Escolheu-se esse artigo pelo seu teor politicamente correto. O tópico (se casais deveriam viver juntos antes de se casarem) é adequado à faixa etária dos sujeitos/juízes pois é um assunto comum entre universitários. Outros fatores que influenciaram a escolha foram a presença de diferentes estruturas como perguntas de caráter informativo (com palavras interrogativas) e outras que requerem respostas afirmativas ou negativas (sem palavras interrogativas), o que permite contrastar também os padrões entoacionais utilizados para interrogativas, e pelo fato de o texto apresentar uma distribuição em parágrafos que facilitou a sua divisão em trechos.

O texto foi, então, segmentado em nove partes de aproximadamente um minuto cada (tempo de leitura). O mesmo texto foi traduzido para o português e também dividido em nove partes de aproximadamente um minuto. Ambos os textos finais encontram-se no Apêndice A.

Durante o processo de divisão do texto, algumas adaptações foram necessárias. Essas adaptações tiveram por objetivo, além de controlar o tempo de leitura, tornar cada trecho o mais coeso e compreensível possível. Como os juízes ouviriam vozes e padrões suprasegmentais diversos a cada trecho e como teriam um intervalo de tempo entre os trechos, optou-se por tornar os trechos o mais claro possível e livres de quaisquer ambigüidades para que os juízes não se desviassem do conteúdo e pudessem avaliar os falantes com maior atenção. Dessa forma, as frases apresentadas em discurso direto foram convertidas em discurso indireto; atribuíram-se sujeitos a todas as frases; números foram arredondados; dêiticos foram trocados pelas palavras às quais se referiam (para evitar problemas de ambigüidade geralmente causados por pronomes pessoais); e frases foram adicionadas ou eliminadas para controlar o tempo de leitura de cada trecho. Portanto, o artigo original não foi utilizado em sua totalidade, ou seja, sua versão adaptada ficou reduzida a aproximadamente 1165 palavras - um terço do texto original.

À cada trecho de ambos os textos (original e tradução) foram aplicados e marcados os padrões suprasegmentais default³ das línguas inglesa e portuguesa (vertentes americana e brasileira – dialeto paulista).

4.1.1.2. FALANTES

As pessoas (doravante *falantes*) utilizadas para a produção do instrumento estão divididas em dois grupos: um para a produção do instrumento em inglês e outro para a produção do instrumento em português.

O grupo para a montagem do instrumento em inglês constituiu-se, além do falante utilizado como modelo⁴, de quatro brasileiros (dois homens e duas mulheres) entre 28 e 35 anos, todos graduados na área de letras, proficientes no idioma inglês (vertente americana) e atuando como professores de inglês.

² - BROTHERS, Dr. J., *Should couples live together first?* (copyright Parade, 1985) in RENTZ, M.D. *The Reader's Journal*. New Jersey: Prentice Hall, 1992, pp. 108 – 113.

³ - Entende-se como padrões suprasegmentais *default* aqueles utilizados naturalmente quando os suprasegmentos não são intencionalmente modificados para realizar uma função especial (sarcasmo, ironia, ênfase, etc...). Os padrões aplicados nos textos são aqueles abordados no cap. III. Ver também Apêndice B.

Na produção do instrumento em português, o grupo de falantes utilizado consistiu, além do falante utilizado como modelo, em quatro americanos (dois homens e duas mulheres) entre 32 e 48 anos sendo três graduados na área de letras e um na área de comunicação, todos vivendo no Brasil há mais de 10 anos e proficientes em português (vertente brasileira).

4.1.1.3. GRAVAÇÃO

Para o texto em português, os cinco estado-unidenses (contando com o falante-modelo) gravaram os nove trechos em duas versões cada: uma soando o mais “brasileiro” que conseguissem e outra com sotaque suprasegmental mais americanizado, mantendo, contudo, a pronúncia das vogais e consoantes (nível segmental) o mais fiel possível à língua portuguesa em ambas as versões.

Para o texto em inglês, os cinco brasileiros (contando com o falante-modelo) foram gravados também em duas versões: uma tentando soar o mais “americano” que conseguissem e uma com sotaque suprasegmental mais abasileirado, mantendo a pronúncia segmental das palavras o mais fiel possível ao inglês americano em ambas as versões.

Para tanto, cada falante foi treinado e monitorado enquanto gravava as duas versões. Os trechos foram entregues aos falantes em duas cópias, uma apresentando marcas suprasegmentais do inglês e a outra apresentando marcas suprasegmentais do português. Todos os falantes treinaram antes de gravar. Contudo, quatro deles (dois americanos e dois brasileiros) preferiram ler uma cópia sem as marcas no momento da gravação para não se desconcentrarem do conteúdo enquanto eram gravados. Recebeu-se que esses falantes não fossem seguir todos os padrões marcados, mas, como as gravações deveriam soar o mais natural possível, foi-lhes entregue uma cópia sem marcações.

Como objetivou-se estudar o efeito provocado por suprasegmentais, o nível segmental do texto foi mantido o mais fiel possível ao seu idioma de origem.

Para as gravações propriamente ditas, observou-se o seguinte procedimento:

Para o texto em inglês:

⁴ - O primeiro falante de cada gravação foi usado apenas como modelo para verificar se os juizes haviam

1. Foi entregue o primeiro trecho do texto com as marcações de tonicidade, ritmo e entoação do inglês americano;
2. Praticou-se a leitura do mesmo até alcançar um nível natural de fala, ou seja, para que o texto soasse como se o falante estivesse “conversando” e não lendo;
3. Gravou-se o trecho;
4. Repetiram-se os mesmos procedimentos até o último trecho;
5. Foi entregue o primeiro trecho do mesmo texto com as marcações de tonicidade, ritmo e entoação do português do Brasil;
6. Praticou-se a leitura do mesmo até alcançar um nível natural de fala, ou seja, para que o texto soasse como se o falante estivesse “conversando” e não lendo e, ao mesmo tempo, mantendo um nível satisfatório de fidelidade aos segmentos;
7. Gravou-se o trecho;
8. Repetiram-se os mesmos procedimentos até o último trecho.

Para o texto em português, observaram-se os mesmos passos. Entretanto, primeiro gravaram-se os textos com marcações suprasegmentais do português do Brasil e, posteriormente, do inglês americano.

Preferiu-se treinar e gravar todos os trechos com o mesmo padrão suprasegmental e posteriormente regravar os mesmos trechos com o outro padrão suprasegmental para que os falantes se acostumassem com o padrão que deveriam utilizar para cada versão dos nove trechos e, dessa forma, tivessem maior facilidade de leitura e seus tempos de treinamento reduzidos.

Como resultado obtiveram-se gravações com pouco sotaque estrangeiro e gravações com muito sotaque estrangeiro. As versões com mais sotaque mostraram-se artificiais visto que qualquer pessoa, ao falar uma língua estrangeira, tende a apresentar um nível de domínio aproximado dos planos segmental e suprasegmental. Entretanto, como se buscaram reações dos juízes a suprasegmentos, essa “artificialidade” (= um falante que tenha uma boa pronúncia no nível segmental e um péssimo controle dos suprasegmentos) não interfere nos objetivos da pesquisa.

4.1.1.4. EDIÇÃO

Para a fita final, foram selecionados dois trechos de cada falante – um com menos sotaque e outro com mais sotaque. Doravante chamar-se-á a gravação com mais sotaque de *guise* mais estrangeirizado (*guise+est.*) e a com menos sotaque de *guise* menos estrangeirizado (*guise–est.*). Tentou-se respeitar a alternância de vozes masculina e feminina e manter os dois *guises* de cada indivíduo distanciados para que o mesmo falante não fosse reconhecido em seu segundo *guise*. Da mesma forma, alternaram-se os trechos quanto à quantidade de estrangeirização.

A escolha dos dois *guises* de cada falante foi baseada no plano de distribuição acima descrito e também pela qualidade de gravação de cada um dos trechos, ou seja, tentou-se aproveitar os trechos mais “fiéis” aos padrões suprasegmentais marcados nos textos. Infelizmente, porém, por causa desses mesmos parâmetros para a distribuição, os *guises* de um falante (*mulher “B” na fita em inglês*) ficaram bastante aproximados (com apenas um outro falante entre seus dois *guises*). Os outros foram posicionados com uma maior distância entre seus *guises*. Cumpre lembrar que os falantes-modelo, identificados abaixo como falante 1 - “C”, tiveram apenas um de seus *guises* inserido em cada fita.

A fita em inglês obteve a seguinte ordem de gravação:

Tabela 1 – distribuição dos *guises* em inglês

• falante 1	- homem “C” - inglês americanizado	- 55 segundos;
• falante 2	- mulher “A” - inglês abasileirado	- 50 segundos;
• falante 3	- homem “A” - inglês americanizado	- 62 segundos;
• falante 4	- mulher “B” - inglês abasileirado	- 72 segundos;
• falante 5	- homem “B” - inglês abasileirado	- 55 segundos;
• falante 6	- mulher “B” - inglês americanizado	- 62 segundos;
• falante 7	- homem “A” - inglês abasileirado	- 59 segundos;
• falante 8	- homem “B” - inglês americanizado	- 47 segundos; e
• falante 9	- mulher “A” - inglês americanizado	- 56 segundos.

A fita em português obteve a seguinte ordem de gravação:

Tabela 2 – distribuição dos *guises* em português

- falante 1 - mulher “C” - português americanizado - 62 segundos;
- falante 2 - homem “A” - português americanizado - 54 segundos;
- falante 3 - mulher “A” - português abasileirado - 61 segundos;
- falante 4 - homem “B” - português americanizado - 70 segundos;
- falante 5 - mulher “B” - português americanizado - 68 segundos;
- falante 6 - homem “A” - português abasileirado - 66 segundos;
- falante 7 - mulher “A” - português americanizado - 69 segundos;
- falante 8 - homem “B” - português abasileirado - 52 segundos; e
- falante 9 - mulher “B” - português abasileirado - 60 segundos.

A fita em inglês tem uma duração total de 09 minutos e 42 segundos e a fita em português, 10 minutos e 58 segundos. Não foi gravado um intervalo de espera entre os trechos, visto que, no momento da montagem, desconhecia-se qual seria o intervalo de tempo necessário, entre os trechos, para os juízes analisarem os falantes.

4.1.1.5. VALIDADE

Dois testes foram realizados para verificar se havia uma diferença entre os *guises* – se o *guise*-est realmente aproximava-se mais do inglês nativo que o *guise*+est na fita em inglês e se o *guise*-est realmente aproximava-se mais do português nativo que o *guise*+est na fita em português. O primeiro teste foi uma análise digital realizada em laboratório e o segundo foi uma avaliação auditiva realizada em sala de aula. Ambos os testes estão descritos abaixo.

4.1.1.5.1. Análise Digital

A análise digital consistiu em digitalizar algumas frases das fitas gravadas em áudio e analisá-las graficamente, no caso, em relação à frequência fundamental. Como objetivou-se comparar as leituras dos falantes aos padrões nativos de cada idioma, quatro indivíduos com nível superior – dois brasileiros (um homem e uma mulher) e dois americanos (um homem e uma mulher recém chegados ao Brasil e não falantes de português) – foram gravados lendo os mesmos trechos acima mencionados. Os brasileiros leram o texto em português e os americanos leram o texto em inglês. Esses indivíduos serão chamados de *nativos* na análise que segue.

A análise em si foi efetuada em duas frases específicas do texto – uma frase negativa e uma frase interrogativa (sem palavra interrogativa). O critério de escolha foi baseado no fato de os dois idiomas em questão apresentarem diferentes padrões suprasegmentais para esses tipos de frases⁵.

Uma fita foi gravada para a análise contendo somente as duas frases acima citadas em todas as versões: *guise+est* e *guise-est* extraídas das gravações de cada falante e as mesmas frases extraídas das gravações dos nativos.

Essa nova fita, com as frases em questão, foi analisada⁶ no Laboratório de Fonética Acústica e Psicolinguística Experimental – LAFAPE – do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL – da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. As frases (48 no total) foram digitalizadas e analisadas graficamente quanto à frequência fundamental (Hz)⁷. Posteriormente, os gráficos foram impressos, separados e comparados da seguinte forma:

a) Primeiro os *guises* (+est e –est) de cada falante foram comparados para a verificação de diferenças. Constatou-se que todos os *guises* apresentavam características distintas.

b) Como próximo passo, comparou-se cada *guise* com o respectivo gráfico de um dos nativos: os falantes homens que leram o texto em inglês foram comparados ao nativo americano; as falantes que leram o texto em inglês foram comparadas à nativa americana.

⁵ - Ver capítulo III. Ver também Apêndice B.

⁶ - Com o auxílio do Prof. Dr. Plínio Barbosa e Leonardo Couto Franco de Oliveira.

⁷ - Os quadros espectrográficos dos falantes encontram-se no Apêndice G.

As leituras em português obtiveram o mesmo tipo de comparação. Após as comparações, foi comprovado que os *guises*-est apresentavam um padrão mais aproximado ao gráfico do nativo que a versão +est.

Um exemplo das comparações da frase interrogativa pode ser observado na figura 1 sendo 1.a o *guise*-est em inglês (falante A), 1.b o nativo americano, e 1.c o *guise*+est do mesmo falante. Um exemplo da frase negativa pode ser observado na figura 2. Como a frase negativa é maior que a interrogativa, foi dividida em três gráficos para melhor visualização de suas nuances. Então tem-se em 2.1.a o *guise*-est em português (falante A), 2.1.b o nativo brasileiro, e 2.1.c o *guise*+est do mesmo falante (A). Respectivamente, tem-se em 2.2. a segunda parte da frase negativa e em 2.3 a última parte da mesma frase – todas seguindo a mesma ordem, ou seja, “a” para o *guise*-est em português, “b” para o nativo brasileiro e “c” para o *guise*+est.

Alguns pontos foram escolhidos para a comparação. Na frase em inglês, observaram-se os índices de frequência fundamental (doravante f_0) de certas sílabas (“liv”, “ing”, “ge”, “ther”, “mar”, “riage” e a palavra “really”) por serem salientes ou pós-salientes. Para a frase em português, escolheram-se algumas sílabas para a parte 1 (“Di”, “zem”, “coa”, “tar”, “bom”, “tes”), outras para a parte 2 (“compa”, “bi”, “da”, “casa”, “mento”) e todas as cinco sílabas da parte 3 (“mas será mesmo”) pelo mesmo motivo. Observou-se que os *guises*-est e +est apresentaram diferenças bem mais distintas entre si do que quando são comparados aos gráficos nativos. Mesmo assim os *guises*-est mostraram parâmetros mais aproximados aos gráficos nativos que os *guises*+est. Os índices de f_0 (em Hz) bem como os gráficos seguem abaixo.

Fig 1 (Hz)	Liv	ing	ge	ther	really	mar	riage
<i>guise</i> -est	190	195	160	107	160	99	163
nativo	155	175	139	115	137	85	133
<i>guise</i> +est	155	158	110	110	108	110	87

Nesta comparação percebe-se que os *guises* estão bem diferentes entre si, mas ao comparar os cinco primeiros pontos dos *guises* com os do falante nativo, notou-se que estavam bastante equidistantes do padrão norte-americano. Contudo, os dois últimos

pontos de comparação mostraram que o *guise*-est estava muito mais aproximado ao padrão inglês que o *guise*+est. Deve-se salientar a última sílaba. O *guise*-est foi medido como tendo um valor mais elevado (em 30 Hz) que o padrão nativo enquanto que o *guise*+est apresentou um valor bem abaixo (46 Hz de diferença). Apesar de o *guise*-est estar bem acima, ele acompanha o padrão inglês para perguntas sem palavras interrogativas (ascendente) – o que o torna melhor aceito por ouvidos nativos como mencionado no capítulo III.

Fig 2a (Hz)	di	zem	coa	tar	bom	tes
<i>guise</i> -est	172	160	155	125	144	168
nativo	172	145	166	132	140	138
<i>guise</i> +est	225	200	235	144	188	166

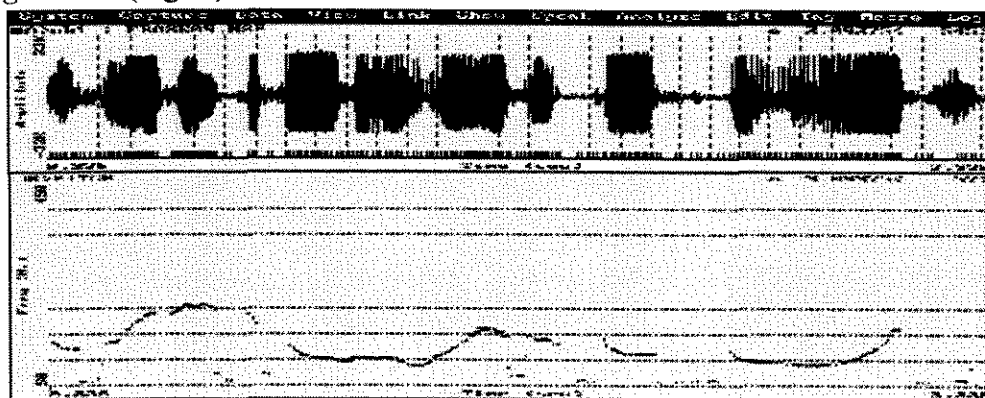
Fig 2b (Hz)	compa	bi	da	casa	mento
<i>guise</i> -est	170	168	107	119	120
nativo	158	128	107	126	135
<i>guise</i> +est	296	242	121	195	150

Fig 2c (Hz)	mas	se	rá	mes	mo
<i>guise</i> -est	106	116	118	129	107
nativo	152	148	130	126	122
<i>guise</i> +est	158	168	146	168	225

Mais uma vez, os *guises* apresentaram diferença significativa entre si. Em onze pontos de comparação, o *guise*-est se aproximou mais do padrão nativo. Em dois pontos os *guises* estavam equidistantes do padrão português e em três pontos o *guise*+est estava mais próximo. Como na frase em inglês, o *guise*-est foi mais fiel ao padrão nativo ao formar uma curva descendente no final da frase enquanto que o *guise*-est apresentou uma curva contrária ao padrão português (ascendente) por seguir o seu padrão americano, como explicado no capítulo III.

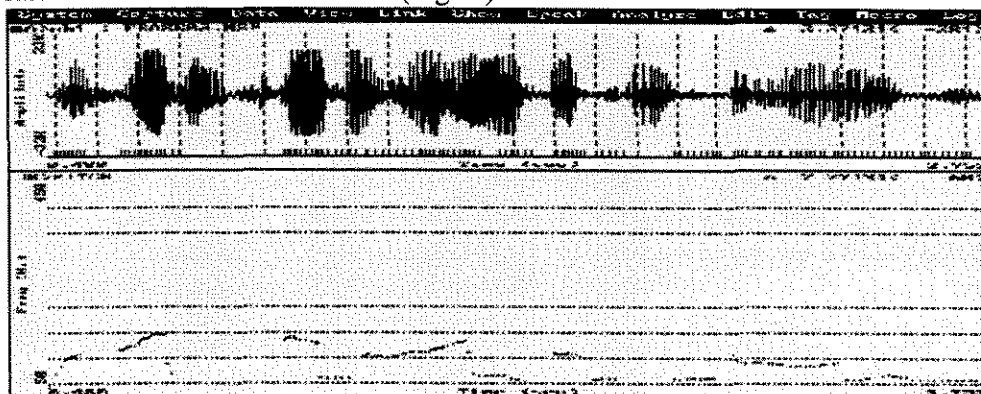
Figura 1

guise-est (inglês) – falante A



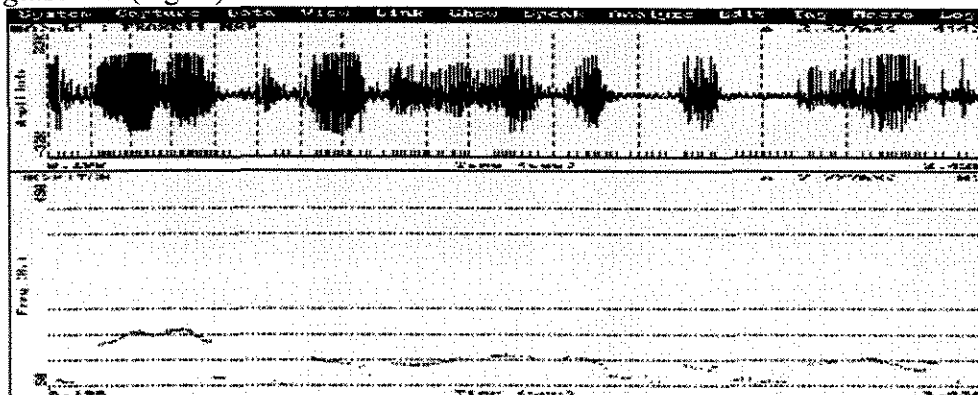
(fig 1a) L*H H%
Is living together really a good test for marriage?

falante nativo norte-americano (inglês)



(fig 1b) L*H H%
Is living together really a good test for marriage?

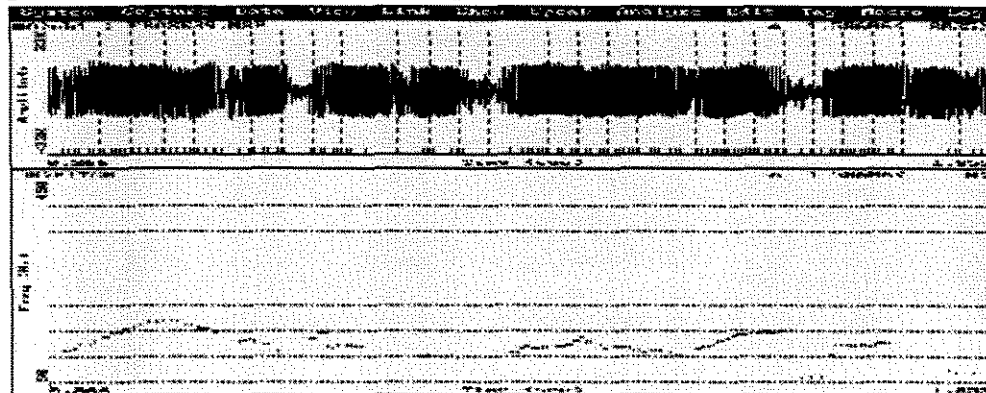
guise+est (inglês) – falante A



(fig 1c) L*H L%
Is living together really a good test for marriage?

Figura 2.1

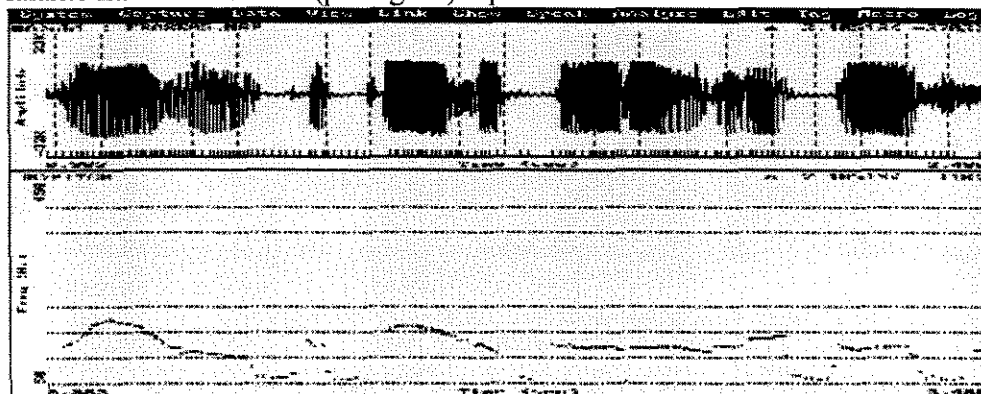
guise-est (português) – falante A – parte 1



(fig 2.1a)

H* L⁻
Di zem que co a bi tar é um bom tes te de

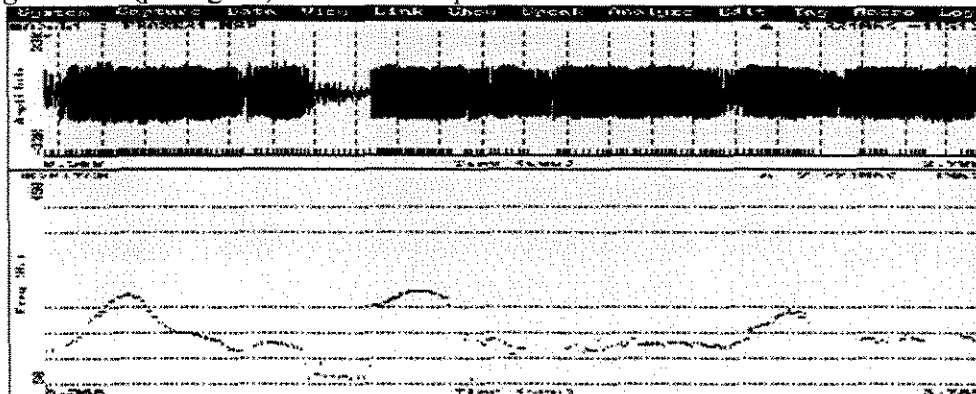
falante nativo brasileiro (português) – parte 1



(fig 2.1b)

H* L⁻
Di zem que co a bi tar é um bom tes te de

guise+est (português) – falante A – parte 1

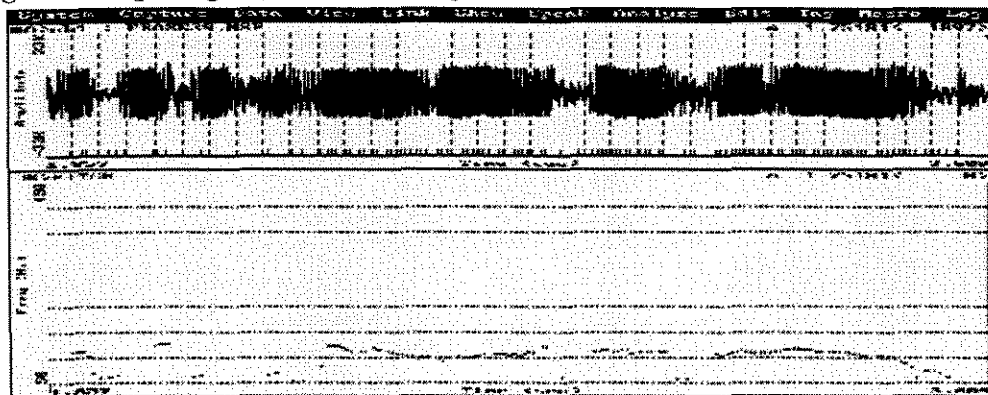


(fig 2.1c)

H* L⁻
Di ze m que co a bi tar é um bom tes te de

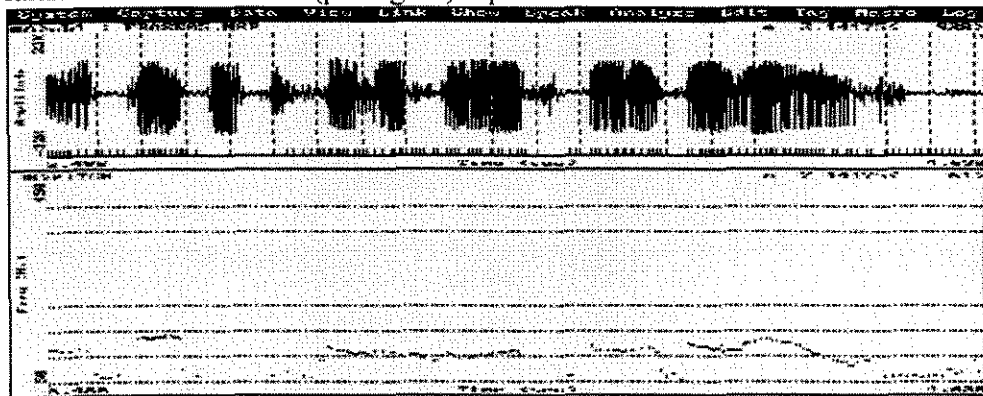
Figura 2.2

guise-est (português) – falante A – parte 2



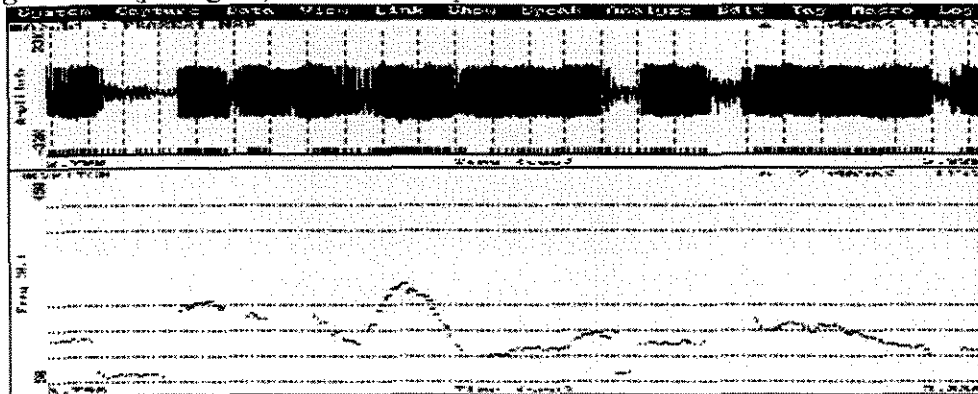
(fig 2.2a)

falante nativo brasileiro (português) – parte 2



(fig 2.2b)

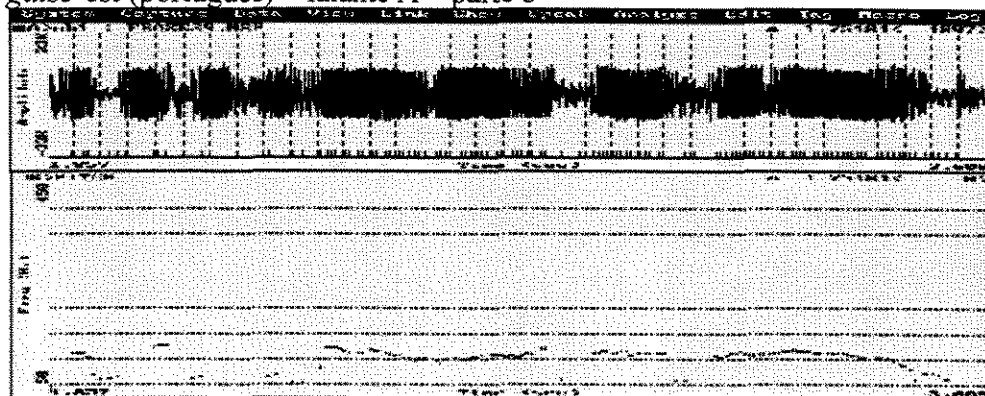
guise+est (português) – falante A – parte 2



(fig 2.2c)

Figura 2.3

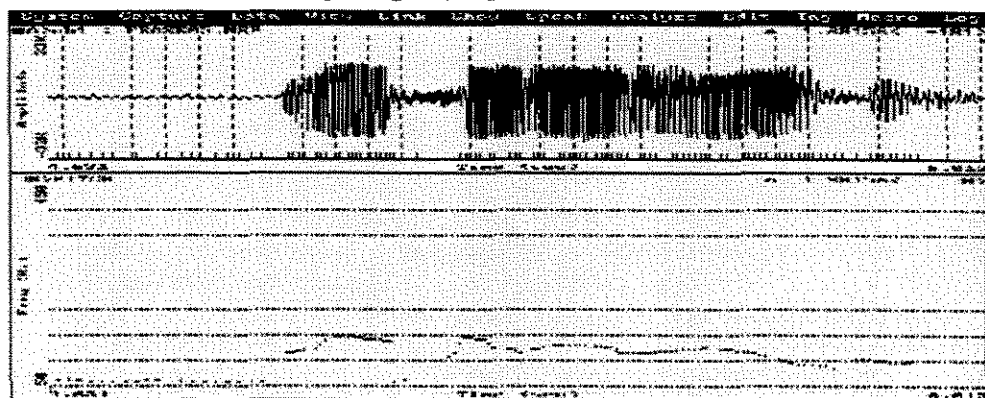
guise-est (português) – falante A – parte 3



(fig 2.3a)

mas se rá mes mo?

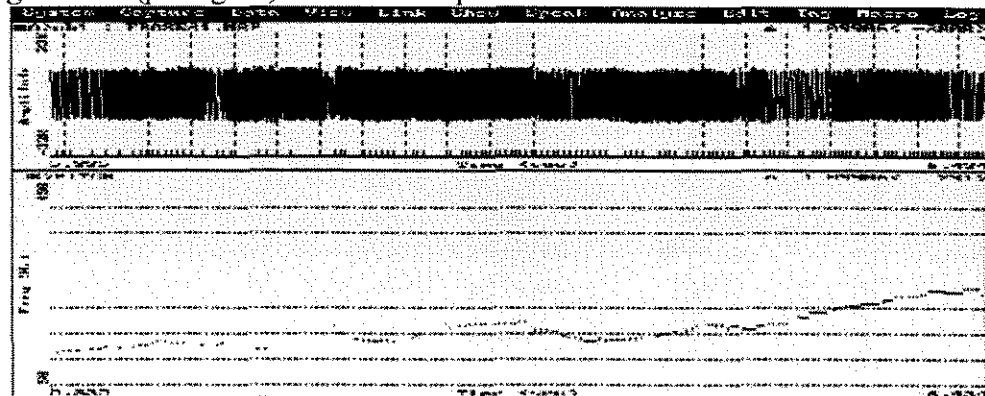
falante nativo brasileiro (português) – parte 3



(fig 2.3b)

mas será mes mo?

guise+est (português) – falante A – parte 3



(fig 2.3c)

mas será mes mo?

A análise tecnológica acusou uma diferença pequena, o que levou ao questionamento quanto à confiabilidade do material. Por isso, realizou-se uma avaliação auditiva para ratificar sua confiabilidade como descrito a seguir.

4.1.1.5.2. Avaliação Auditiva

A avaliação auditiva foi realizada com a utilização das fitas editadas (com os textos em português e em inglês). As mesmas foram avaliadas por 20 estudantes universitários, relativamente proficientes em inglês, da área de línguas (português/inglês) da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Para a análise das fitas, confeccionaram-se dois formulários de avaliação - um para cada fita. Cada formulário apresentava nove faixas de avaliação, uma para cada trecho do texto, como segue:

- para a fita em inglês: Forte sotaque estrangeiro ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Sotaque nativo americano;

- para a fita em português: Forte sotaque estrangeiro ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Sotaque nativo brasileiro.

Os avaliadores receberam a folha de avaliação do texto em inglês e foram instruídos a avaliar o nível de sotaque de cada um dos falantes. Deveriam marcar a lacuna que melhor representasse suas opiniões. Havia sete lacunas. A da extrema direita significava que o falante em questão soava nativo daquele idioma; a da extrema esquerda, que o falante tinha um sotaque estrangeiro bastante marcado. As lacunas intermediárias variavam entre as possibilidades em diferentes graus (e.g. quanto mais à direita, mais próximo a uma fala nativa e vice-versa)⁸.

O primeiro trecho foi tocado, resolveram-se algumas dúvidas por parte dos avaliadores, e então todos os trechos da primeira fita foram tocados ininterruptamente.

⁸ - Baseado em Osgood e Tannenbaum, 57.

Ao final da primeira fita, recolheram-se as folhas de avaliação e distribuíram-se novas cópias para a avaliação da fita piloto de português. Mais uma vez, os trechos foram tocados ininterruptamente.

Em nenhum momento mencionou-se a quantidade total de falantes e nem se havia nativos ou não em ambas as fitas. Os avaliadores só foram informados que havia nove trechos de um mesmo texto lidos por diferentes pessoas.

Os resultados confirmaram que os *guises* +est e -est realmente apresentavam uma diferença perceptível. Formando uma escala de 1 a 7 para as lacunas sendo 1 para *forte sotaque estrangeiro* e 7 para *sotaque nativo*, obtiveram-se os seguintes índices:

Tabela 3 - avaliação da gravação em inglês

Indivíduo	<i>guise</i> brasileiro	<i>guise</i> americanizado
Mulher "A"	3.17	6.27
Mulher "B"	2.44	6.50
Homem "A"	3.61	5.11
Homem "B"	2.88	3.05

Os índices referem-se à somatória das avaliações (para cada falante) dividida pelo número de ouvintes; em outras palavras, cada índice representa a média das pontuações individuais, isto é, a soma de todos os pontos atribuídos a cada *guise* dividida pelo número de ouvintes (no caso, 20) . A avaliação da fala das mulheres revelou uma diferença significativa entre os índices de seus *guises* brasileiro e americanizado embora a diferença entre os *guises* masculinos tenha se mostrado menor, especialmente para o homem B, que provocou reações muito semelhantes para os dois *guises* provavelmente por ter ceceo, o que talvez revele um preconceito a esse problema de pronúncia e possivelmente sugere uma falha na escolha dos falantes.

Apenas mais um fato merece ser mencionado: a preocupação com a distribuição dos *guises* da mulher "B" – o que poderia afetar a reação dos juízes – foi desnecessária pois o resultado da avaliação para seus dois *guises* revela que, tendo sido ou não reconhecida

durante a audição como a mesma pessoa, os juízes reagiram a cada um de seus *guises* diferentemente.

Tabela 4 – avaliação da gravação em português

Indivíduo	<i>guise</i> americanizado	<i>guise</i> abasileirado
Homem “A”	2.00	6.90
Homem “B”	2.95	6.75
Mulher “A”	3.85	6.60
Mulher “B”	4.50	6.70

Neste caso, foi mostrada uma boa distância entre os índices dos *guises* americanizados e abasileirados para todos os falantes.

4.1.2. FORMULÁRIO

A avaliação dos *guises* foi feita através de um formulário elaborado como segue:

- Uma lista de onze características freqüentemente inferidas por meio da fala de um indivíduo foram pareadas com os seus respectivos antônimos. Essas palavras foram selecionadas ou inspiradas por um modelo apresentado por Oppenheim (1996: 238), e desenvolvido por El-Dash e Busnardo (2001). Esses pares apresentaram-se separados de seus opostos por sete lacunas numa disposição de escala do tipo Likert (Likert, 1932; Oppenheim, 1996) (ex.: charmoso _:_:_:_:_:_ deselegante) para que os sujeitos (doravante também juízes) pudessem classificar cada *guise* (cada “falante”) de forma mais precisa do que se os pares fossem separados por apenas três lacunas (uma para cada adjetivo e uma neutra). Dessa forma, os juízes puderam demonstrar diferentes nuances para cada par.
- Além da lista de pares de adjetivos, houve, também, uma lista de oito profissões junto a uma escala equivalente de sete pontos, para que os juízes pudessem

marcar a probabilidade desse mesmo falante (*guise*) exercer ou não tal profissão, como mostra o seguinte exemplo: advogado 0% _:_:_:_:_ 100%.

Este instrumento, portanto, apresentava um conjunto formado por uma lista de adjetivos e uma lista de profissões para cada falante totalizando nove conjuntos. O formulário utilizado nos Estados Unidos era uma tradução para o inglês do formulário utilizado no Brasil. Amostras de ambos os formulários encontram-se no Apêndice C.

4.1.3. QUESTIONÁRIO

Para a obtenção de dados pessoais sobre os juízes, confeccionou-se um questionário para identificar características pessoais, bem como obter informações sobre a situação sócio-cultural-econômica dos mesmos. O questionário apresentou-se em duas versões: uma em inglês (para ser usada nos Estados Unidos) e uma em português (para o Brasil).

Além das perguntas de caráter pessoal (idade, grau de instrução, hobby, etc.) e de perguntas de caráter sócio-econômico (ocupação, profissão, se possui automóvel, ocupação dos pais, etc.), também houve uma série de adjetivos pareados de seus opostos e separados por sete lacunas – como no formulário – para os juízes marcarem suas opiniões explícitas sobre americanos (“na sua opinião, os americanos são:”). O intuito era o de verificar se os resultados obtidos seria equivalentes aos resultados da avaliação da fita. O questionário em inglês seguiu os mesmos parâmetros e sua última parte solicitava uma opinião explícita sobre os brasileiros.

As listas geradas para o questionário e para o formulário passaram por uma avaliação informal. A lista em português foi mostrada a alguns brasileiros alheios à pesquisa. Pediu-se que eles se manifestassem sobre os pares de adjetivos quanto a concordarem com os pareamentos e se alguns pares tinham sentidos muito próximos entre si. A lista em inglês foi mostrada a alguns americanos também alheios à pesquisa e foi-lhes transmitida a mesma instrução.

Todos os pares que se revelaram duvidosos ou de significados confusos foram descartados ou ajustados/readaptados. Como resultado, a lista do questionário em inglês

obteve um par a mais (*aggressive X Calm/patient*) que foi descartado no processamento dos dados. Um outro par *submissive X authoritative* apresentou-se com valor invertido ao de sua tradução *autoritário X não autoritário* porque os americanos viram *authoritative* como uma característica positiva enquanto que *autoritário* foi visto como uma palavra negativa pelos brasileiros. Nem todos os pares tiveram traduções literais. Alguns foram adaptados (*lower social class X higher social class* = *ignorante X culto*, por exemplo). Outros, ainda, não possuíam os mesmos significados na outra língua e, portanto, foram trocados por pares de outras traduções que acabaram tendo seu valor semântico percebido de forma bastante aproximada – por exemplo, *disorganized X organized* causou a mesma reação de atitude nos americanos que avaliaram a lista que *esnobe X simples* causou nos brasileiros entrevistados.

Ambas as versões encontram-se, integralmente, no Apêndice D. No Apêndice E, encontra-se o emparelhamento dos adjetivos empregados e suas respectivas traduções/adaptações.

4. 2. COLETA DE DADOS

Esta parte compõe-se de três seções: sujeitos, pré-testagem e procedimento de coleta. Cada item descreve os passos e critérios utilizados para a captação dos dados.

4.2.1. SUJEITOS

Os sujeitos desta pesquisa são procedentes de dois cenários diferentes: um de falantes nativos de inglês que moram nos Estados Unidos da América e outro de falantes nativos de português que moram no Brasil.

O cenário americano consiste em um grupo de jovens universitários de classe média que nunca tiveram contato com o português do Brasil e nem com brasileiros. Já o cenário brasileiro está dividido em dois grupos, de acordo com a quantidade de contato que os sujeitos têm com a língua inglesa, ou seja:

- a) Brasileiros universitários de classe média que não têm contato com americanos e que tenham um contato mínimo com a língua inglesa (doravante bras-cont);
- b) Brasileiros universitários de classe média que tenham ou tiveram contato com o idioma inglês e/ou com americanos (doravante bras+cont);

O grupo de brasileiros sem contato com americanos contém 85 sujeitos; o grupo de brasileiros com contato com americanos contém 70 sujeitos; e o grupo de americanos abarca 73 sujeitos. Os sujeitos são, em sua maioria, jovens de 18 a 25 anos.

4.2.2. PRÉ-TESTAGEM

Antes de a coleta ser efetuada, tentou-se verificar se as instruções estavam adequadas e também estabelecer quanto tempo de intervalo entre os trechos seria necessário para que os sujeitos pudessem marcar todas as suas respostas. Para isso, efetuou-se um teste com um indivíduo semelhante aos sujeitos almejados (um jovem universitário).

Ao voluntário foi explicado como realizar a avaliação e foi aplicado o teste. O formulário foi entregue, as instruções foram lidas e o primeiro trecho foi tocado. Esperou-se que o voluntário terminasse de marcar suas opiniões no formulário (tempo cronometrado) e solucionaram-se algumas dúvidas. Todos os outros trechos foram tocados, um a um, e todos os intervalos necessários para que o juiz em questão completasse sua avaliação foram cronometrados.

Posteriormente, foi-lhe entregue o questionário e seu tempo de resposta também foi cronometrado. Este teste revelou que cerca de dois minutos foram necessários para que esse “juiz” marcasse as opções com relação ao primeiro falante, mas que o tempo de intervalo foi sendo reduzido paulatinamente para 30 segundos, para o último falante. Portanto, marcar um intervalo fixo na fita poderia não condizer com a velocidade de resposta de todos os juízes e, assim, provocar certa ansiedade ou desinteresse por terem que ficar esperando cada vez mais pelo próximo falante, conseqüentemente, prejudicando a exatidão das respostas. Por isso, não foi gravado nenhum espaço de tempo entre os trechos nas fitas, ficando o aplicador encarregado de controlar o tempo de marcação dos

questionários uma vez que, com o aumento da familiaridade com a tarefa, os sujeitos levariam cada vez menos tempo para completar a avaliação.

Chegou-se então à conclusão que seria vantajoso informar os aplicadores que um intervalo médio de um minuto seria uma boa opção, mas que o tempo real dependeria da velocidade de resposta dos juízes. Também foi estabelecido um tempo médio de dez minutos para responder o questionário de dados pessoais.

4.2.3. PROCEDIMENTO DE COLETA

4.2.3.1. No Brasil

Para o desenvolvimento da pesquisa no Brasil, o material foi aplicado obedecendo-se os seguintes passos:

1. Reuniram-se sujeitos que pertenciam a um dado grupo (por exemplo, bras+cont) em um laboratório de línguas;
2. Distribuíram-se formulários numerados;
3. Explicou-se como realizar as avaliações dos trechos;
4. Pediu-se que fizessem a avaliação do primeiro trecho;
5. Esclareceram-se eventuais dúvidas com relação ao preenchimento do formulário;
6. Solicitou-se que avaliassem os outros oito trechos;
7. Distribuíram-se os questionários para a coleta de dados pessoais (respeitando a mesma numeração dos formulários);
8. Recolheram-se os formulários e os questionários de dados pessoais.

Os instrumentos foram aplicados até que, pelo menos, 70 sujeitos de cada grupo (o que dependia da quantidade de voluntários de cada conjunto ao qual foram aplicados) fosse alcançado. A coleta de dados foi realizada na Universidade São Judas Tadeu, em

São Paulo. Os sujeitos do grupo bras+cont pertenciam ao curso de Tradutor e Intérprete enquanto que os sujeitos do grupo bras-cont freqüentavam o curso de Comunicação.

Estes sujeitos foram instruídos a julgar os falantes pela voz e modo de falar, e a associá-los a uma certa classificação em relação a cada um dos adjetivos e profissões segundo a impressão individual que teriam sobre o falante de cada trecho. Dessa forma, podiam-se avaliar as reações indiretas dos juízes aos *guises* de um mesmo falante na fita devido à presença dos dois sotaques suprasegmentais, uma vez que as qualidades da voz como timbre, velocidade de fala, volume, etc..⁹ foram mantidas.

Mais uma vez, em nenhum momento foi mencionado o fato de um mesmo indivíduo falar em dois trechos da fita e nem se havia nativos e estrangeiros. Os avaliadores só foram informados que havia nove trechos de um mesmo texto lidos por diferentes pessoas.

Após a avaliação dos nove trechos, cada sujeito respondeu ao questionário que coletou seus dados pessoais e estabeleceu, ainda que superficialmente, sua situação sócio-cultural-econômica. Todavia, os nomes de todos os sujeitos permaneceram incógnitos.

4.2.3.2. Nos Estados Unidos da América

Para o desenvolvimento da pesquisa nos Estados Unidos, o material foi aplicado obedecendo-se os seguintes passos:

1. Reuniram-se sujeitos em um laboratório de línguas;
2. Distribuíram-se formulários numerados;
3. Explicou-se como realizar as avaliações dos trechos¹⁰;
4. Pediu-se que fizessem a avaliação do primeiro trecho;
5. Esclareceram-se eventuais dúvidas com relação ao preenchimento do formulário;

⁹ - De acordo com Esling e Wong (1983), timbre, volume, velocidade de fala e pausa (entre outros) característicos de um dado idioma também podem influenciar a inteligibilidade quando o nativo estiver falando uma língua estrangeira.

¹⁰ - As instruções para a coleta de dados nos Estados Unidos encontram-se no Apêndice F.

6. Solicitou-se que avaliassem os outros oito trechos;
7. Distribuíram-se os questionários para a coleta de dados pessoais (respeitando a mesma numeração dos formulários);
8. As siglas AA, PP e BB¹¹ foram escritas em um quadro negro;
9. Pediu-se que escrevessem a sigla apropriada na capa do formulário e do questionário;
10. Recolheram-se os formulários e os questionários de dados pessoais.

Os instrumentos foram enviados a três universidades americanas: Cornell College (Mt. Vernon – Iowa), School For International Training – SIT (Brattleboro – Vermont), e Union College (Schenectady – New York). Porém, de todos os formulários devolvidos para análise, apenas o grupo de sujeitos AA (americanos que nunca tiveram contato com brasileiros e nem com a língua portuguesa) teve representatividade (73 sujeitos); os outros dois grupos (com menos de 15 sujeitos cada) foram descartados deste estudo por não possuírem o número de indivíduos necessário para o desenvolvimento de uma pesquisa quantitativa (Cattell, 78 apud El-Dash, 93).

Todos os procedimentos e comentários efetuados para o grupo de brasileiros também se aplicam aos americanos. A única ressalva foi a dificuldade para a obtenção de voluntários para coletar os dados nos Estados Unidos. Primeiramente, várias universidades (cerca de 25) foram contatadas via e-mail e nenhuma resposta foi obtida. Decidiu-se então entrar em contato com autores de livros sobre pronúncia para pedir que auxiliassem na coleta. De cerca de 20 autores contatados, quinze simplesmente disseram que não dispunham de tempo para ajudar na pesquisa e cinco deles (Gertrude Orion, Joan Morley, Judy B. Gilbert, Marianne Celce-Murcia e Rebecca M. Dauer), apesar de não poderem ajudar na coleta de dados, contribuíram com informações bibliográficas para este estudo. Esse processo heurístico durou cerca de seis meses.

Nesse ponto, decidiu-se por contatar a autora Kathleen Graves e a editora Mary Carson (Editora Cambridge, N.Y.) por se tratar de pessoas com as quais já havia um vínculo profissional estabelecido. Mary Carson entrou em contato com professores

¹¹ - AA – para americanos que nunca tiveram contato com brasileiros e nem com a língua portuguesa; PP – para americanos que tiveram um mínimo de seis meses de contato com brasileiros e/ou a língua portuguesa; BB – para brasileiros que estivessem nos Estados Unidos há mais de três anos.

universitários que mantinham laços profissionais com a Cambridge, mas não obteve qualquer tipo de colaboração. Kathleen Graves se dispôs a cooperar, mas só pôde aplicar a pesquisa seis meses após tê-la recebido. Finalmente, buscou-se ajuda na Associação Alumni – Centro Binacional Brasil-Estados Unidos, em São Paulo. A entidade fez contatos com duas das universidades supra citadas e, por causa de seu programa de intercâmbio com essas instituições, obteve cooperação de um professor (em cada uma delas) para auxiliar na coleta dos dados.

Após um processo de quase um ano e meio – desde o início dos contatos até o recebimento da última remessa de formulários vindos dos Estados Unidos –, conseguiu-se o número de 73 formulários (de um mesmo grupo - no caso, AA).

4. 3. METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

Nesta parte, encontram-se descritos os métodos de análise utilizados para manipular os dados resultantes da aplicação da pesquisa: análise fatorial e teste t.

4.3.1. ANÁLISE FATORIAL

A análise fatorial determina a covariação entre itens e os fatores subjacentes que explicam uma grande parte da variação observada. Baseia-se no pressuposto de que um escore tende a ser representante de traços subjacentes (fatores). Os fatores agrupam os itens que tenham alguma característica em comum. Entretanto, cabe ao pesquisador conseguir descobrir o que o grupo tem em comum e então criar um rótulo para os grupos de itens ou fatores.

Em resumo, a finalidade da técnica de análise de fatores é achar um conjunto de variáveis, menor em número, que expressa o que as variáveis originais tinham em comum. (Cattell, 1978:16 apud El-Dash, 1993).

4.3.2. TESTE T

Uma das utilidades do teste *t* (Hatch & Farhady, 82) é a de investigar se há diferenças entre as médias dos grupos de sujeitos que sejam maiores do que aquelas encontradas em uma única distribuição normal, guiando-se, mais uma vez, pela comparação das duas estimativas diferentes da variação entre os grupos e dentro dos mesmos. Mais especificamente, o teste *t* mostra se as diferenças entre as médias de dois grupos distintos são maiores do que as diferenças de média que se esperaria encontrar dentro de um mesmo grupo.

Em outras palavras, o *teste t* é utilizado para avaliar se as médias de dois grupos são suficientemente distintas para concluir que os grupos são verdadeiramente diferentes um do outro, ou se essas mesmas médias são semelhantes o suficiente para concluir que as diferenças observadas provavelmente são apenas variações normais dentro de um mesmo grupo.

Todos os resultados apresentados pela análise fatorial e pelo teste *t* encontram-se no capítulo seguinte.

Concluída a discussão dos materiais e método utilizados na coleta dos dados bem como a discussão dos métodos para a análise dos dados, pode-se passar à apresentação e discussão dos resultados da pesquisa.

CAPÍTULO V

ANÁLISE E RESULTADOS

Este capítulo divide-se em duas partes: apresentação dos dados da análise fatorial e dos resultados do teste t.

5. 1. ANÁLISE FATORIAL

Como dito anteriormente, os juízes avaliaram os falantes através de uma lista de onze pares de adjetivos, o que resultaria em onze itens individuais para a análise. Desses onze itens, três (nativo; fácil de entender; e culto/higher social class) foram primeiramente isolados para análise em separado por não se enquadrarem no padrão de pares de adjetivos e por representarem características específicas. Mais explicitamente, os itens *nativo* e *fácil de entender* não correspondem à percepção da personalidade do falante, mas sim à capacidade de cada juiz em reconhecer o sotaque dos falantes. Já o item *culto/higher social class* traz uma marca explícita de posição social, o que o torna incompatível com os outros itens por estes estarem supostamente conectados à personalidade de cada falante.

Aos oito itens restantes (simpático; sincero; confiável/interesting; inteligente; elegante; bem sucedido; charmoso; e educado) aplicou-se a análise fatorial para averiguar se apresentavam variações similares de seus valores, e, portanto, se poderiam ser agrupados em um número menor de fatores sem comprometer a qualidade da análise.

O resultado da análise fatorial com rotação varimax, usando o critério de Eigenvalue ($= 1,0$), mostrou que existiam dois fatores subjacentes. Contudo, os fatores para os grupos de juízes americanos e juízes brasileiros não eram iguais, o que torna necessária uma discussão independente de cada um dos grupos.

5.1.1. ANÁLISE FATORIAL DOS GRUPOS DE BRASILEIROS

O resultado da análise dos grupos de brasileiros revelou os seguintes valores:

Tabela 1 – grupo de brasileiros

ITENS	FATOR 1	FATOR 2
Simpático	<u>0,81371</u>	0,06376
Sincero	<u>0,83105</u>	0,01156
Confiável	<u>0,82801</u>	0,11582
Inteligente	<u>0,84101</u>	0,05552
Elegante	0,24367	<u>0,77131</u>
Bem sucedido	0,48346	0,24031
Charmoso	0,02615	<u>0,86650</u>
Bem educado	0,76954	0,20351

A análise fatorial dos dados dos grupos de brasileiros revelou que quando se atribuía um valor alto para “simpático”, também eram atribuídos valores elevados para “sincero”, “confiável”, “inteligente” e “educado”. Por outro lado, quando se atribuía um valor elevado para “charmoso”, também era atribuído um valor elevado para “elegante”. Portanto, foi possível reduzir o número de variáveis sem ocasionar perda de informações e sem comprometer a qualidade da análise.

Os itens com valor elevado ($>0,80$) no fator 1 (sublinhados) foram agrupados e nomeados fator *solidariedade*¹, e os itens com valor elevado ($>0,77$) no fator 2 (sublinhados) foram agrupados e nomeados fator *status*². O item “bem sucedido” não obteve correlação em nenhum dos dois fatores e foi, portanto, desconsiderado.

¹ - Optou-se por este nome por causa da semelhança entre os itens agrupados neste estudo e os itens agrupados para o fator *solidariedade* utilizado no estudo de El-Dash (1988), (= simpático/attractive, sincero, interessante, fiel e seus respectivos opostos).

² - Os nomes dados aos fatores também foram baseados em Ryan, Giles e Sebastian apud El-Dash (1988). No estudo de El-Dash acima mencionado, o fator *status* representava as variáveis “competente”, “inteligente”, “chique”, “sucesso” e seus respectivos opostos.

Optou-se por utilizar o item “elegante” na composição do fator *status* para que este fator possuísse mais de um componente e, também, por 0,77 ser um valor representativo para um grupo de 155 sujeitos (Cattell, 78 apud El-Dash, 93) – além do mesmo item não ter expressividade no fator 1 (0,24). Já o item “bem educado” (0,76) não foi incluído no fator *solidariedade* porque quatro variáveis já são suficientes para a composição deste fator.

5.1.2. ANÁLISE FATORIAL DO GRUPO DE NORTE-AMERICANOS

Os resultados da análise fatorial do grupo de norte-americanos mostraram-se como segue:

Tabela 2 – grupo de norte-americanos

ITENS	FATOR 1	FATOR 2
Atraente	<u>0,92529</u>	0,03465
Sincero	<u>0,86106</u>	0,09760
Interessante	0,41019	0,70419
Inteligente	0,73417	0,17716
Elegante	<u>0,86283</u>	0,14610
Bem sucedido	-0,4457	<u>0,92166</u>
Charmoso	0,77310	0,32590
Educado	<u>0,90899</u>	0,18233

No caso dos dados do grupo de americanos, a análise fatorial revelou que quando se atribuía um valor elevado para “atraente”, também eram atribuídos valores elevados para “sincero”, “inteligente”, “elegante”, “charmoso” e “educado”. Por outro lado, quando se atribuía um valor elevado para “bem sucedido”, também era atribuído um valor elevado para “interessante”. Portanto, os itens com valor elevado (>0,80) no fator 1 (sublinhados)

foram agrupados e nomeados fator *solidariedade*³ e o único item com valor elevado no fator 2 (sublinhado) foi nomeado fator *status*⁴.

Pensou-se em utilizar o item “interessante” na composição do fator *status*, mas duas razões eliminaram essa possibilidade. Primeiramente, o item em questão apresentou pesos relativos nos dois fatores (0,41 e 0,70 respectivamente) e, não menos importante, há somente 73 sujeitos neste grupo – o que requer uma linha de corte mais elevada (Cattell, 78 apud El-Dash, 93).

5.1.3. DADOS DESCARTADOS

Os formulários de avaliação, em ambas as línguas, possuíam uma lista de oito profissões para que os juízes marcassem a probabilidade de cada falante exercê-las. Os questionários de dados pessoais também apresentavam uma lista de 25 adjetivos pareados a seus antônimos para que os juízes marcassem suas opiniões explícitas sobre os falantes da outra língua em questão. Como a análise fatorial não revelou fatores subjacentes nos resultados da coleta desses dados, os mesmos foram descartados da pesquisa.

5. 2. TESTE T

Como dito anteriormente, uma das utilidades do teste t é a de poder avaliar se houve diferenças entre os grupos. No caso desta pesquisa, estes testes compararam as respostas dos sujeitos com as respostas específicas para cada um dos grupos de *guises* (+*est* e –*est*). Havendo uma grande variação entre os grupos, os membros de cada grupo são percebidos

³ - Ao fator 1 de ambos os grupos foi dado o nome de *solidariedade* apesar de o agrupamento estar um pouco diferente. Para o grupo de brasileiros, esse fator engloba os itens “simpático”, “sincero”, “confiável” e “inteligente” enquanto que, para o grupo de americanos, o mesmo fator envolve os itens “simpático”, “sincero”, “elegante” e “educado”. No entanto, como americanos e brasileiros representam culturas diferentes, os itens do fator 1 dos grupos de brasileiros refletem questões de “solidariedade” para a cultura brasileira tanto quanto os itens do fator 1 do grupo de americanos exprimem questões de “solidariedade” para a cultura norte-americana.

⁴ - Ao fator 2 de ambos os grupos também foi dado o mesmo nome apesar de terem agrupamentos distintos. Para os brasileiros, os itens *charmoso* e *elegante* formam um fator independente. Por serem ambas as variáveis relacionadas à “aparência externa de uma pessoa”, foi dado o nome *status* a este fator já que a aparência está

como provenientes de populações diferentes; havendo mais variação dentro de cada grupo do que entre os grupos, o teste sugere que todos os sujeitos pertençam à mesma população. Essas estimativas têm associados “graus de liberdade” (gl) específicos, que refletem o número de indivíduos ou as variações possíveis nos dois subgrupos.

5.2.1. BRASILEIROS

5.2.1.1. COMPARAÇÃO DOS DOIS GRUPOS DE BRASILEIROS

Recapitulando, os juízes brasileiros foram divididos em dois grupos: um composto por sujeitos que apresentavam o mínimo de contato com a língua inglesa, ou seja, somente o inglês exposto pelos meios de comunicação e entretenimento, e um outro grupo formado por sujeitos com o máximo de contato possível, i. e., desde cursos de inglês até vivência no exterior. A separação dos juízes nesses dois grupos visava investigar se o contato mais intenso com o idioma em questão alteraria a percepção dos brasileiros em relação ao sotaque na fala de estrangeiros (no caso, os americanos).

Embora a análise fatorial tenha sido realizada com os dados dos juízes de ambos os grupos (bras–cont e bras+cont) como um todo, efetuou-se um teste t para amostras dependentes para averiguar se o comportamento dos brasileiros +contato e –contato com a língua inglesa tinha, de algum modo, apresentado diferenças significativas nas avaliações. Os resultados foram elucidativos.

Começando pelo fator 1 *solidariedade*, compararam-se as reações dos dois grupos em relação aos falantes homens +est. Para tanto, fez-se uma média dos escores dos dois falantes homens no *guise* +est do grupo de juízes bras–cont e outra média dos escores desses mesmos *guises* no grupo de juízes bras+cont. Essas duas médias foram então comparadas e o teste T os classificou como pertencentes a um mesmo conjunto (ver tabela 3 abaixo). As comparações para os falantes homens nos *guises* –est, falantes mulheres nos *guises* +est e nos *guises* –est obtiveram o mesmo parecer.

intimamente ligada à questão de “status” na cultura brasileira. O fator 2 do grupo de americanos é representado por “bem sucedido” – que também é uma marca de “status” para os norte-americanos.

O fator 2 *status* também não apresentou diferenças para os falantes homens nos *guises* +est e nem nos *guises* -est. As falantes mulheres também não apresentaram diferenças em seus *guises* +est nem nos *guises* -est. Em outras palavras, o teste T para amostras dependentes mostrou que as variações de valores atribuídos aos dois fatores pelos dois grupos de juízes (bras+cont e bras-cont) não foram suficientes para classificá-los como grupos distintos.

Tabela 3 – Resultado do teste t para a comparação das avaliações entre os dois grupos de juízes (bras-cont e bras+cont)

Fator 1 - *solidariedade*

Falantes homens – <i>guise</i> +est	=>	t (1,97) = 1,32
Falantes homens – <i>guise</i> -est	=>	t (1,97) = 0,10
Falantes mulheres – <i>guise</i> +est	=>	t (1,97) = 0,42
Falantes mulheres – <i>guise</i> -est	=>	t (1,97) = 0,03

Fator 2 - *status*

Falantes homens – <i>guise</i> +est	=>	t (1,97) = 0,90
Falantes homens – <i>guise</i> -est	=>	t (1,97) = 0,71
Falantes mulheres – <i>guise</i> +est	=>	t (1,97) = 0,009
Falantes mulheres – <i>guise</i> -est	=>	t (1,97) = 0,75

Portanto, após a aplicação do teste T, verificou-se que a opinião geral do brasileiro sobre os americanos não se altera em virtude da existência de maior ou menor de contato com a língua inglesa. Assim, a discussão que segue tratará os dados dos juízes brasileiros como pertencentes a um único grupo.

5.2.1.2. ANÁLISE DE *SOLIDARIEDADE* E *STATUS*

Os resultados obtidos foram baseados nas comparações dos *guises* masculinos entre si, dos *guises* femininos entre si e entre os *guises* de ambos os sexos. Para tanto, calculou-se uma média dos escores de cada falante no *guise* +est e outra média dos escores desses mesmos indivíduos falando com menos sotaque. Os resultados do teste t para cada comparação encontram-se na tabela abaixo.

Tabela 4 – Resultado do teste t para a comparação das avaliações entre os *guises*-est e *guises*+est (feitas por juízes brasileiros)

Fator 1 – <i>solidariedade</i>	T ₀ (1,97)	gl	p< 0001	significância
Falantes homens – +est : -est	10,85	307	1,84E-23	significativo
Falantes mulheres – +est : -est	10,43	308	5,05E-22	significativo
Homens : mulheres – <i>guise</i> +est	7,14	304	6,77E-12	significativo
Homens : mulheres – <i>guise</i> -est	8,35	301	2,38E-15	significativo
Fator 2 - <i>status</i>				
Falantes homens – +est : -est	12,17	308	4,30E-28	significativo
Falantes mulheres – +est : -est	11,70	305	2,31E-26	significativo
Homens : mulheres – <i>guise</i> +est	7,10	308	8,17E-12	significativo
Homens : mulheres – <i>guise</i> -est	6,85	305	3,87E-11	significativo

Iniciando por *solidariedade*, compararam-se as reações em relação aos homens +est e aos homens -est e o resultado mostrou que os juízes brasileiros expressaram mais

sentimento de solidariedade para com os homens +est ($x = 5,41$)⁵ do que para com os homens -est ($x = 4,42$). O mesmo procedimento foi seguido para as mulheres e o resultado também indicou que os juízes brasileiros sentiram mais solidariedade para com as mulheres +est ($x = 4,70$) do que com as mulheres -est ($x = 3,61$). A comparação dos resultados entre homens e mulheres +est revelou uma pontuação mais elevada para com os homens +est ($x = 5,41$) do que com as mulheres +est ($x = 4,70$). O mesmo ocorreu na comparação entre os homens -est ($x = 4,42$) e mulheres -est ($x = 3,61$).

Portanto, como se pode observar, os juízes revelaram sentir mais solidariedade com pessoas que possuíam sotaque estrangeiro suprasegmental mais proeminente do que com pessoas que possuíam um sotaque estrangeiro suprasegmental não tão pronunciado. Da mesma forma, mostraram mais solidariedade com os homens que com as mulheres.

Em relação ao item *status*, as mesmas comparações também apresentaram uma diferença significativa entre os grupos. A comparação dos homens +est e -est revelou que os homens +est receberam uma avaliação mais positiva ($x = 5,06$) do que os homens -est ($x = 3,82$). A comparação das mulheres +est e -est exibe a mesma tendência, sendo $x = 4,34$ para as mulheres +est e $x = 3,09$ para as mulheres -est. Ao comparar os resultados dos *guises* +est de homens e mulheres, verificou-se que os homens obtiveram uma classificação mais elevada (homens: $x = 5,06$; mulheres: $x = 4,34$). A comparação dos resultados de homens e mulheres em seus *guises* -est mostrou o mesmo resultado, ou seja, os homens obtiveram uma média mais elevada ($x = 3,82$) que a média das mulheres ($x = 3,09$).

Seguindo a mesma tendência dos resultados para *solidariedade*, os resultados sobre *status* revelaram que os juízes atribuíram mais *status* às pessoas que possuíam sotaque estrangeiro suprasegmental proeminente do que àquelas que possuíam um sotaque estrangeiro suprasegmental não tão pronunciado. Também atribuíram mais *status* aos homens que às mulheres.

⁵ - "x" significa média da pontuação dada pelos juízes, também revelada pelo teste t para amostras dependentes. As pontuações variavam em uma escala de 1 a 7 sendo 1 o valor mais negativo; 4, o valor neutro; e 7, o valor mais positivo.

5.2.2. NORTE-AMERICANOS

Aos resultados das avaliações dos juízes americanos foram aplicadas as mesmas comparações. Os resultados do teste t encontram-se no quadro abaixo.

Tabela 5 – Resultado do teste t para a comparação das avaliações entre os *guises*-est e *guises*+est (feitas por juízes americanos)

Fator 1 – <i>solidariedade</i>	T ₀ (1,97)	gl	p< 0001	significância
Falantes homens – +est : -est	12,20	124	5,31E-23	significativo
Falantes mulheres – +est : -est	14,32	134	8,10E-29	significativo
Homens : mulheres – <i>guise</i> -est	10,09	144	1,86E-18	significativo
Homens : mulheres – <i>guise</i> +est	6,11	142	8,95E-09	significativo
Fator 2 - <i>status</i>				
Falantes homens – +est : -est	8,14	126	3,24E-13	significativo
Falantes mulheres – +est : -est	14,66	117	2,81E-28	significativo
Homens : mulheres – <i>guise</i> -est	10,43	142	2,90E-19	significativo
Homens : mulheres – <i>guise</i> +est	1,47			NÃO signif.

Por sua vez, o grupo de americanos, em relação ao item *solidariedade*, também mostrou distância entre os *guises* em todas as comparações. Comparando os homens em seus *guises* +est e -est (com $x = 3,38$ e $x = 5,00$ respectivamente), verificou-se que os juízes americanos expressaram mais sentimento de solidariedade em relação aos homens -est do que aos homens +est. Os juízes também demonstraram mais solidariedade para com as mulheres -est ($x = 6,04$) do que com as mulheres +est ($x = 4,28$). Já a comparação dos resultados entre homens -est e mulheres -est indicou que as mulheres obtiveram uma

classificação ($x = 6,04$) mais elevada que os homens ($x = 5,00$). O mesmo pode ser observado nos grupos de mulheres +est ($x = 4,28$) e homens +est ($x = 3,38$).

Portanto, os juízes revelaram sentir mais solidariedade com pessoas que possuíam sotaque estrangeiro suprasegmental mais sutil do que com pessoas que possuíam um sotaque estrangeiro suprasegmental mais pronunciado. Da mesma forma, mostraram mais solidariedade para com as mulheres que para com os homens.

Com relação ao item *status*, as mesmas comparações também apresentaram uma diferença significativa entre os grupos. Os homens –est e +est foram comparados e o resultado indicou que os homens –est foram avaliados como tendo mais status ($x = 4,76$) que os homens +est ($x = 3,38$). As mulheres apresentaram uma diferença ainda mais significativa entre mulheres –est ($x = 6,08$) e mulheres +est ($3,67$). A comparação entre mulheres –est e homens –est confirmou que as mulheres foram julgadas como tendo mais status ($x = 6,08$) que os homens –est ($x = 4,76$). Entretanto, o teste t revelou não haver diferença entre os homens +est e as mulheres +est ($t(1,97) = 1,47$).

5.2.3. RESUMO DOS RESULTADOS

Retomando os resultados, tem-se que os brasileiros atribuíram índices mais elevados de *solidariedade* e *status* aos *guises*+est, ou seja, àqueles falantes que apresentaram um sotaque provocado pelos padrões suprasegmentais do inglês mais marcado. Já os americanos tiveram uma reação oposta ao atribuir os índices mais elevados de *solidariedade* e *status* aos *guises*-est, ou seja, àqueles falantes cujo sotaque provocado pelos padrões suprasegmentais do português era mais sutil. Apesar de serem reações contrárias, ambos os grupos foram influenciados pelos padrões suprasegmentais estrangeiros. Portanto, esses resultados põem em xeque a hipótese nula apresentada neste estudo. Uma discussão do significado desses resultados encontra-se no capítulo 6.

5.2.4. ANÁLISE DOS FATORES ISOLADOS

O teste t também foi aplicado aos fatores anteriormente isolados (*muito sotaque/pouco sotaque, difícil de entender/fácil de entender e ignorante(low social class)/culto(high social class)*). Os resultados para ambos os grupos de juízes brasileiros e americanos encontram-se a seguir⁶.

Tabela 6 – Resultados das avaliações feitas pelos juízes brasileiros
(médias reveladas pelo teste t)

	homens		mulheres	
	<i>guise+est</i>	<i>guise-est</i>	<i>guise+est</i>	<i>guise-est</i>
Fator 3 - <i>sotaque</i>	2.26	6.18	4.84	5.90
Fator 4 - <i>entender</i>	3.76	6.34	4.51	6.21
Fator 5 – <i>culto</i>	4.94	5.53	4.22	5.38

Tabela 7 – Resultados das avaliações feitas pelos juízes americanos
(médias reveladas pelo teste t)

	homens		mulheres	
	<i>guise+est</i>	<i>guise-est</i>	<i>guise+est</i>	<i>guise-est</i>
Fator 3 - <i>sotaque</i>	2.35	4.86	3.23	6.17
Fator 4 - <i>entender</i>	3.45	5.92	4.36	6.56
Fator 5 – <i>culto</i>	3.43	4.67	3.69	5.77

⁶ - Lembrando que o valor 1 está associado a *muito sotaque, difícil de entender e ignorante(low social class)* enquanto que o valor 7 está vinculado a *pouco sotaque, fácil de entender e culto(high social class)*.

Os fatores 3 e 4 confirmam que tanto os juízes brasileiros quanto os juízes americanos perceberam a diferença de sotaque suprasegmental marcado entre os *guises*. Contudo, os resultados para o fator 5 não revelaram diferenças significativas.

5.2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta parte não poderia ser finalizada sem uma breve comparação dos resultados aqui encontrados e aqueles encontrados por El-Dash e Busnardo (2001). Sua investigação sobre as reações da atitude de 148 adolescentes brasileiros, residentes em Campinas, com relação a solidariedade e status revelou que 50% dos juízes avaliaram os *guises* em inglês mais favoravelmente do que os *guises* em português com relação a status e com relação a solidariedade também. Neste estudo, que utilizou apenas a língua portuguesa com dois níveis diferentes de sotaque suprasegmental estrangeiro, e não duas línguas distintas como em El-Dash e Busnardo, toda a população de juízes brasileiros também avaliou os *guises+est* mais favoravelmente do que os *guises-est*. Este resultado pode não revelar uma tendência de atribuição de sentimentos de solidariedade e status à língua inglesa em si, mas pode expressar os sentimentos de solidariedade e status que os brasileiros têm em relação a estrangeiros oriundos de países de língua inglesa que residam no Brasil.

CAPÍTULO VI

DISCUSSÕES FINAIS

Neste capítulo serão apresentadas uma conclusão acerca dos resultados exibidos no capítulo anterior assim como uma discussão sobre as implicações pedagógicas que essa conclusão pode gerar. Considerações finais sobre toda a pesquisa e resultados obtidos complementarão os argumentos previamente apresentados.

6.1. HIPÓTESE NULA REVISTA

No início desta pesquisa cogitou-se a hipótese de que os aspectos suprasegmentais de uma língua nativa, ao serem transferidos para uma língua estrangeira, não seriam causadores de qualquer ruído na comunicação. Entretanto, após a realização das avaliações das fitas gravadas, tanto em português quanto em inglês, mostrou-se claro que a hipótese nula deve ser refutada visto que ambos os grupos de juízes (americanos e brasileiros) foram, de uma forma ou de outra, afetados pelos padrões suprasegmentais estrangeiros.

Os aspectos suprasegmentais não nativos provocaram reações sócio-comportamentais suficientes nos juízes para que eles rotulassem cada indivíduo de forma diferenciada (mais favorável ou desfavoravelmente) dependendo da maior ou menor presença de sotaque suprasegmental.

Para os brasileiros, resultou a conclusão de que quanto mais sotaque suprasegmental (no caso, do inglês norte-americano) na fala de um indivíduo, maior os sentimentos de *solidariedade* e *status* gerados no ouvinte. Logo, a presença do sotaque suprasegmental inglês, no Brasil, influencia o processo de comunicação de forma positiva.

Já para os americanos, resultou que quanto mais sotaque suprasegmental (no caso, do português do Brasil) na fala de um indivíduo, menor os sentimentos de *solidariedade* e *status* gerados no ouvinte. Conclui-se, então, que a presença do sotaque suprasegmental português, nos Estados Unidos, influencia o processo de comunicação negativamente.

Sabe-se que a qualidade da voz tem funções lingüísticas, paralingüísticas e extralingüísticas. Esses aspectos específicos caracterizam línguas, dialetos, e grupos sociais; eles também sinalizam humor e emoção em processos de interação e caracterizam ou identificam o indivíduo (Esling & Wong, 83; Fry, 94). Portanto, quando uma característica da qualidade da voz é proeminente na língua nativa, mas não ocorre em mesma quantidade na língua alvo, torna-se um potencial obstáculo para a inteligibilidade e compreensão. Neste estudo, a inteligibilidade e a compreensão não foram corrompidas pelos aspectos não esperados pelos ouvintes nativos, mas, mesmo assim, esses aspectos foram causadores de reações que não estariam presentes na interação entre falantes nativos.

Essas reações ocorreram porque os nativos não têm percepção consciente dos papéis e funções dos padrões suprasegmentais, como o ritmo e a entoação, por exemplo. Portanto, se, por um lado, os usos segmentais inadequados são imediatamente percebidos, os usos inadequados no nível suprasegmental não serão reconhecidos como tais (Taylor, 93; Anderson-Hsieh, 90), mas, mesmo assim, causarão estranheza e incompreensão das intenções da fala.

O sotaque suprasegmental estrangeiro distrai a atenção dos nativos, desviando-a do conteúdo da mensagem para a forma como é emitida. Este fato pode levar o ouvinte a erguer uma barreira social (Nihalani, 93; Tataru, 69; Ioup, 87) entre si e o falante de forma inconsciente, dificultando o processo comunicativo. A partir dos resultados aqui obtidos, verificou-se que esse risco é inexistente para americanos (ou, por que não dizer, para falantes nativos de língua inglesa) que utilizem o português no Brasil. Contudo, esses mesmos resultados confirmam o risco para brasileiros que utilizem a língua inglesa para se comunicar. Deste modo, não pode haver dúvida que professores de língua estrangeira têm de encorajar seus alunos a tentar tornar seus discursos socialmente aceitáveis e não apenas inteligíveis.

6.2. IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Conforme o já discutido anteriormente, a qualidade de voz nativa de um estudante, sem ele saber ou perceber, pode causar uma resposta desfavorável por parte de falantes nativos de inglês e contribuir para julgamentos sociais desfavoráveis (Esling e Wong, 83). Nesta parte, então, discorrer-se-á sobre a importância do ensino e da prática dos padrões suprasegmentais do inglês para brasileiros que se encontrem em processo de aprendizagem de tal língua, já que se observou que americanos não são interpretados de forma desfavorável ao falarem português.

Para ilustrar a importância em se abordar o nível suprasegmental da língua inglesa na sala de aula, seria interessante reproduzir a comparação entre ritmo e valsa feita por Kenworthy (1994), ao dizer que se o falante não utilizar as características do ritmo da língua inglesa, seria como se tivesse convidado o ouvinte a dançar uma valsa. Só que, como o falante utiliza-se de passos fora do compasso esperado e de forma imprevisível, o ouvinte não consegue acompanhá-lo confortavelmente.¹

Infelizmente, poucas instituições de ensino no Brasil conscientizam seus alunos da existência de todo um sistema suprasegmental diferente do utilizado em seu país e que um número ainda menor trabalha sistematicamente com *pitch*, ritmo, entoação e posicionamento de acento na língua inglesa. Essa tendência pode até ser um reflexo do fato de os brasileiros não serem negativamente afetados pelo sotaque estrangeiro – o que poderia ter levado essas mesmas instituições a julgar desnecessário abranger esse elemento lingüístico em seus conteúdos programáticos.

No entanto, se o objetivo é formar falantes de inglês não somente inteligíveis, mas também indivíduos social e afetivamente aceitos por nativos da língua em questão, há a necessidade de renovar a atenção à pronúncia e investir no ensino e prática dos padrões suprasegmentais. O aluno de língua estrangeira deve ser conscientizado das diferenças relativas à entoação e acentuação frasal desde o início de seu curso, e oportunidades

¹ - If the speaker doesn't use the characteristic English rhythm, then the listener will be placed in the position of someone who walks out onto the dance floor with a partner, expecting to waltz, but finds that the partner starts some strange set of syncopated steps which are thoroughly unpredictable and impossible to follow, or marches up and down in a perfectly steady beat, which doesn't seem like dancing at all to the waltz-lover!

devem lhe ser proporcionadas durante todo o seu tempo de treinamento na língua (Cavalcanti, 77). Somente assim, cumprir-se-á o verdadeiro objetivo do ensino.

Alguns profissionais do ensino se apegam a autores que definem limites de idade para a aquisição de uma pronúncia perfeita. Apoiam-se em autores que afirmam que crianças na idade de três anos aprendem línguas estrangeiras mais rapidamente e sem sotaque; que crianças mais velhas também têm a capacidade de eliminar o sotaque (embora mais lentamente); que adolescentes e adultos enfrentam maiores dificuldades (como Flege, 81, por exemplo); e que quanto mais velho o aprendiz, menor será sua chance de eliminar o seu sotaque nativo. Outros autores (como Rameh, 62) também dizem que os brasileiros têm mais dificuldade em aprender a pronúncia inglesa por estarem indo de um sistema fonológico mais simples para um sistema mais complexo. Como argumento inicial, deve-se perceber que a questão aqui não é ser complacente com o aluno porque este está indo de um sistema mais simples para um mais complexo, mas sim, mostrar-lhe o novo sistema e dar-lhe a chance de aprender a dominar este novo sistema que lhe é apresentado porque este sim é o objetivo do profissional de ensino.

Outro argumento bastante importante é que em nenhum momento da literatura abordada foi dito que somente a eliminação do sotaque estrangeiro pode evitar os problemas sócio-comportamentais na comunicação entre falantes nativos e estrangeiros. Deve-se lembrar que a pesquisa realizada comparou a reação a *muito* sotaque com a reação a *pouco* sotaque estrangeiro, e não a *nenhum* sotaque estrangeiro. Obter um discurso mais socialmente aceito é tarefa possível de ser realizada por qualquer falante brasileiro, não importando a idade em que iniciou seus estudos.

Hoje em dia é sabido que a pronúncia é uma questão tão motora quanto lingüística quanto afetiva. Qualquer indivíduo é capaz de trabalhar sua pronúncia até atingir níveis considerados adequados, ou seja, inteligíveis e não fomentadores de reações negativas por parte do ouvinte nativo. O segredo está em como desenvolver esse processo pedagogicamente.

É fato que um aprendiz não é capaz de produzir o que não é capaz de perceber acusticamente (Chela-Flores, 94; De Bot & Mailfert, 82). Assim sendo, a produção de entoação, ritmo e outros aspectos suprasegmentais depende fortemente da percepção desses mesmos padrões. Há características do inglês, como o direcionamento da entoação

no final do enunciado (ascendente ou descendente); a variação entre níveis altos e baixos; a rapidez da mudança de um nível para outro e o posicionamento desta mudança no enunciado (na frase, na palavra e na sílaba também) que são perceptivelmente relevantes para os falantes nativos. Essas nuances da prosódia da língua inglesa são inconscientemente fundamentais para a interpretação da força ilocucionária da mensagem e, logo, deveriam ser parte do conteúdo programático de qualquer curso de língua inglesa para que seus alunos pudessem tomar consciência da existência desses padrões bem como de suas funções, pois deles depende uma interação livre de interpretações equivocadas.

Tomando-se apenas um aspecto do nível suprasegmental como exemplo, a entoação mostra-se bastante importante até mesmo para a inteligibilidade² do discurso, pois ela é usada para expressar as intenções do falante. A entoação revela ao ouvinte se seu interlocutor está pedindo informação, confirmando informação, buscando apoio às suas opiniões ou simplesmente fazendo um comentário. Embora a entoação não dificulte a compreensão dos termos lexicais empregados, ela pode causar incompreensão do ato ilocucionário e dificultar a interação entre os falantes (Kenworthy, 94). É preciso ter em mente que os efeitos do uso inadequado da entoação podem ser cumulativos; os ruídos na comunicação podem ser mínimos, mas se ocorrem com frequência, podem gerar julgamentos equivocados por parte dos ouvintes³.

Voltando à questão do ensino, ao estabelecer os objetivos e metas para seus alunos, o professor de língua estrangeira deve considerar o efeito que a pronúncia inadequada causará no ouvinte e o grau de tolerância que os ouvintes terão para com a mesma (Lieff, 1996). Como já dito, o que o aprendiz não é capaz de distinguir acusticamente, ele não será capaz de produzir em seu discurso. Portanto, cabe ao profissional do ensino de línguas proporcionar atividades que promovam a percepção desses padrões bem como o uso e o tipo de reação que eles induzirão o ouvinte a ter.

Parece claro que o professor deve elaborar atividades de áudio para instigar a percepção do aluno para um dado aspecto do sistema suprasegmental da língua alvo;

² - Only those who take an extremely narrow view of intelligibility can disregard the importance of intonation. Kenworthy, 1994.

³ - ... the effect of intonation can be *cumulative*; the misunderstandings may be minor, but if they occur constantly then they may result in judgements about the attitudes, character, ways of behaving, etc.. of a particular speaker. For example, if a foreign speaker always uses very low pitch, without much variation in the

certificar-se que seu aprendiz compreendeu a função do aspecto em questão na fala e na interação e promover o uso do referido aspecto em situações comunicativas em sala de aula.

Aprender sobre aspectos suprasegmentais não só proporcionará uma fala mais clara e precisa, mas também aprimorará a capacidade de compreender o discurso falado porque o aluno estará apto a interpretar os aspectos suprasegmentais que ouvir de forma mais precisa (De Bot & Mailfert, 82; Esling & Wong, 83). Pode-se observar que trabalhar os aspectos e diferentes padrões do nível suprasegmental fará o aluno, além de comunicar-se de forma mais clara, desenvolver suas habilidades de fala e de compreensão de fontes audiovisuais.

6.3. IMPLICAÇÕES E PESQUISAS FUTURAS

Este estudo traz evidência de reações de atitude resultantes da transferência de padrões suprasegmentais de uma língua nativa para a língua alvo. Tanto a discussão teórica quanto a pesquisa realizada apontaram para o fato de o nível suprasegmental estar ligado à percepção que um ouvinte tem de seu interlocutor.

Na parte teórica constatou-se que há uma interferência da língua mãe na escolha do posicionamento do acento em palavras que pode afetar a inteligibilidade do discurso. Comparações também demonstraram que aspectos do ritmo e da entoação de uma língua podem ser usados na outra língua, porém, com sentidos diferentes e até contrastantes, o que acarreta uma reação inesperada na atitude do ouvinte. No entanto, para futuras pesquisas, seria enriquecedor explorar cada item do nível suprasegmental separadamente e esgotar as possibilidades de contraste e similitude entre as duas línguas. Um estudo comparativo de cada traço entoacional seria bastante elucidativo e uma pesquisa sobre a diferença de tempo marcado para sílabas não acentuadas entre o ritmo do inglês e o ritmo do português traria luz à questão da aquisição do ritmo do idioma estrangeiro.

melody of the voice, listeners may get the impression that they are 'bored' or 'uninterested' when this is really

Da pesquisa propriamente dita, pode-se dizer que o resultado obtido para americanos falando português no Brasil não foi muito surpreendente, já que há uma certa aceitação da cultura americana no Brasil. Seria cientificamente interessante replicar a pesquisa com nativos de outros países de língua inglesa (como o Canadá, Inglaterra, Austrália, África do Sul, entre outros) falando português no Brasil para verificar se o resultado seria igual ou semelhante ao alcançado. Da mesma forma, a replicação poderia ser elaborada com falantes nativos de idiomas diferentes para averiguar se os padrões suprasegmentais de outras línguas, ao serem transferidos para o português do Brasil, levariam aos mesmos resultados.

Já o resultado obtido para os brasileiros traz um novo ângulo para a discussão do ensino de pronúncia e da ênfase em se ensinar padrões suprasegmentais da língua alvo no Brasil (no caso, o inglês). Para dar mais força a este resultado, esta pesquisa poderia ser aplicada em outros estados americanos e a mais sujeitos para a confirmação do resultado. Da mesma forma, a pesquisa poderia ser aplicada em outros países de língua inglesa com o mesmo objetivo de verificar se o resultado se confirma em todos os ambientes de língua inglesa.

Um processo não menos curioso seria replicar a pesquisa com portugueses falando inglês para averiguar se os resultados se aplicam à Língua Portuguesa em geral ou somente a características específicas do português falado no Brasil. A replicação também poderia ser realizada com brasileiros falando outros idiomas para investigar se a reação negativa aqui observada se repetiria com ouvintes nativos de outros idiomas.

Paralelamente, um estudo inverso, ou seja, com ênfase no nível segmental e não suprasegmental esclareceria se o uso inadequado dos segmentos também interfeririam na atitude do ouvinte ou somente na inteligibilidade.

Outro ponto a ser investigado poderia ser a questão de os juízes brasileiros terem demonstrado maiores índices de solidariedade e status para os falantes homens e de os juízes norte-americanos terem demonstrado maiores índices de solidariedade e status para as mulheres. Parece ser um bom campo de estudo na área de gênero e futuras pesquisas poderiam tentar explicar o motivo desta constatação.

Por fim, uma investigação sobre os sentimentos de solidariedade e status gerados por questões culturais e globais (culturas dominantes e dominadas; culturas economicamente desenvolvidas ou não; etc..) traria questões fundamentais para reforçar a questão do sotaque como gerador de reações de atitude ou defini-lo como apenas um elemento na elaboração da percepção do ouvinte nativo sobre seu interlocutor.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Textos gravados

Os textos para gravação das fitas apresentam-se separados em nove trechos. Cada trecho corresponde a um *guise* específico.

Texto em inglês:

I

SHOULD COUPLES LIVE TOGETHER FIRST?

Some people say cohabitation is a good test of compatibility for marriage, but is this really so?

Is living together really a good test for marriage? Young people frequently say that they would not dream of marrying someone they hadn't lived with because that would be like buying a pair of shoes you haven't tried on.

It sounds very logical, doesn't it? A couple have a trial period of cohabitation. If they find they are compatible, they get married. If not, they go their separate ways. They find out *before* they marry whether they will get along. And that should cut down on the divorce rate. Right?

II

Cohabitation should be considered as a way to cut down on the divorce rate. Is that right? That's wrong, say sociologists Jeffrey Jacques and Karen Chason of Florida A&M University. They studied two groups of students married for at least 13 months. In one group, the couples had lived together before their marriage; in the other, they had not. The researchers say they could find few differences between the couples. Satisfaction with the marriage was no higher (or lower) if the couple had co-habited. Neither was dissatisfaction - since as many couples in one group as in the other seemed headed for conflict or divorce.

III

The researchers suggest, based on their findings, that the types of learning that occur during cohabitation aren't as related to marriage as we usually assume. They don't work *against* a successful marriage, but they don't work *for* one either. Cohabitation as a testing ground for marriage hasn't really met the test.

Why doesn't a trial period of living together alter the marriage experience? For one thing, both people know that it's a trial period. Either of them can walk out the next time the lease is up for renewal. The cohabiting woman doesn't have to put up with a man who mistreats her; the man doesn't have to put up with a moody mate. Both may tend to

be on their best behavior. And, since it is a trial, both may find it easier to put up with traits in the other that would be unbearable if a shared lifetime stretched ahead.

IV

Then there's the matter of money. In a live-in arrangement, money tends to be "his" or "hers". Expenses may be shared, but the future isn't jeopardized if she spends more than she can afford on clothes or if he continually loses on the horses. It's different after they're wed and saving for a house and children. Then each can resent the other's extravagances.

In-laws are rarely a factor in a live-in arrangement - they often disapprove and stay aloof from the couple. Only after marriage do in-laws intrude and cause disagreements, tears and divided loyalties. Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, who require adjustments in a marriage that some relationships can't accommodate.

Living together, it seems, prepares one for a future living-together arrangement with someone else. It appears to have little correlation with happiness in marriage.

V

Why they do it. According to the U.S. Census Bureau, the number of men and women living together without the benefits of wedlock has more than tripled since 1970. That's close to 2 million, compared to half a million in 1970. Why this increase? The Census Bureau report says that a number of factors may be contributing to the change in the living arrangements of young men and women, including the postponement of marriage, rise in divorce, emphasis on advanced education, employment problems and high housing costs.

In citing "postponement of marriage," the bureau seems to be saying that the couples eventually will get married, that cohabitation is merely a prelude to wedlock. But live-in couples don't necessarily share that view.

VI

Prof. George Thorman, while at the Graduate School of Social Work at the University of Texas, decided to find out why young people chose cohabitation instead of marriage. He interviewed 30 long-term live-in couples at the university's campus in Austin. Almost half had lived together longer than a year. They ranged from 18 to 30 years of age, from sophomores to graduate students.

His interviews revealed that, in most cases, the couples did not decide lightly to live together. Three-fourths had strong ties of affection and commitment before they moved in together, though only two couples had plans to marry. Many were afraid of marriage; they had lived with unhappily married parents or had watched the relationships of live-in couples deteriorate after marriage. They spoke of marriage as a "duty" relationship, "a

dead end," and "giving up something wonderful which would only lead to taking a partner for granted."

VII

Most of Thorman's couples denied that sex was the reason for living together. Sex is freely available outside such arrangements, they explained. The intimacy they sought - and claimed to find - through cohabitation was emotional and intellectual as well as physical. Most saw their relationship as a more honest, growth-promoting interaction than the usual dating and courtship. Most were sexually faithful to each other, just as they would be expected to be if they were married. The difference seemed to be that they felt they had freely chosen this commitment to the live-in partner - it wasn't demanded of them by parents or society. Perhaps, for them, marriage had been pushed too much as a moral duty, too little praised and not shown to be a meaningful lifestyle.

VIII

All of these data prompted Thorman to conclude that the live-in couples had a lifestyle similar to that of married couples - although his subjects didn't really see it that way.

An alternative to marriage? One couple, Joe and Kathy, are living together. Another couple, John and Mary, are dating steadily. Which pair is more likely to split up? To marry? Dr. Judith Lyness Fischer, while at Pennsylvania State University, interviewed 23 couples who had been dating and 15 who had been living together for at least eight months. All were middle class, in their early 20s. All indicated that they felt themselves in serious relationships.

IX

The same couples were questioned eight months later. Two-thirds (16) of the dating couples either had split up or married. Only two of the live-in couples had married - the rest still were living together. Dr. Fischer suggests that we must begin to look at the relatively new living-together phenomenon not as a step toward marriage but as an alternative.

Couples who cohabit may not marry each other, as dating couples are more apt to do. But it still is possible that they will learn important lessons about living with one another - sharing, cooperating, meeting each other's needs. These may be carried on into a more mature relationship - a marriage - or they may not. Cohabiting couples are now a part of our society. Dr. Fischer feels that society will benefit if their place in it is examined without prejudice.

Texto em português:

I

As pessoas deveriam viver juntas antes de se casar?

Dizem que coabitar é um bom teste de compatibilidade para o casamento, mas será mesmo?

Será que "morar junto" é um bom teste para o casamento? Os jovens freqüentemente dizem que não pensariam em casamento sem que antes tenham morado "junto" porque seria como comprar um par de sapatos sem tê-los experimentado antes.

Parece lógico, não? Um casal pode passar por um período de convivência domiciliar. Se descobrirem que são compatíveis, partem para o casamento. Caso contrário, cada um continuaria a viver sua própria vida. Dessa forma, podem descobrir - *antes* de se casarem se iriam dar-se bem. Tal procedimento até reduziria o índice de divórcio. Certo?

II

A convivência domiciliar prévia deveria ser considerada como uma forma de reduzir o índice de divórcio. Certo? Errado - afirmam os sociólogos Jeffrey Jacques e Karem Chason da Universidade A&M na Flórida. Eles estudaram dois grupos de alunos casados há pelo menos 13 meses. Em um grupo, os casais haviam morado juntos antes do casamento; no outro grupo, não haviam. Os pesquisadores dizem que conseguiram achar pouquíssimas diferenças entre os casais. O índice de satisfação em relação ao casamento não era mais alto (nem mais baixo) se o casal tivesse coabitado. Nem o nível de insatisfação - pois tantos casais em um grupo quanto no outro pareciam fadados ao divórcio.

III

Os pesquisadores sugerem, baseados em suas descobertas, que os tipos de aprendizagem que ocorrem durante a coabitação não são tão relacionados ao casamento quanto se pensa. A experiência de viver "junto" não age *contra* o casamento e *nem* a favor. Logo, a coabitação como uma forma de experiência pré-nupcial mostrou-se ineficiente.

Por que morar junto não altera a convivência no casamento? Pelo fato de ambos saberem que é um período de experiência. Eles podem terminar a relação assim que o contrato do aluguel precisar ser renovado. A mulher não precisa tolerar um homem que a maltrate e o homem não tem que suportar uma companheira mal-humorada. Ambos podem estar tentando se comportar da melhor forma possível. E, já que é uma tentativa, podem achar mais fácil conviver com certas características no outro que seriam insuportáveis se a vida a dois fosse encarada como definitiva.

IV

Há também a questão do dinheiro. Em uma relação não oficializada, o dinheiro tende a ser "dele" ou "dela". As despesas são divididas, mas o futuro não estará ameaçado se ela gastar mais do que pode em roupas, ou se ele sempre perder dinheiro no jôquei. É diferente após o casamento pois precisarão economizar visando comprar uma casa e prover para os filhos. Nessa hora, cada um pode desaprovar as extravagâncias do outro.

Os parentes raramente interferem numa relação não oficializada - geralmente a desaprovam e se afastam do casal. Só após o casamento, intrometem-se na relação e causam discórdia e lágrimas. Outro fator é que o casal não tem necessidade de se adaptar a filhos, o que requer certos ajustes no casamento que nem sempre são bem-vindos. A experiência de "morar junto" parece preparar cada um para se dar melhor em uma próxima relação também não oficializada; ou seja, não demonstra ter muita correlação com a felicidade no casamento.

V

Porque preferem esse tipo de relação. De acordo com o Censo americano, o número de homens e mulheres coabitando sem os benefícios do casamento triplicou desde 1970. O que significa quase dois milhões de pessoas, comparado a meio milhão em 1970. Por que o aumento? O Censo diz que um número de fatores pode estar contribuindo para essa mudança de comportamento entre homens e mulheres como por exemplo o adiamento do casamento, o aumento do índice de divórcio, o interesse em continuar os estudos em pós-graduação, o risco de desemprego e o alto custo de moradia.

Ao citar "o adiamento do casamento", o Censo parece estar querendo dizer que os casais acabarão casando-se mais cedo ou mais tarde e que a coabitação é meramente um prelúdio da união matrimonial. Mas os casais entrevistados não partilham a mesma visão.

VI

O Professor George Thorman, da Faculdade de Serviço Social na Universidade do Texas, decidiu descobrir porque os jovens preferem a coabitação ao casamento. Ele entrevistou trinta casais no campus da universidade em Austin. Quase metade vivia "junto" há mais de um ano. Variavam de dezoito a trinta anos - de veteranos a pós-graduandos.

As entrevistas revelaram que, na maioria dos casos, os casais não decidiram coabitar precipitadamente. Três quartos sentiam um forte envolvimento emocional antes de morarem juntos; contudo, apenas dois casais tinham planos de se casar. Muitos tinham medo do casamento; ou porque eram filhos de casamentos infelizes ou porque testemunharam algumas relações deteriorarem-se após os casais terem se casado oficialmente. Eles se referiram ao casamento como uma relação de obrigações, um "beco sem saída", como se estivessem "desistindo de algo maravilhoso que só levaria a um cônjuge parar de se preocupar em agradar o outro".

VII

A maioria dos casais entrevistados por Thorman negaram que o sexo fosse a razão para viverem juntos. Para fazer sexo, explicam, não há a necessidade de manter-se em um relacionamento. A intimidade que procuravam - e que asseguram ter achado - na coabitação era de cunho tanto emocional e intelectual quanto físico. Quase todos vêem sua relação como mais honesta e construtiva que o costumeiro namoro. A maioria era sexualmente fiel, como se esperaria se fossem oficialmente casados. A diferença é que sentem ter escolhido o compromisso livremente - não lhes foram exigidos nem pelos pais, nem pela sociedade. Talvez, para eles, o casamento tenha sido mostrado como uma obrigação moral e muito pouco enaltecido.

VIII

Todas essas informações levaram Thorman a concluir que os casais que coabitavam tinham uma vida muito parecida com a vida de casais casados oficialmente - embora os entrevistados não vissem suas relações dessa forma.

Uma alternativa para o casamento? Um casal Joe e Kathy, estão morando juntos. Outro casal, John e Mary, estão namorando "firme" (seriamente). Qual casal tem mais chances de se separar? de se casar? A Dr^a Judith Lyness Fischer, da Universidade Estadual da Pensilvânia, entrevistou 23 casais que estavam namorando e 15 casais que moravam juntos há pelo menos oito meses. Todos pertencentes à classe média - de 20 a 24 anos. Todos afirmaram que se sentiam em um relacionamento sério.

IX

Os mesmos casais foram novamente entrevistados oito meses depois. Dois terços dos namorados haviam se separado ou se casado. Mas apenas dois dos casais que coabitavam haviam se casado - os outros continuavam juntos. A Dr^a Fischer sugere que devemos começar a aceitar esse fenômeno relativamente recente de coabitar não como um passo para o casamento, mas como uma relação alternativa.

Os casais que coabitam podem não vir a casar oficialmente, como casais de namorados estão mais propensos a fazer. Contudo, é possível que venham a aprender lições importantes sobre como viver com uma outra pessoa - como partilhar, cooperar e ajudar-se mutuamente. A Dr^a Fischer crê que a sociedade se beneficiará se olhar para esse novo comportamento sem preconceito.

APÊNDICE B

Frases analisadas espectrograficamente.

As marcações exemplificam as marcações aplicadas nos *guises*+est e nos *guises*-est, respectivamente.

(+est) Dizem que coabitar é um bom teste de compatibilidade para o casamento, mas será mesmo?

(-est) Dizem que coabitar é um bom teste de compatibilidade para o casamento, mas será mesmo?

(+est) Se descobrirem que são compatíveis, partem para o casamento.

(-est) Se descobrirem que são compatíveis, partem para o casamento.

(+est) Is living together really a good test for marriage?

(-est) Is living together really a good test for marriage?

(+est) Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, who require adjustments in a marriage that some relationships can't accommodate.

(-est) Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, who require adjustments in a marriage that some relationships can't accommodate.

APÊNDICE C

Formulários

Apenas as duas primeiras páginas dos formulários de avaliação das fitas são apresentadas a seguir, visto que as demais seguem o mesmo modelo de avaliação para cada falante.

Amostra do formulário em português:

Sabe-se muito sobre uma pessoa pelo seu jeito de falar. O quanto *você* consegue perceber da personalidade das pessoas de acordo com seu modo de falar? Você ouvirá nove locutores lendo um texto em português. O que você pode deduzir sobre cada locutor pelo modo como falam?

Avalie cada falante, nas categorias abaixo, marcando com um “X” na lacuna que melhor corresponda à sua opinião:

Se você considerar que um falante em questão tenha um modo de falar claro e fluente – praticamente nativo –, suas marcas estarão mais à direita (de acordo com a sua opinião).

Exemplo:

muito sotaque	_ ; _ ; _ ; _ ; _ ; X ; _	nenhum sotaque
difícil de entender	_ ; _ ; _ ; _ ; _ ; X ; _	fácil de entender
antipático	_ ; _ ; _ ; _ ; _ ; X ; _	simpático

Contudo, se você achar que o falante tem um forte sotaque (podendo ser incômodo ou não), marque as lacunas mais à esquerda (novamente, de acordo com a sua opinião).

Exemplo:

muito sotaque	X ; _ ; _ ; _ ; _ ; _ ; _	nenhum sotaque
difícil de entender	_ ; X ; _ ; _ ; _ ; _ ; _	fácil de entender
antipático	_ ; _ ; X ; _ ; _ ; _ ; _	simpático

A mesma impressão geral sobre cada locutor pode ser usada como base para opinar sobre as possíveis ocupações de cada falante:

Exemplo: (modo de falar claro e fluente – de acordo com a sua opinião)

Advogado	improvável _ ; _ ; _ ; _ ; _ ; X ; _	muito provavelmente
Pedreiro/Empreg. domést.	improvável _ ; X ; _ ; _ ; _ ; _ ; _	muito provavelmente
Professor	improvável _ ; _ ; _ ; _ ; _ ; _ ; X	muito provavelmente

Exemplo: (“forte” sotaque – conforme sua própria opinião)

Advogado	improvável X ; _ ; _ ; _ ; _ ; _ ; _	muito provavelmente
Pedreiro/Empreg. domést.	improvável _ ; _ ; _ ; _ ; _ ; X ; _	muito provavelmente
Professor	improvável _ ; X ; _ ; _ ; _ ; _ ; _	muito provavelmente

Como já mencionado, você ouvirá nove partes de um mesmo texto – cada uma com aproximadamente um minuto de duração. Analise o modo como cada locutor fala e marque uma lacuna para cada linha.

Após ouvir o **primeiro** locutor, avalie-o marcando as lacunas que melhor correspondam à sua opinião e esclareça quaisquer dúvidas que você possa ter. Certifique-se de não ter nenhuma dúvida sobre como preencher as lacunas **ANTES** do segundo falante.

Muito obrigado pela sua cooperação.

FALANTE #1

muito sotaque	___;___;___;___;___;___	nenhum sotaque
difícil de entender	___;___;___;___;___;___	fácil de entender
antipático	___;___;___;___;___;___	simpático
fingido	___;___;___;___;___;___	sincero
não confiável	___;___;___;___;___;___	confiável
burro	___;___;___;___;___;___	inteligente
“brega”	___;___;___;___;___;___	chique
mal sucedido	___;___;___;___;___;___	bem sucedido
irritante	___;___;___;___;___;___	charmoso
mal educado	___;___;___;___;___;___	bem educado
ignorante	___;___;___;___;___;___	culto

Esse locutor possivelmente trabalha como:

Advogado	improvável ___;___;___;___;___;___	muito provavelmente
Pedreiro/Empreg. domést.	improvável ___;___;___;___;___;___	muito provavelmente
Professor	improvável ___;___;___;___;___;___	muito provavelmente
Representante de vendas	improvável ___;___;___;___;___;___	muito provavelmente
Político	improvável ___;___;___;___;___;___	muito provavelmente
Faxineiro(a) (terceirizado)	improvável ___;___;___;___;___;___	muito provavelmente
Médico	improvável ___;___;___;___;___;___	muito provavelmente
Gari de limpeza pública	improvável ___;___;___;___;___;___	muito provavelmente

Amostra do formulário em inglês:

We recognize a lot about a person by the way he/she speaks. How well do *you* know people according to their speech style? You will hear nine speakers reading a text in English. What can you tell about each speaker according to the way they speak?

Evaluate each speaker on the following dimensions by making an "X" in the appropriate box:

If you consider that the speaker has a clear, near-native way of speaking, check the boxes which are closer to the right column (according to your opinion).

E.g.:

Strong foreign accent	☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ ☐	Native-like accent
Difficult to understand	☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ ☐	Easy to understand
Unattractive	☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ ☐	Attractive

But if you think the speaker has a strong, disturbing accent, check the boxes which are closer to the left column (according to your own opinion).

E.g.:

Strong foreign accent	☒ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐	Native-like accent
Difficult to understand	☐ ☐ ☒ ☐ ☐ ☐ ☐	Easy to understand
Unattractive	☐ ☒ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐	Attractive

The same overall impression can be used to assume their likely professions:

E.g.: "clear, near-native way of speaking" (according to your opinion)

Lawyer	Impossible ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ ☐	Highly probable
Garbage collector	Impossible ☐ ☒ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐	Highly probable
Sales representative	Impossible ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ ☐	Highly probable

E.g.: "strong accent" (according to your own opinion)

Lawyer	Impossible ☒ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐	Highly probable
Garbage collector	Impossible ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ ☐	Highly probable
Sales representative	Impossible ☐ ☐ ☒ ☐ ☐ ☐ ☐	Highly probable

As mentioned before, you will be listening to nine parts of a same text. Each part is approximately one minute long. Pay attention to the speaker's speech style, check the boxes for each pair of items and then check the boxes for each occupation.

After listening to the **first** speaker, check all the boxes and ask any questions you might have about words, meanings, etc. Make sure you clearly understand how to perform this task **BEFORE** you listen to the second speaker.

Thank you again for your helpful cooperation and I hope you have a great time.

SPEAKER #1

Strong foreign accent	_____	Native-like accent
Difficult to understand	_____	Easy to understand
Unattractive	_____	Attractive
False	_____	Sincere
Boring	_____	Interesting
Stupid	_____	Intelligent
Vulgar	_____	Elegant
Unsuccessful	_____	Successful
Irritating	_____	Charming
Lower social class	_____	Higher social class
Impolite	_____	Polite

What is the probability that he/she would have the following professions:

Lawyer	Impossible _____	Highly probable
Garbage collector	Impossible _____	Highly probable
Sales representative	Impossible _____	Highly probable
Teacher	Impossible _____	Highly probable
Janitor, maid	Impossible _____	Highly probable
Politician	Impossible _____	Highly probable
Construction worker	Impossible _____	Highly probable
Doctor	Impossible _____	Highly probable

SPEAKER #2

Strong foreign accent	_____	Native-like accent
Difficult to understand	_____	Easy to understand
Unattractive	_____	Attractive
False	_____	Sincere
Boring	_____	Interesting
Stupid	_____	Intelligent
Vulgar	_____	Elegant
Unsuccessful	_____	Successful
Irritating	_____	Charming
Lower social class	_____	Higher social class
Impolite	_____	Polite

What is the probability that he/she would have the following professions:

Lawyer	Impossible _____	Highly probable
Garbage collector	Impossible _____	Highly probable
Sales representative	Impossible _____	Highly probable
Teacher	Impossible _____	Highly probable

APÊNDICE D

Questionários

Os questionários de coleta de dados dos sujeitos, abaixo, são apresentados na íntegra.

Versão em português:

Por favor responda este questionário:

1) Sexo: M () F ()

2) Idade: () menos de 18 () 18 – 25 () 26 – 40 () mais de 40

3) Cúpis: _____

4) Profissão: _____

5) Cargo que ocupa atualmente: _____

6) Curso superior: _____

7) Ano de curso: _____

8) Hobby/ atividades de lazer: _____

9) A família possui carro? S () N (). Se sim, você o utiliza todos os dias? S () N ().

10) Possui seu próprio carro? Sim () Não ()

11) Formação profissional dos pais: pai: _____
mãe: _____

12) ocupação dos pais: pai: _____
mãe: _____

13) Na sua opinião, os americanos são:

antipático	_____	simpático
fingido	_____	sincero
chato	_____	interessante
não confiável	_____	confiável
burro	_____	inteligente
“brega”	_____	chique
mal sucedido	_____	bem sucedido
irritante	_____	charmoso
mal educado	_____	bem educado
ignorante	_____	culto
preguiçoso	_____	trabalhador
egoísta	_____	generoso

inseguro	_____	confiante
autoritário	_____	não autoritário
não sensual	_____	sensual
impulsivo	_____	controlado
sério	_____	brincalhão
frio	_____	caloroso
mal humorado	_____	alegre
seco	_____	hospitaleiro
arrogante	_____	modesto
esnobe	_____	simples
prepotente	_____	humilde
grosseiro	_____	gentil
ingênuo	_____	esperto

14) Para você, os americanos: (Escolha todas as opções que melhor expressarem sua opinião)

- a) ☐ não deveriam visitar o Brasil.
- b) ☐ poderiam visitar somente alguns lugares no Brasil. Por exemplo,

- c) ☐ podem visitar o Brasil como qualquer outro estrangeiro.
- d) ☐ não deveriam morar no Brasil.
- e) ☐ poderiam morar somente em alguns lugares no Brasil. Por exemplo,

- f) ☐ podem morar no Brasil como qualquer outro estrangeiro.
- g) ☐ não deveriam estudar em universidades brasileiras.
- h) ☐ poderiam estudar somente em algumas universidades brasileiras. Por exemplo,

- i) ☐ podem estudar em universidades brasileiras como qualquer outro estrangeiro.
- j) ☐ não deveriam receber nenhum tipo de bolsa de estudos no Brasil.
- k) ☐ poderiam receber somente alguns tipos de bolsa de estudo. Por exemplo,

- l) ☐ podem receber qualquer tipo de bolsa de estudos no Brasil.
- m) ☐ não deveriam trabalhar no Brasil.
- n) ☐ poderiam trabalhar somente em algumas posições específicas. Por exemplo,

- o) ☐ podem trabalhar no Brasil como qualquer outro estrangeiro.

Caso já morem no Brasil, esses americanos deveriam:

- p) ☐ não participar das decisões e manifestações da sociedade.
- q) ☐ participar dessas manifestações como um visitante (não ativamente).
- r) ☐ participar ativamente e contribuir com sugestões e críticas como qualquer outro cidadão.

Versão em inglês:

Please answer this questionnaire:

1) Sex: M() F()

2) Age: () under 18 () 18 – 25 () 26 – 40 () over 40

3) Ethnic origin: _____

4) Profession: _____

5) Occupation: _____

6) Course area: () science () humanities

7) If you are a student, which year: () fresh. () sopho. () jr. () sr. () grad.

8) Hobbies/ leisure activities: _____

9) Does your family own a car? Y() N() If so, do you use it every day? Y() N()

10) Do you own your own car? Yes () No ()

11) Parents' professional training father: _____
mother: _____

12) Parents' occupations father: _____
mother: _____

13) In your opinion, Brazilians are:

unattractive	_____	attractive
false	_____	sincere
boring	_____	interesting
stupid	_____	intelligent
vulgar	_____	chic
unsuccessful	_____	successful
irritating	_____	charming
impolite	_____	polite
disorganized	_____	organized
lazy	_____	hard-working
ignorant	_____	cultured
dishonest	_____	honest
selfish	_____	generous
not ambitious	_____	ambitious
insecure	_____	self-confident

submissive	_____	authoritative
homely	_____	sensual
impulsive	_____	self-controlled
serious	_____	playful
cold	_____	hot
bad-tempered	_____	cheerful
inhospitable	_____	hospitable
arrogant	_____	humble
rude	_____	kind
aggressive	_____	calm/patient
naive	_____	smart

14) In your opinion, Brazilians (Check any answers you think best represent your views):

- a) () should not be allowed to visit the USA.
- b) () should be allowed to visit, but only certain places. If so, where? _____
- c) () should be allowed to visit any place just like all foreigners.
- d) () should not be allowed to settle in the USA.
- e) () should be allowed to settle, but only in certain areas. If so, where? _____
- f) () should be allowed to settle anywhere in the USA.
- g) () should not be allowed to study at American universities.
- h) () should be allowed to study, but only at certain universities. If so, which? _____
- i) () should be allowed to study at any American universities.
- j) () should not be allowed to be granted any scholarship/fellowship program.
- k) () should be allowed to be granted, but only certain programs. If so, which? _____
- l) () should be allowed to be granted any scholarship/fellowship programs.
- m) () should not be allowed to work in the USA.
- n) () should be allowed to work, but only in certain kinds of jobs. If so, in which? _____
- o) () should be allowed to work in the USA.

For Brazilians already living in the USA. They should

- p) () not participate in the American society's decisions in relation to social problems.
- q) () participate in the American society, but only as a foreign visitor (not very actively).
- r) () participate in the American society just like any citizen (actively contributing with suggestions and criticism).

APÊNDICE E

Adjetivos utilizados nos instrumentos

QUESTIONÁRIOS

unattractive	—	attractive	antipático	—	simpático*
false	—	sincere	fingido	—	sincero
boring	—	interesting	chato	—	interessante
stupid	—	intelligent	burro	—	inteligente
vulgar	—	chic	“brega”	—	chique
unsuccessful	—	successful	mal sucedido	—	bem sucedido
irritating	—	charming	irritante	—	charmoso
impolite	—	polite	mal educado	—	bem educado
disorganized	—	organized	esnoberado	—	simples*
lazy	—	hard-working	preguiçoso	—	trabalhador
ignorant	—	cultured	ignorante	—	culto
dishonest	—	honest	não confiável	—	confiável*
selfish	—	generous	egoísta	—	generoso
not ambitious	—	ambitious	prepotente	—	humilde*
insecure	—	self-confident	inseguro	—	confiante
submissive	—	authoritative	autoritário	—	não autoritário*
homely	—	sensual	não sensual	—	sensual
impulsive	—	self-controlled	impulsivo	—	controlado
serious	—	playful	sério	—	brincalhão
cold	—	hot	frio	—	caloroso
bad-tempered	—	cheerful	mal humorado	—	alegre
inhospitable	—	hospitable	seco	—	hospitaleiro
arrogant	—	humble	arrogante	—	modesto
rude	—	kind	grosseiro	—	gentil
aggressive	—	calm/patient*			
naive	—	smart	ingênuo	—	esperto

FORMULÁRIOS

strong foreign ac. – native-like accent		muito sotaque	—	nenhum sotaque
difficult to understand – easy to under.		difícil de entender	—	fácil de entender
unattractive	—	attractive	—	antipático
false	—	sincere	—	simpático*
boring	—	interesting	—	fingido
stupid	—	intelligent	—	sincero
vulgar	—	elegant	—	não confiável
unsuccessful	—	successful	—	confiável*
irritating	—	charming	—	burro
lower social class	—	higher soc. class	—	inteligente
impolite	—	polite	—	“brega”
			—	chique
			—	mal sucedido
			—	bem sucedido
			—	irritante
			—	charmoso
			—	ignorante
			—	culto*
			—	mal educado
			—	bem educado

*ver capítulo IV.

APÊNDICE F

Instruções

Abaixo segue a sugestão de aplicação do teste enviada aos professores que efetuaram a coleta de dados nos Estados Unidos da América.

INSTRUCTIONS FOR ADMINISTRATION (SAMPLE)

- This is a possible starter to tell students what the test is all about (the information they need to know). You can always do it with your own words, though.

Today I want to see how much you can tell about a person just from the way he or she talks. You know how you can tell a lot about a person just from hearing them on the radio, on the phone, etc. Well, this is the same sort of thing.

You're going to listen to a number of different speakers on the tape reading a part of an article from a book. According to the way they speak, mark their personality traits on the list of pairs of words. I want you to describe what you think of the person who is speaking. Between each pair of words, you will see a number of places where you can mark what you think of the speaker. For example, if you think the person is very intelligent, mark in the space right next to **intelligent**. If you think he or she is quite intelligent, mark in the next space; if you think he or she is just slightly intelligent, mark in the third space. If, on the other hand, you think he or she is very stupid, mark in the space right next to **stupid**; if he or she is quite stupid, mark in the space next to it, and if he or she is only slightly stupid, mark in the next space. Sometimes you may not be sure, but make your best guess.

(illustrate on board)

Stupid ; ; ; ; ; intelligent

You are supposed to do this for each pair of words so that, when you are finished, you have eleven checks for this part.

These speakers may also have different jobs. In part 2, eight jobs are listed. Please indicate the suitability of each speaker to each of the jobs in the same way as above. For each of the professions, if you think the person really can have that profession, mark right next to **highly probable**. If you think he or she may have that profession, mark in the next space; if you think he or she could/might have that profession, mark in the third space. If, on the other hand, you think he or she cannot work with that profession, mark in the space right next to **Improbable**; if he or she may not work in that position, mark in the space next to it, and so on. As you finish, you will have eight checks for this part. Again, sometimes you may not be sure, but make your best guess.

(illustrate on board)

Improbable ; ; ; ; ; Highly probable

I) Distribute the forms named JUDGE-LISTENING.

Now, let's read the first page of the handout together and see whether you still have any doubts on how to work on it. (Please do so)

The first speaker is for practice. Listen to him now and mark your answers under **SPEAKER #1**. (Play voice "number 1") Are there any questions? (Answer questions either individually or to the group and walk around the room to be sure that all volunteers have completed all items.) If there aren't any other questions, I will start speaker number 2; I'll stop the tape for one minute so that you mark your answers and I'll play number 3 and so on until we have evaluated all nine speakers. You don't need to wait till the speaker stop his or her delivery to start marking your answers. (Stop between speakers and allot no more than **a minute** and then play next speaker. Follow this procedure until you have played all nine speakers.)

- **DON'T COLLECT THE FORMS NOW.**

Now, I will distribute a quick questionnaire. It will take you no more than ten minutes to fill it out. Remember **not to** write your name on it. (Please do so)

II) Notice that both JUDGE-LISTENING and QUESTIONNAIRE forms have a number on their covers (top right). Please give each subject a QUESTIONNAIRE form which shows the **SAME** number as their JUDGE-LISTENING form.

"Please pay attention to questions number 13 and 14. In question number 13 you have to mark your opinion for every pair of words – 26 marks total. However, in question number 14 you will mark **one** option for every group of three letters (only one option for the first group – a/b/c – etc.). So there will be a total of six ticks for this question."

III) Wait for ten minutes. While you are waiting, write on the board:

AA = If you never had any contact with Brazilians and never studied Portuguese

PP = If you have already had more than six-month contact with either Brazilians and/or Portuguese language.

BB = If you are Brazilian.

IV) Tell students to write the correct code (AA, PP or BB according to each student's case) on both covers (judge-listening AND questionnaire forms) and then say, if they have finished, they can hand you both forms and that they may leave or proceed to other activities they might have.

"As you finish it, hand it to me and you may leave. Thank you for your cooperation."

APÊNDICE G

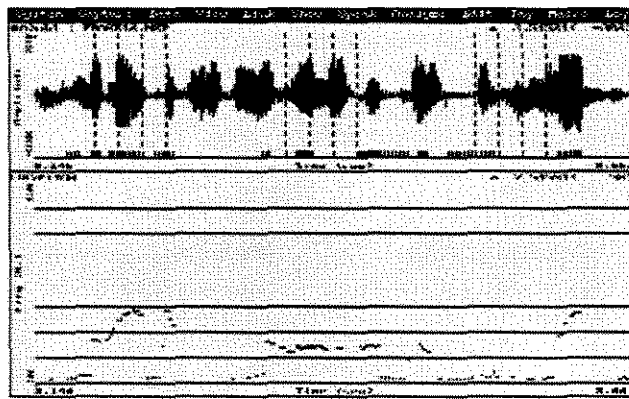
Quadros espectrográficos

TEXTO EM INGLÊS

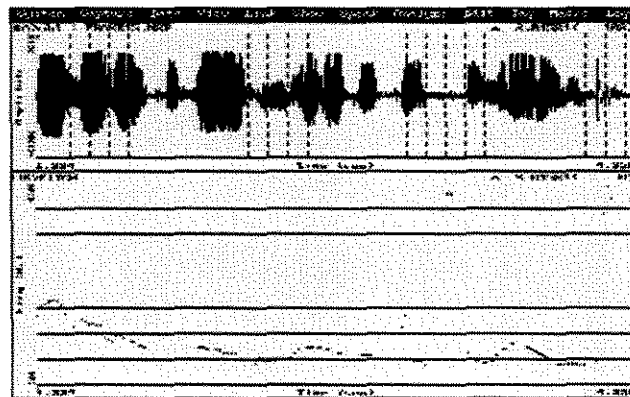
Falante 1 (homem C)

“Is living together really a good test for marriage?”

Guise-est



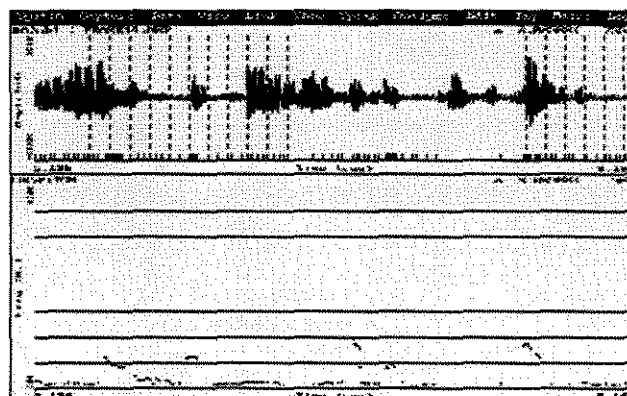
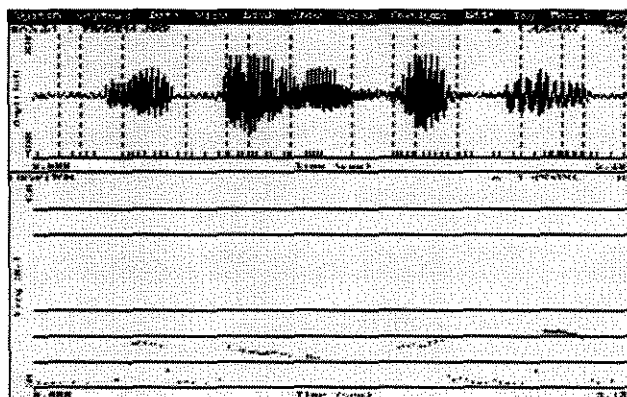
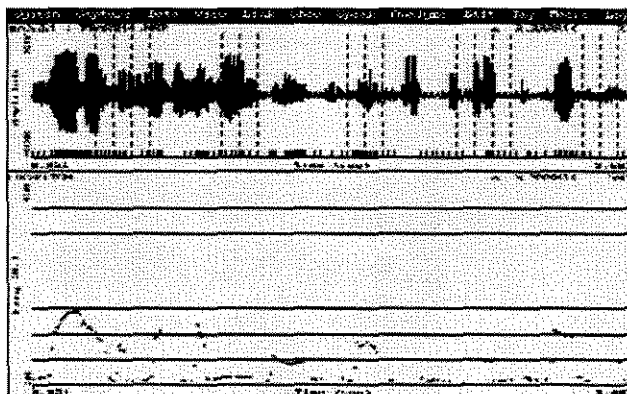
Guise+est



Falante 1 (homem C)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can't accommodate.”

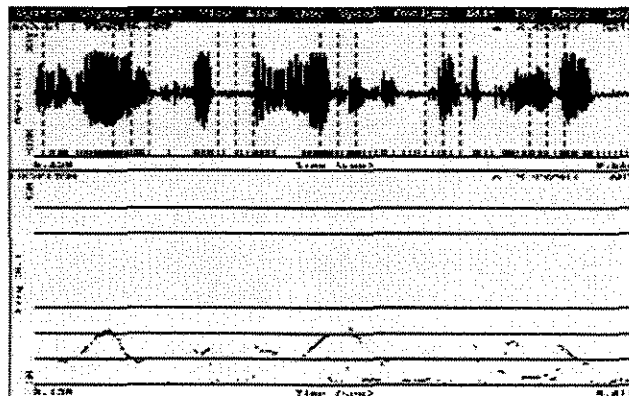
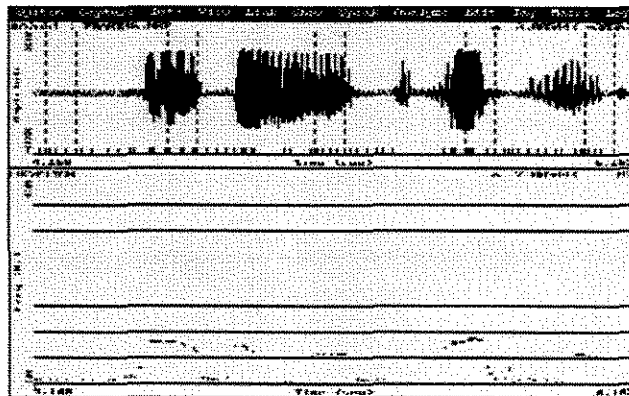
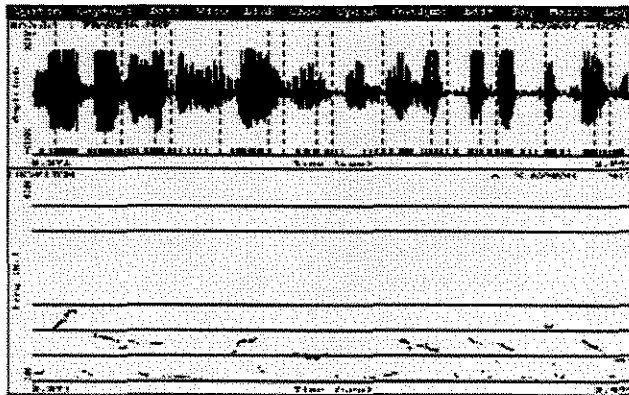
Guise-est



Falante 1 (homem C)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can't accommodate.”

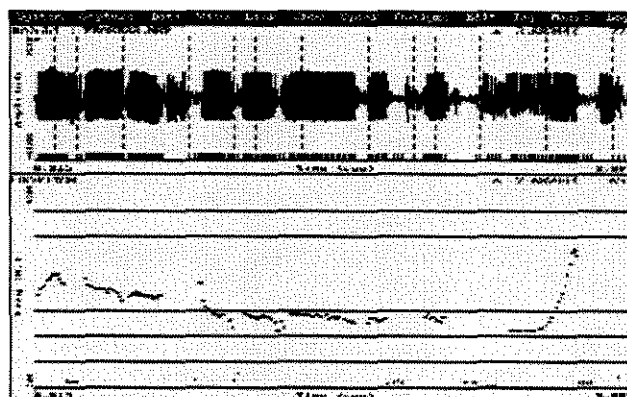
Guise+est



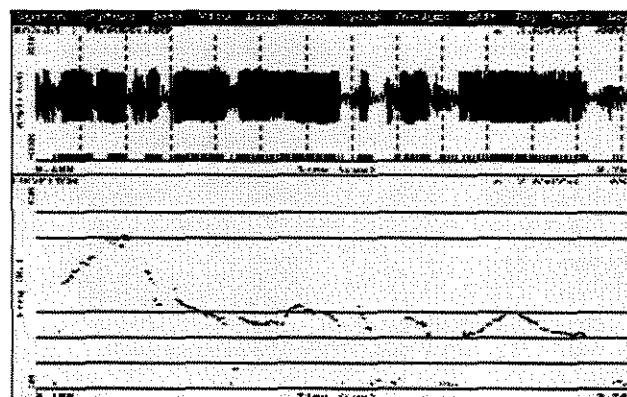
Falante 2 / 9 (mulher A)

“Is living together really a good test for marriage?”

Guise-est



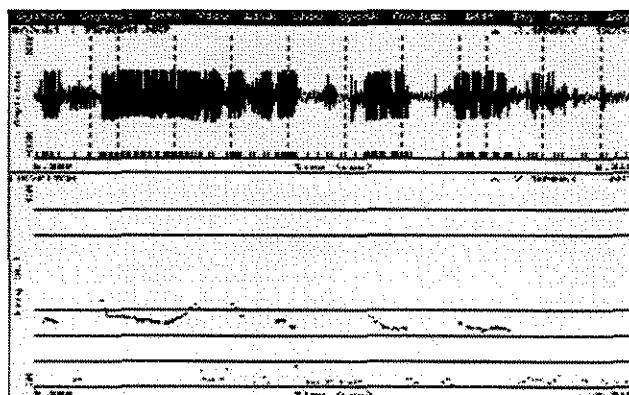
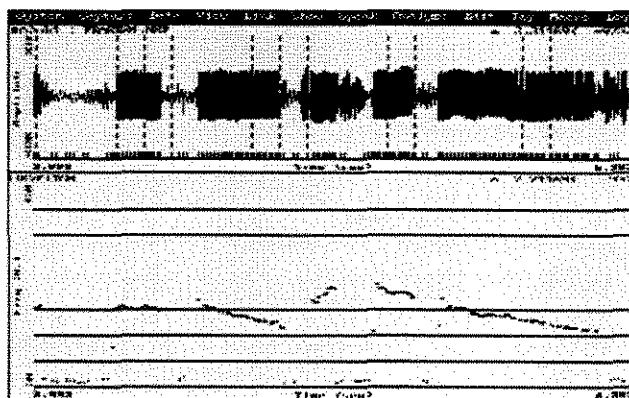
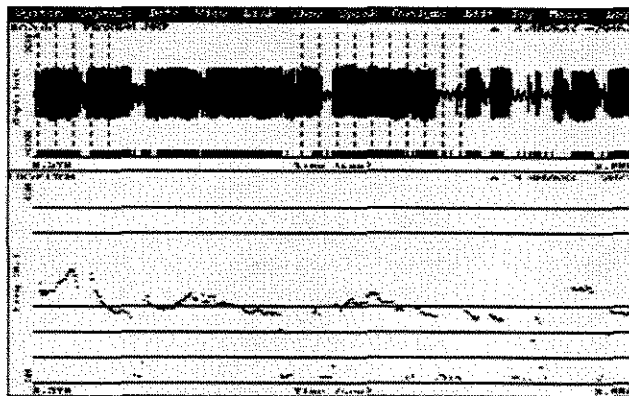
Guise+est



Falante 2 / 9 (mulher A)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can't accommodate.”

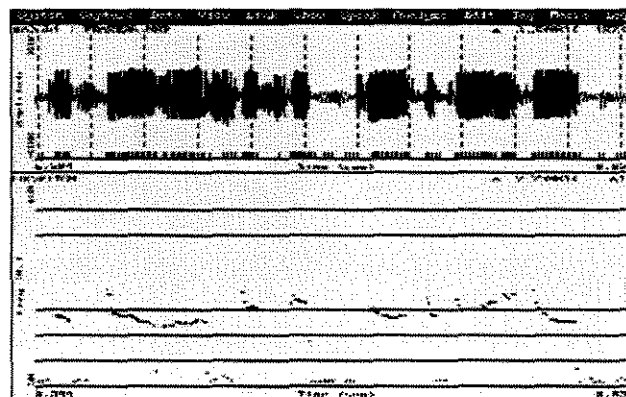
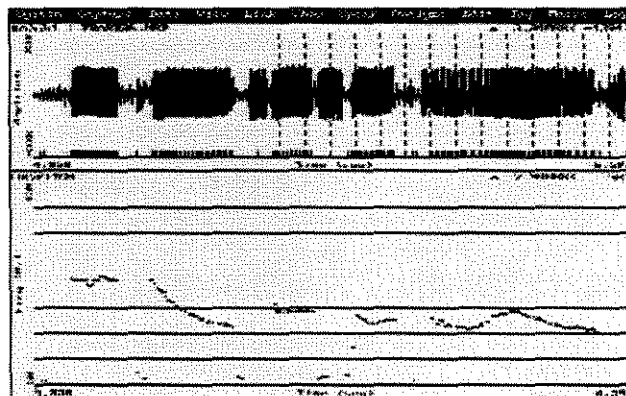
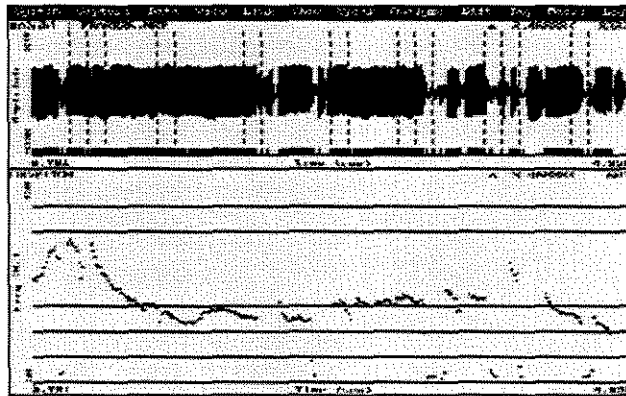
Guise-est



Falante 2 / 9 (mulher A)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can't accommodate.”

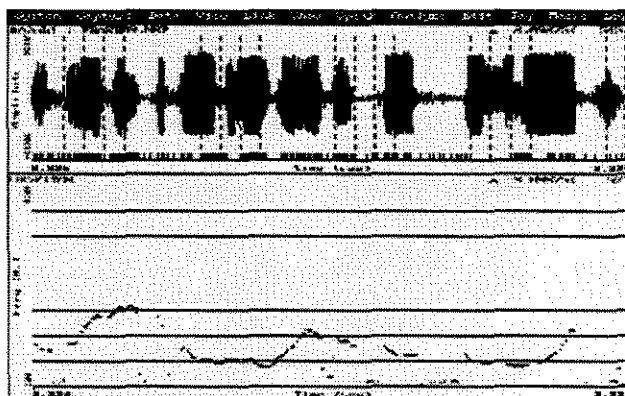
Guise+est



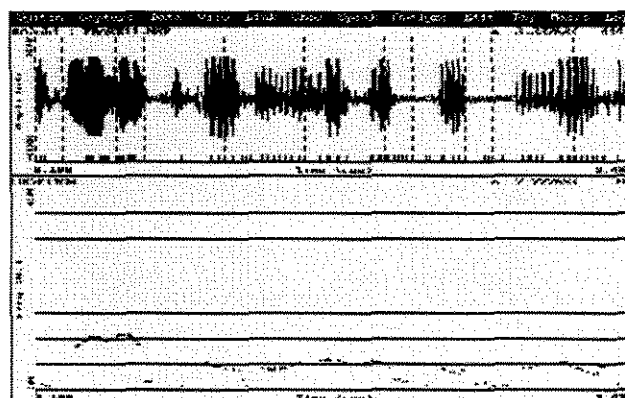
Falante 3 / 7 (homem A)

“Is living together really a good test for marriage?”

Guise-est



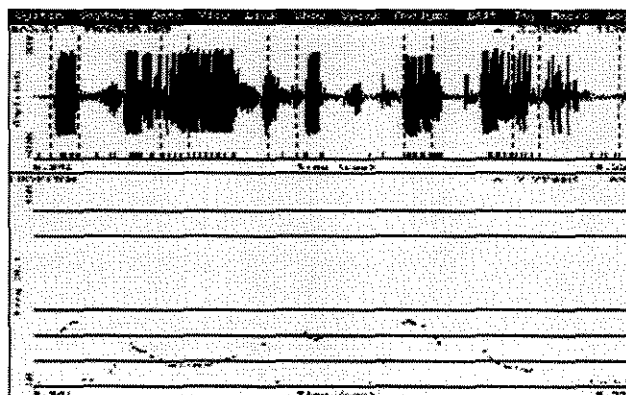
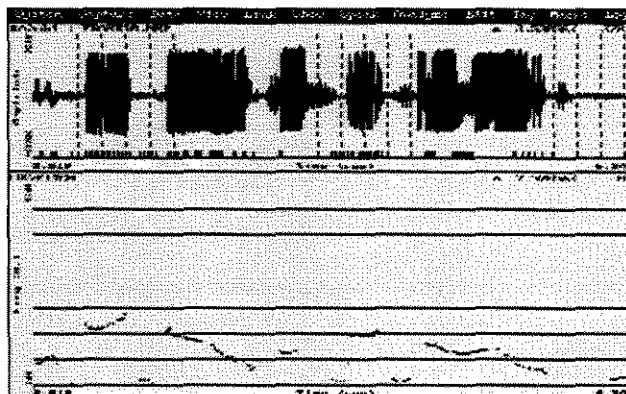
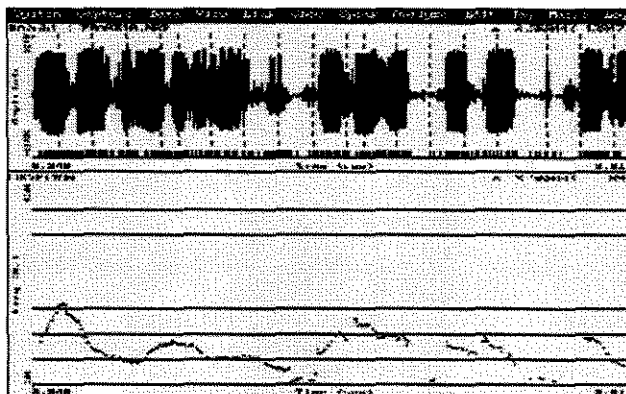
Guise+est



Falante 3 / 7 (homem A)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can't accommodate.”

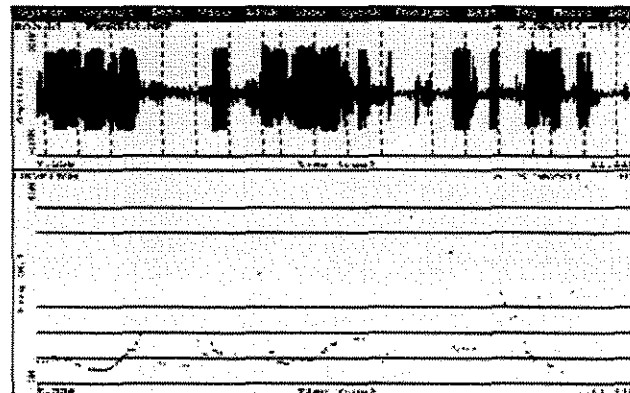
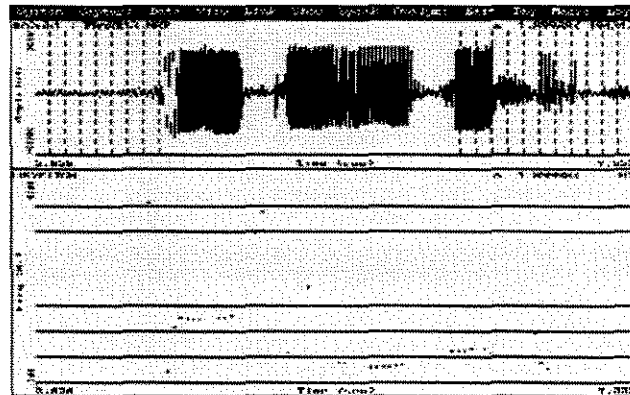
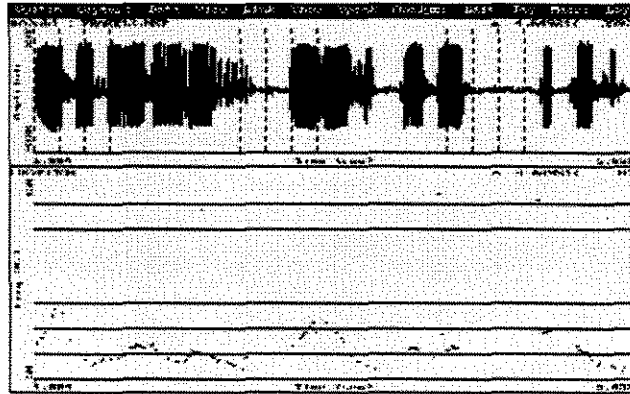
Guise-est



Falante 3 / 7 (homem A)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can’t accommodate.”

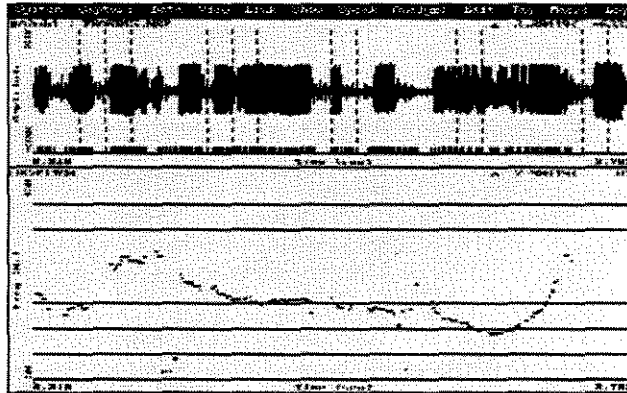
Guise+est



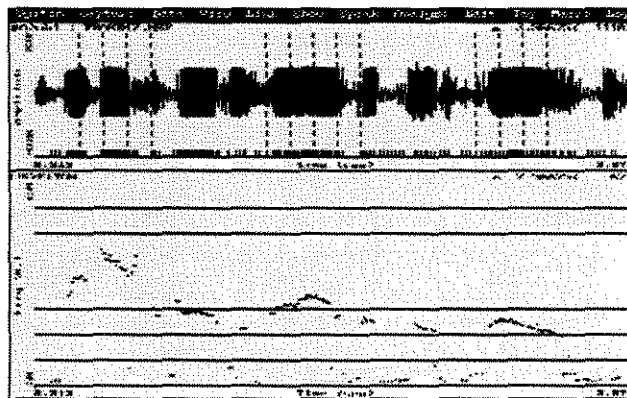
Falante 4 / 6 (mulher B)

“Is living together really a good test for marriage?”

Guise-est



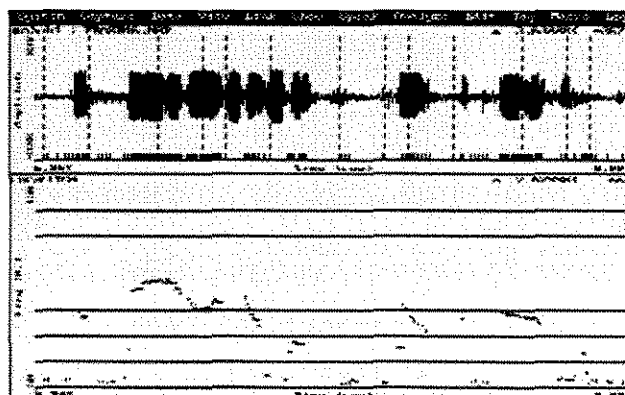
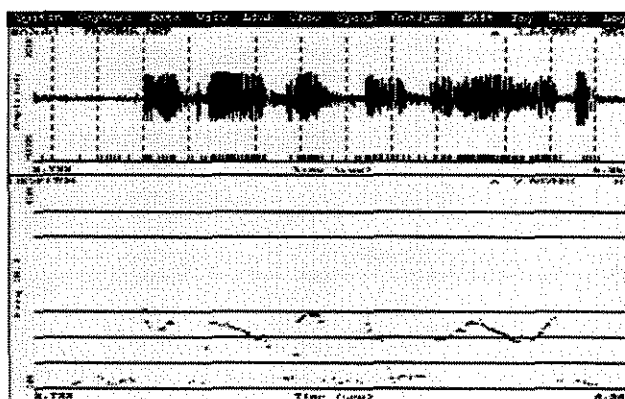
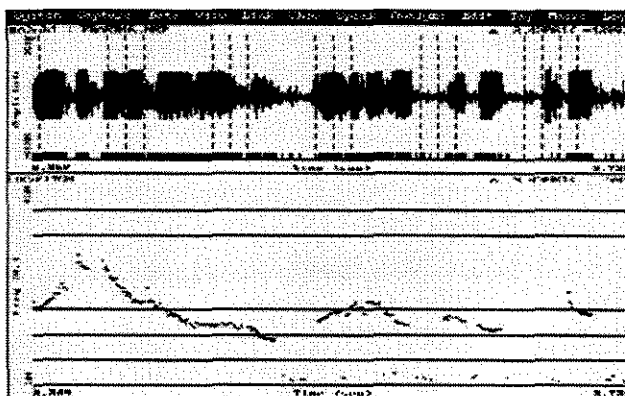
Guise+est



Falante 4 / 6 (mulher B)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can't accommodate.”

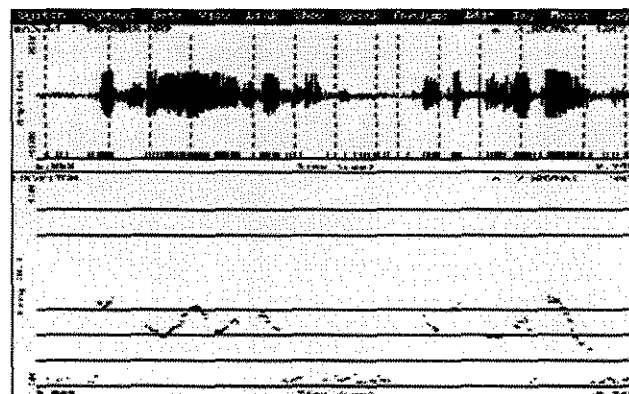
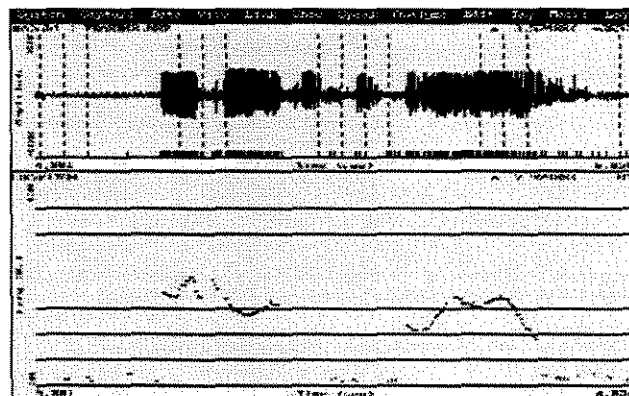
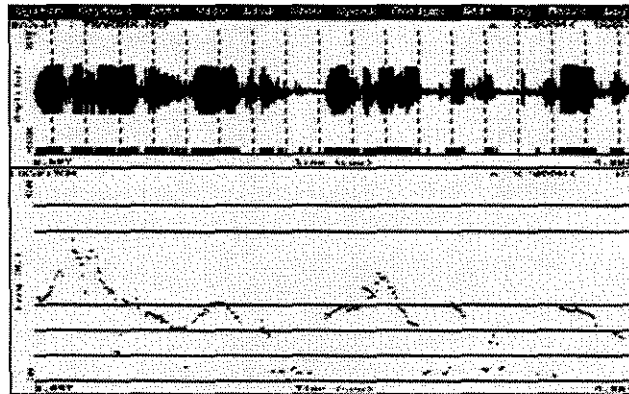
Guise-est



Falante 4 / 6 (mulher B)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can't accommodate.”

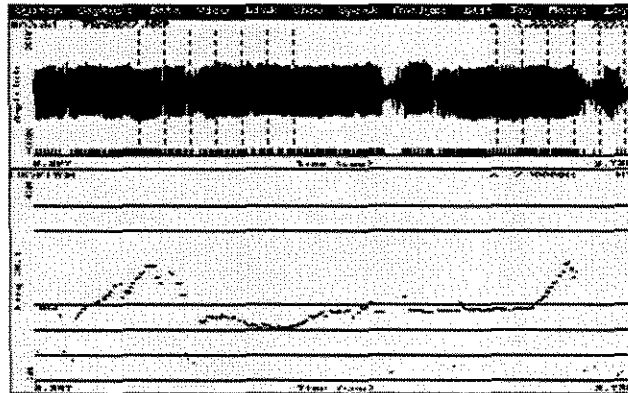
Guise+est



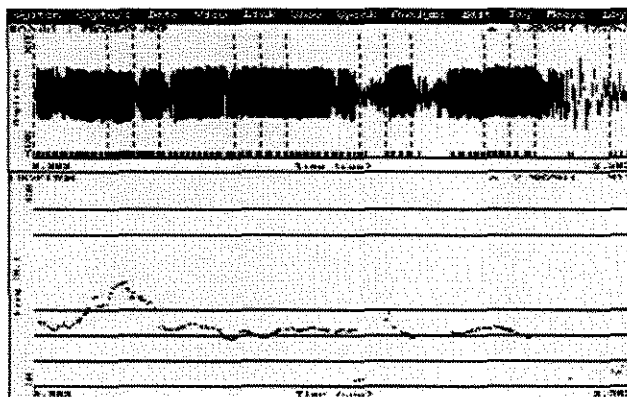
Falante 5 / 8 (homem B)

“Is living together really a good test for marriage?”

Guise-est



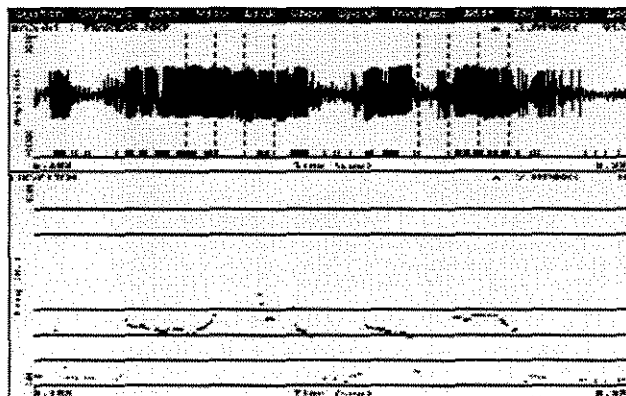
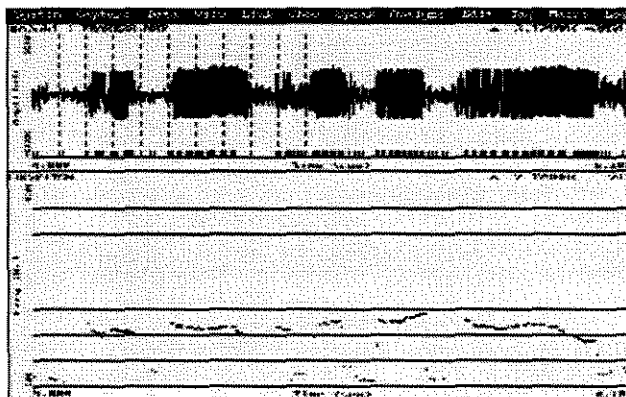
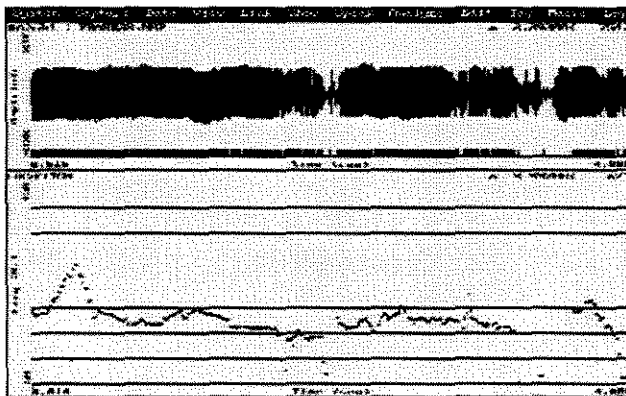
Guise+est



Falante 5 / 8 (homem B)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can't accommodate.”

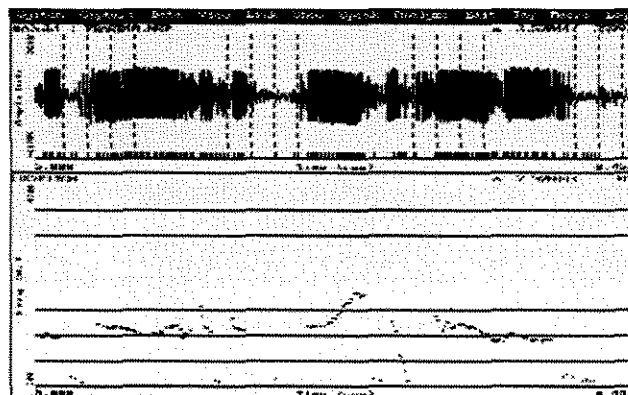
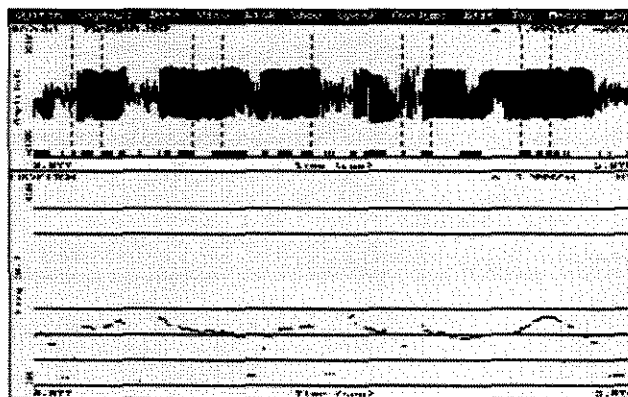
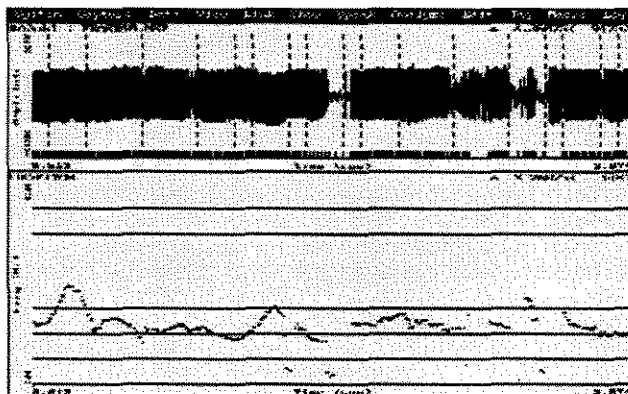
Guise-est



Falante 5 / 8 (homem B)

“Nor does a live-in arrangement usually have to adapt to children, | who require adjustments in a marriage | that some relationships can't accommodate.”

Guise+est

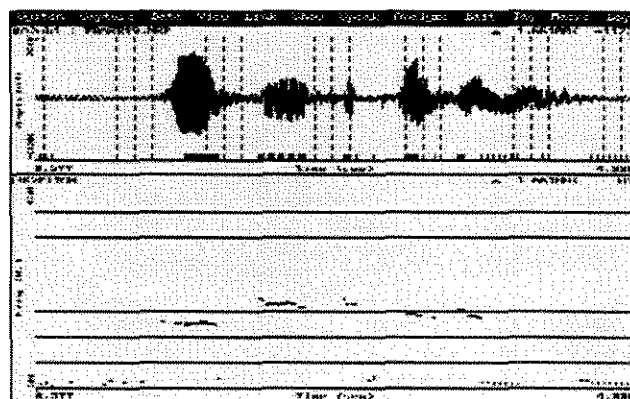
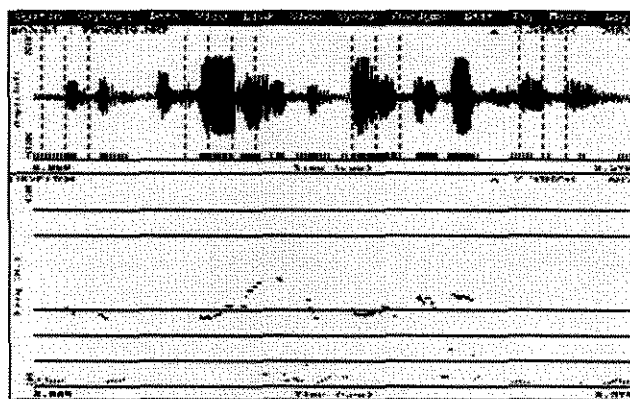


TEXTO EM PORTUGUÊS

Falante 1 (mulher C)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

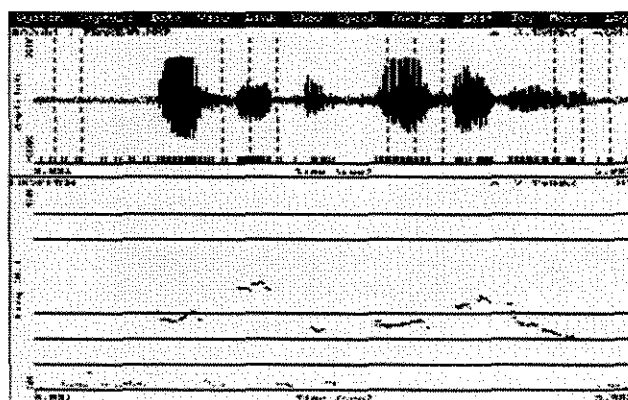
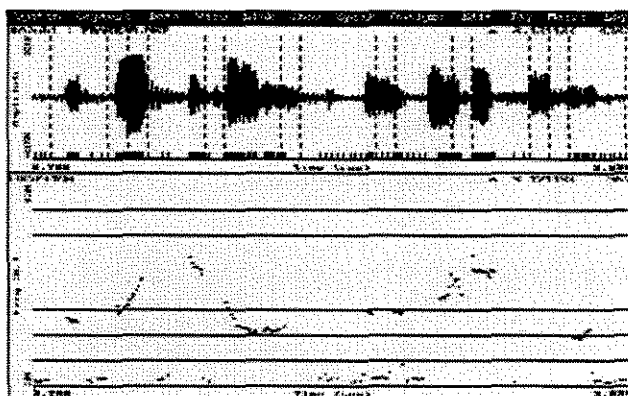
Guise-est



Falante 1 (mulher C)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

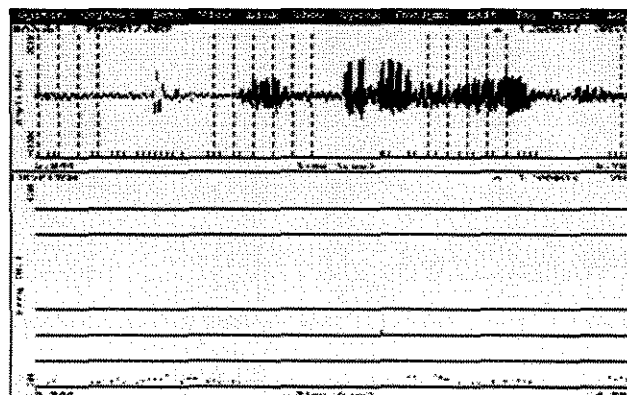
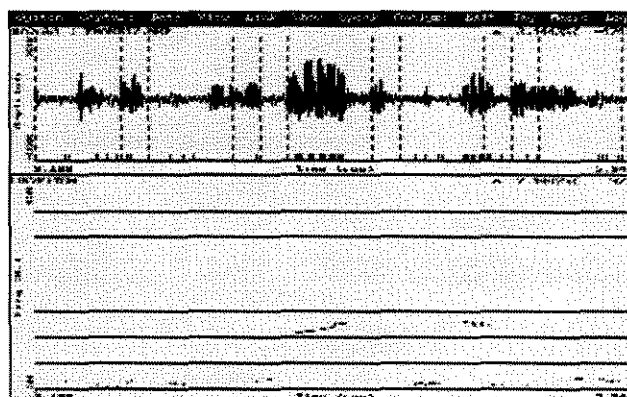
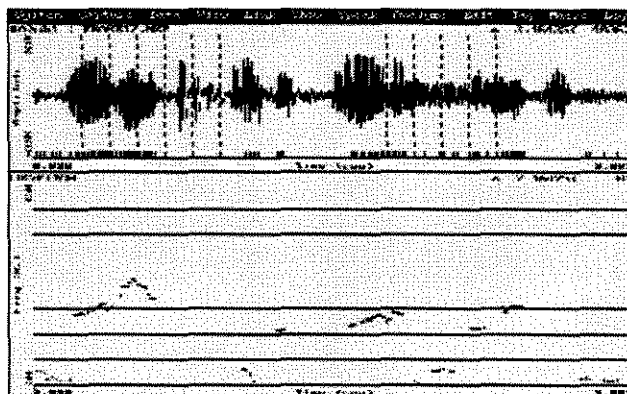
Guise+est



Falante 1 (mulher C)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será
mesmo?”

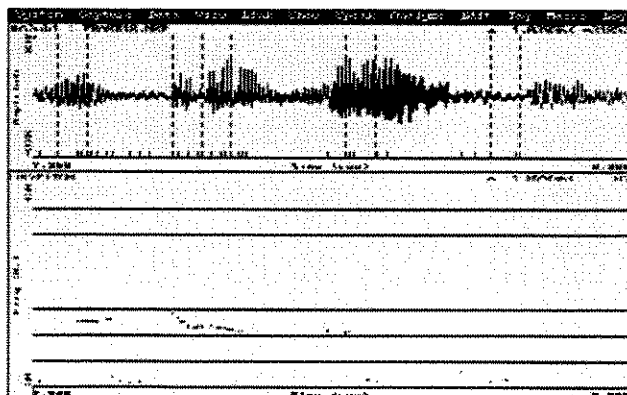
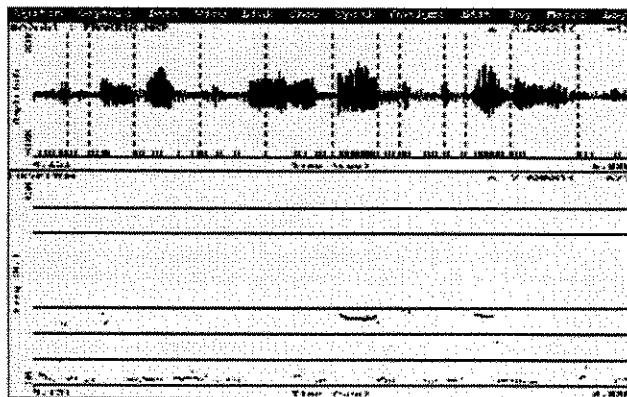
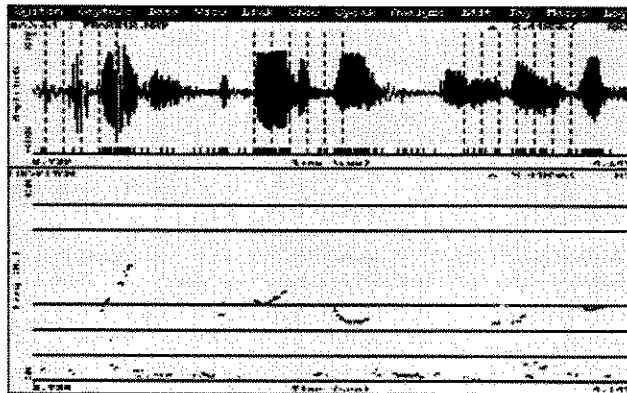
Guise-est



Falante 1 (mulher C)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será
mesmo?”

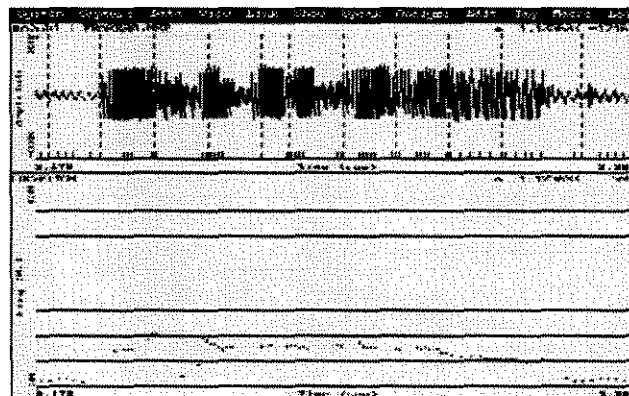
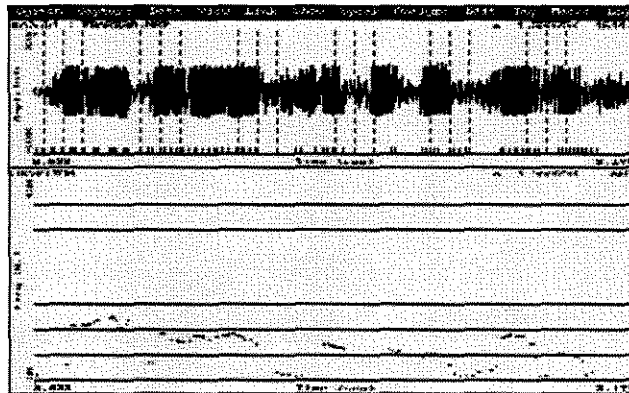
Guise+est



Falante 2 / 6 (homem A)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

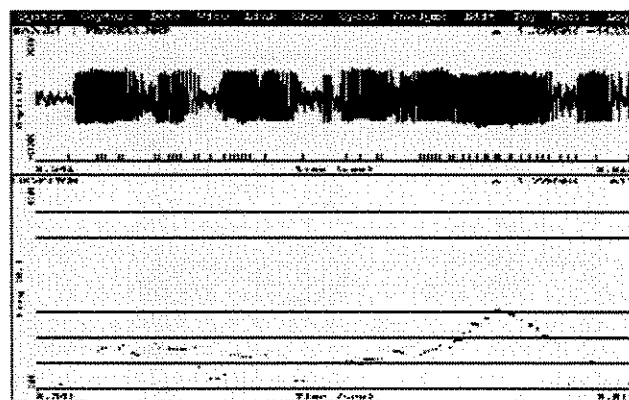
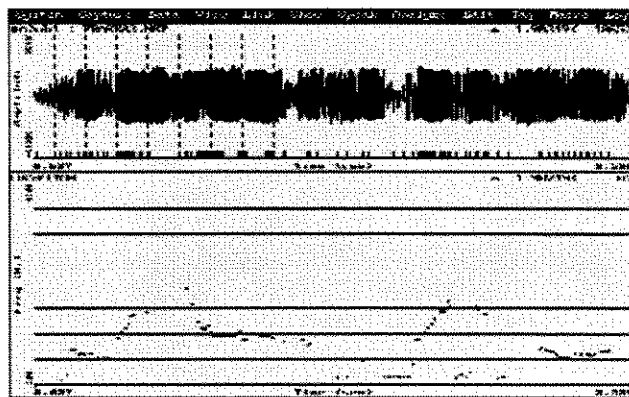
Guise-est



Falante 2 / 6 (homem A)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

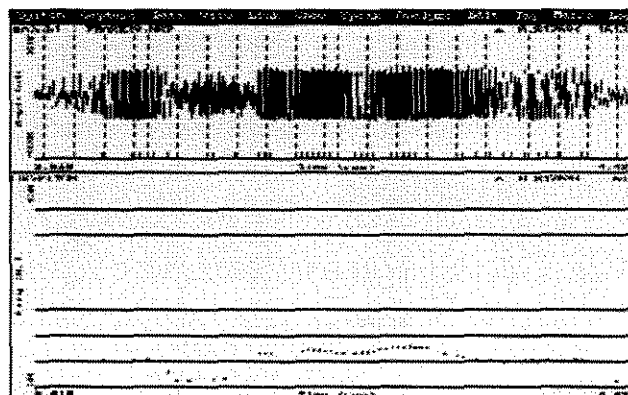
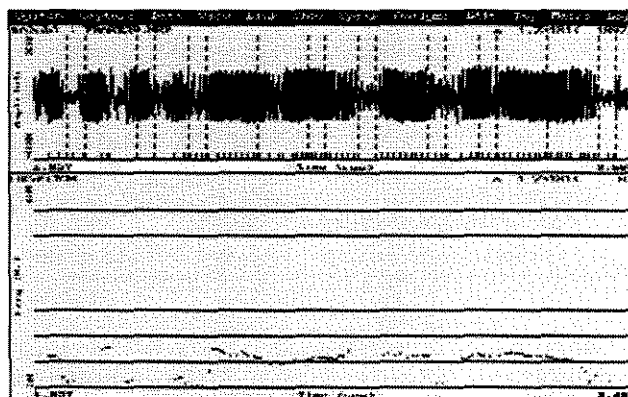
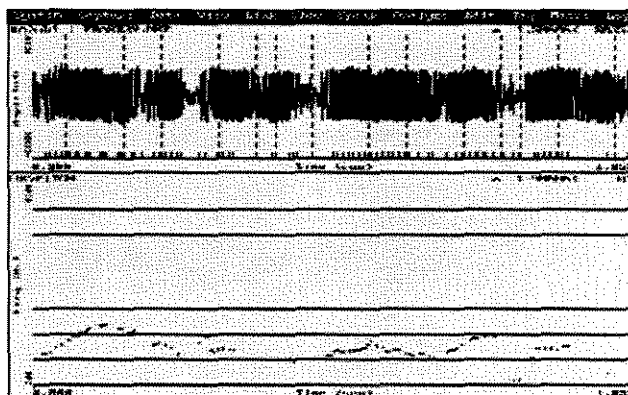
Guise+est



Falante 2 / 6 (homem A)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será
mesmo?”

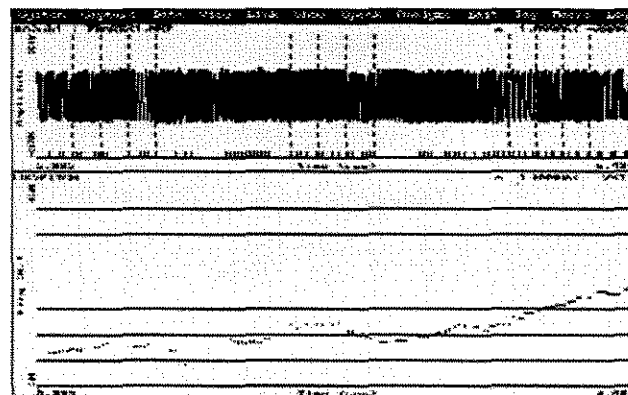
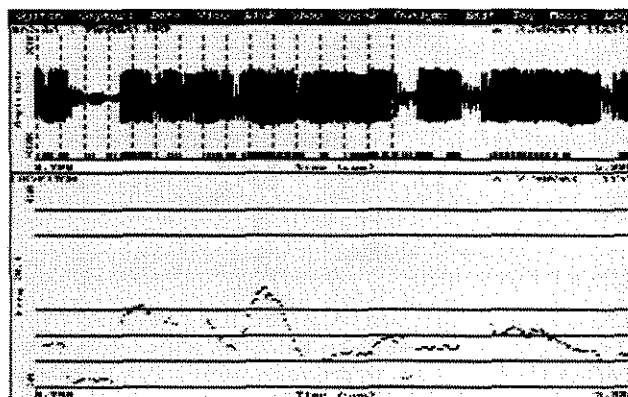
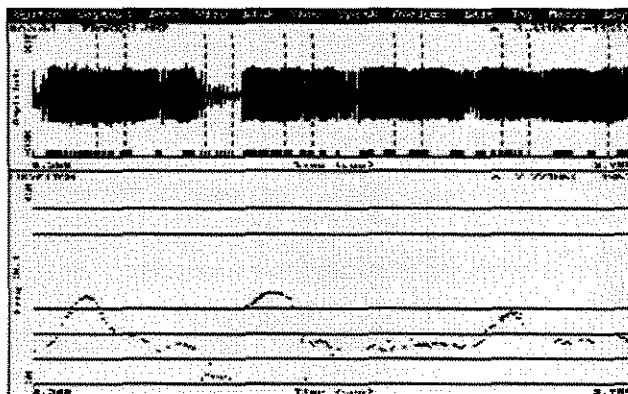
Guise-est



Falante 2 / 6 (homem A)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será
mesmo?”

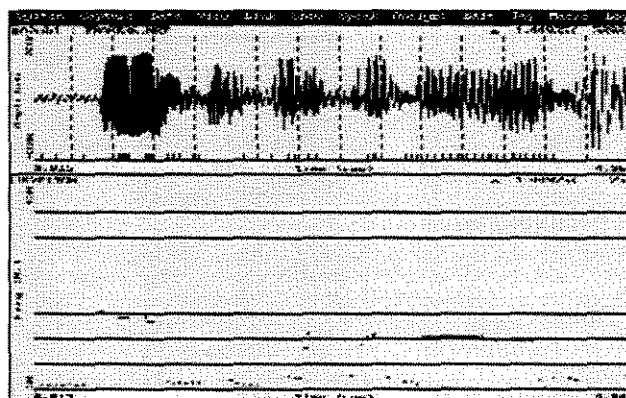
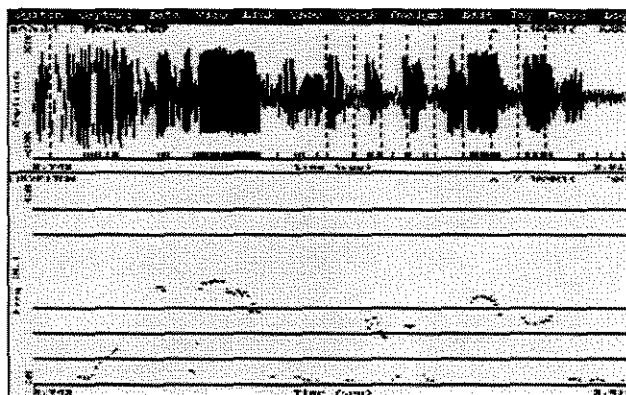
Guise+est



Falante 3 / 7 (mulher A)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

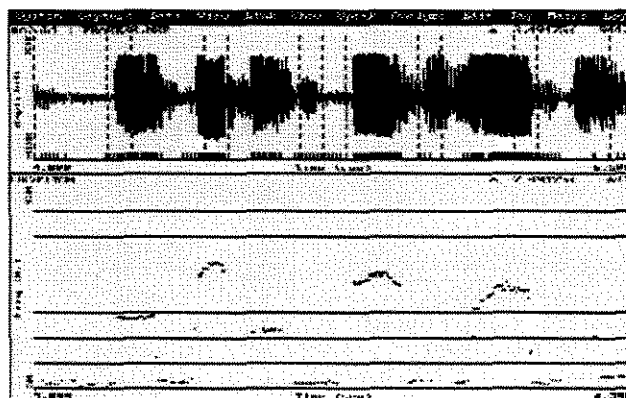
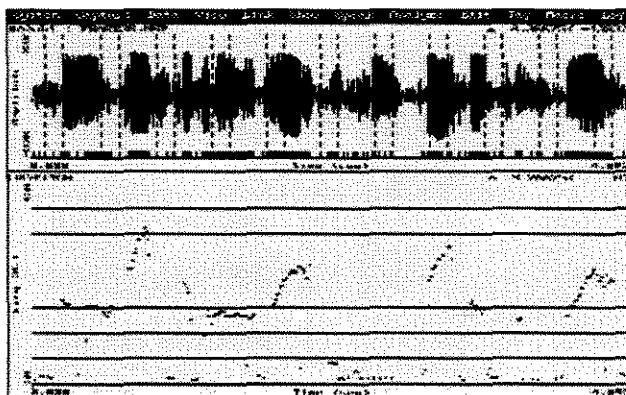
Guise-est



Falante 3 / 7 (mulher A)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

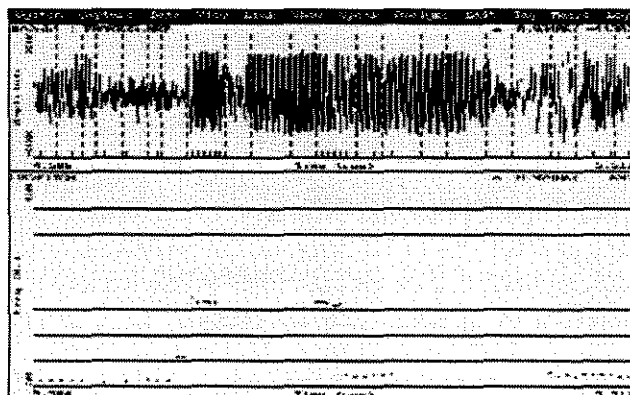
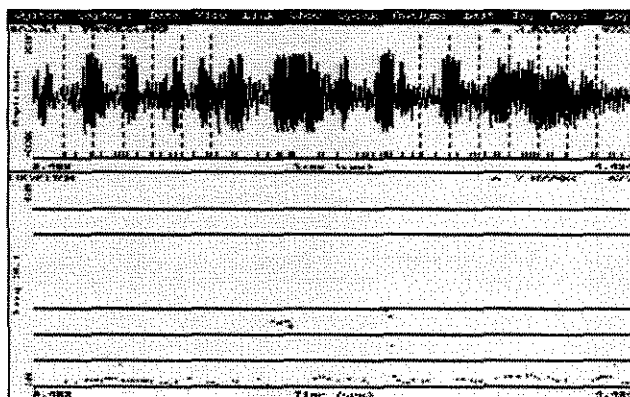
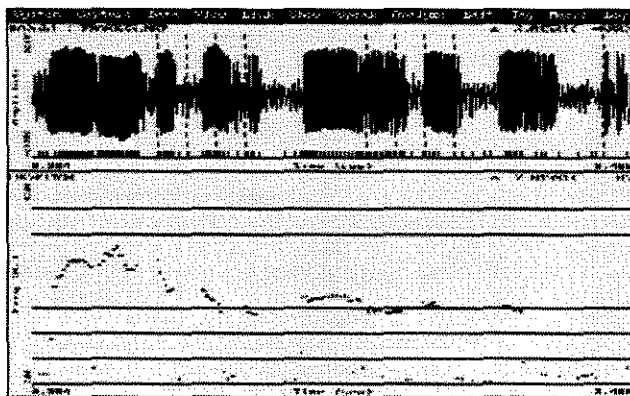
Guise+est



Falante 3 / 7 (mulher A)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será
mesmo?”

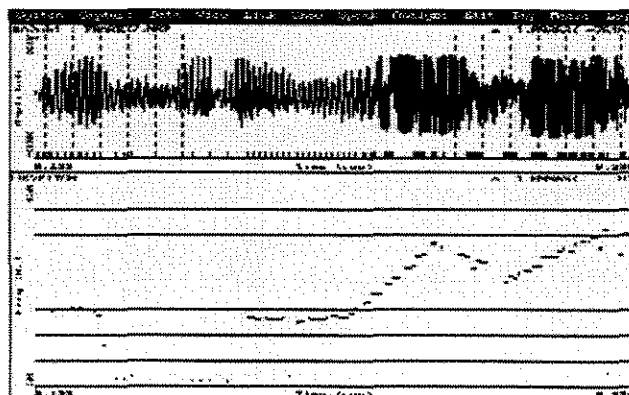
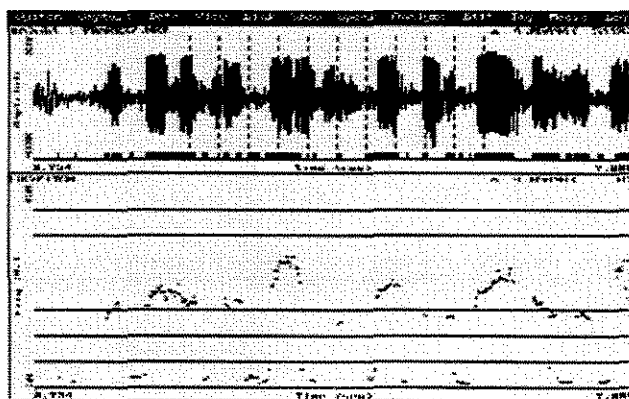
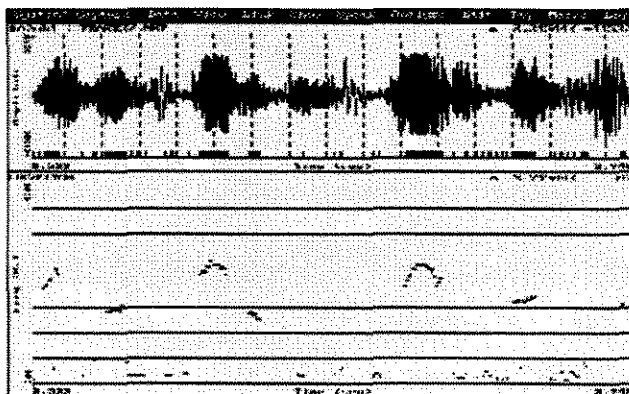
Guise-est



Falante 3 / 7 (mulher A)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será
mesmo?”

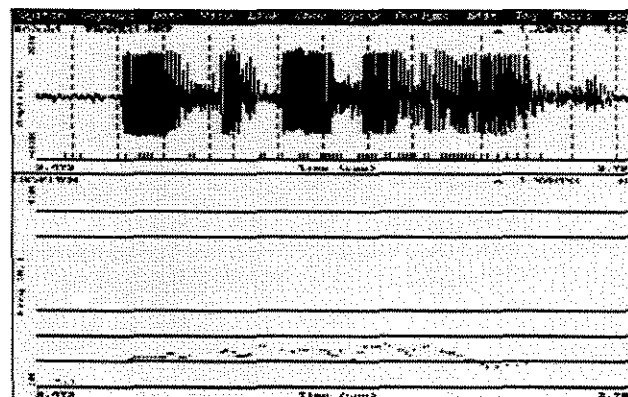
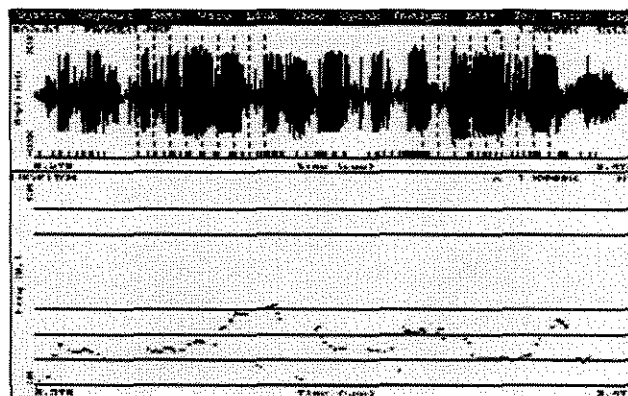
Guise+est



Falante 4 / 8 (homem B)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

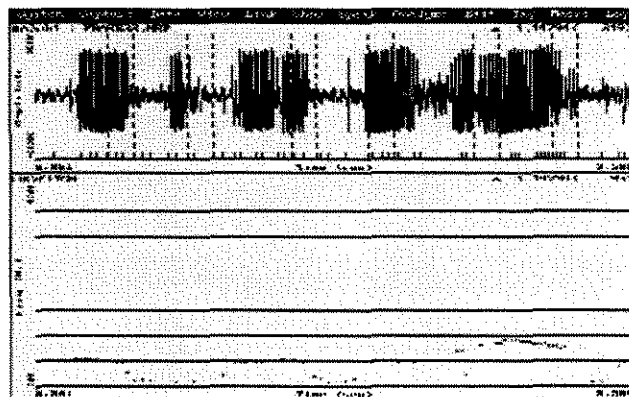
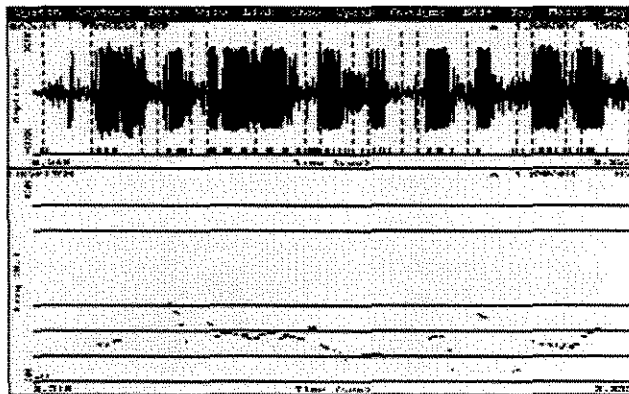
Guise-est



Falante 4 / 8 (homem B)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

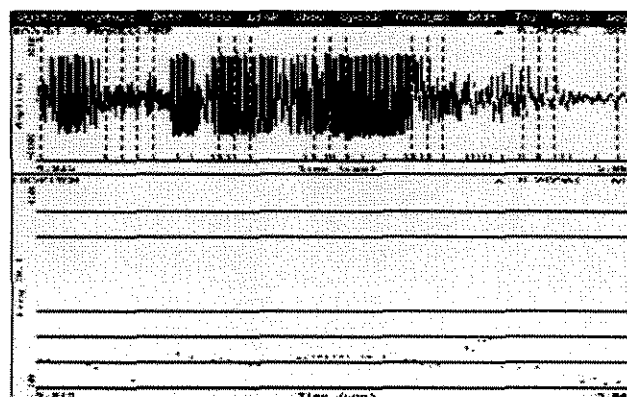
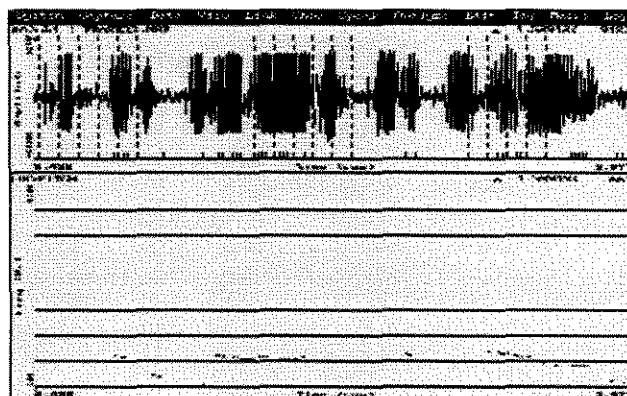
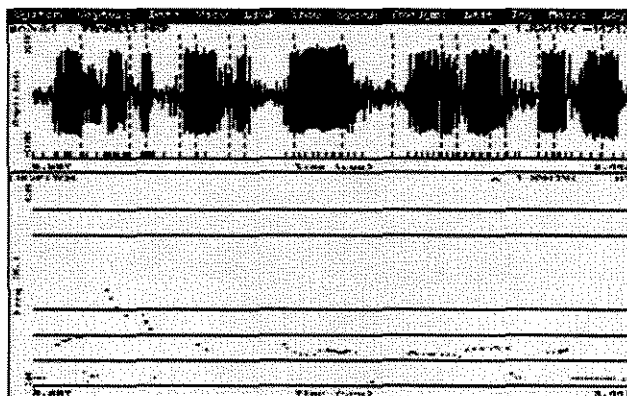
Guise+est



Falante 4 / 8 (homem B)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será mesmo?”

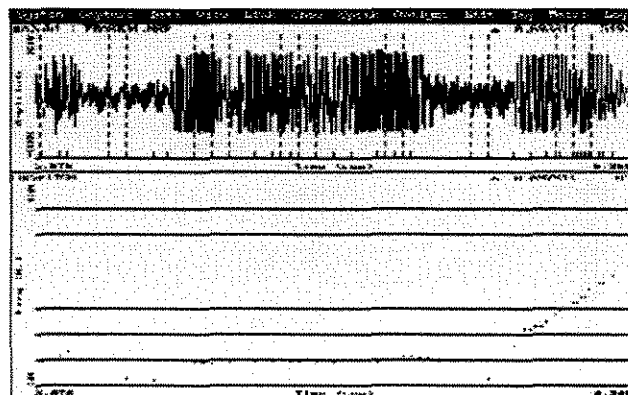
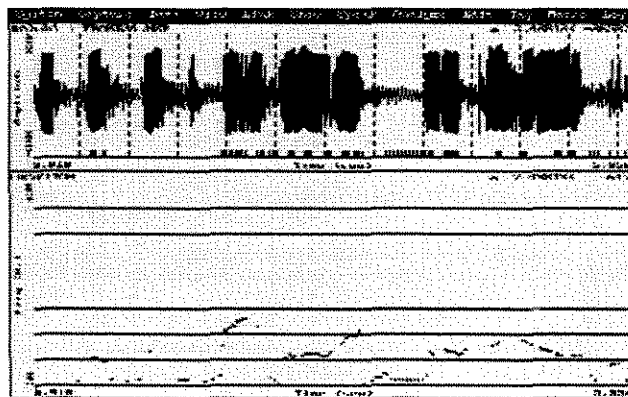
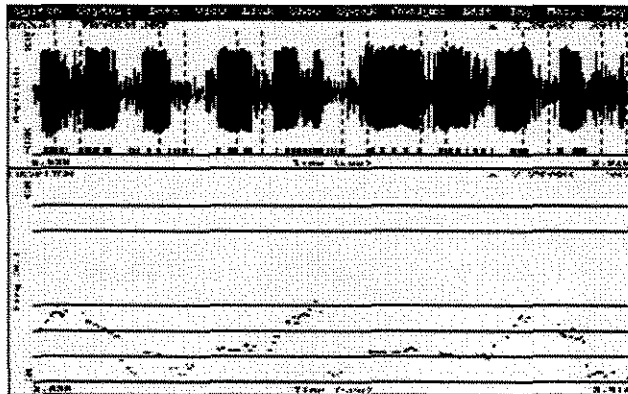
Guise-est



Falante 4 / 8 (homem B)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será mesmo?”

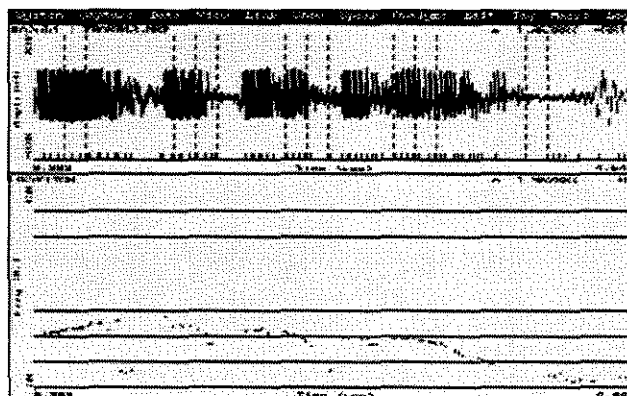
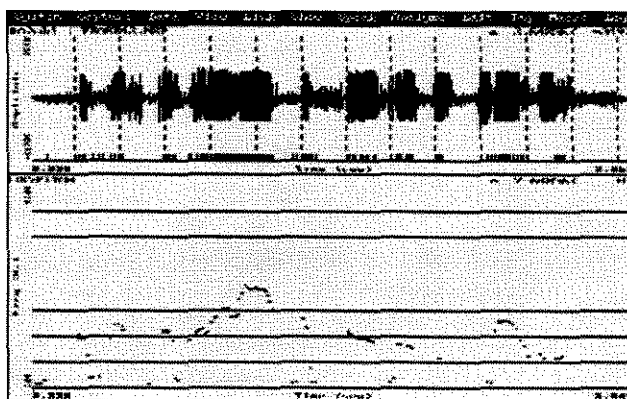
Guise+est



Falante 5 / 9 (mulher B)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

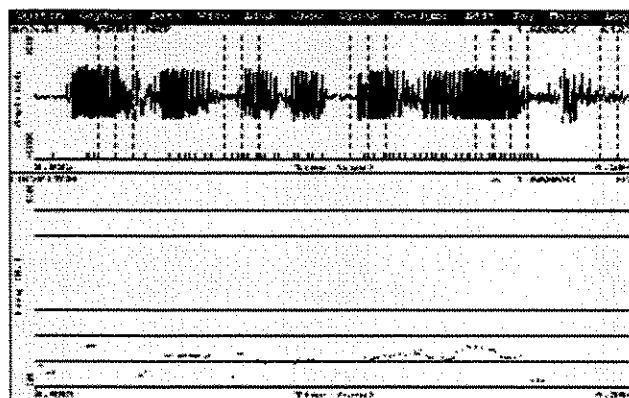
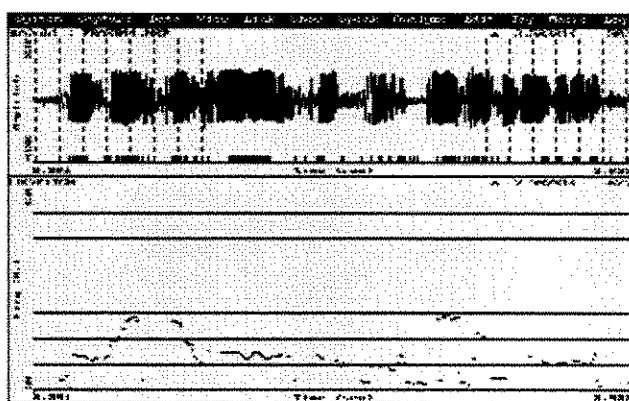
Guise-est



Falante 5 / 9 (mulher B)

“Se descobrirem que são compatíveis, | partem para o casamento.”

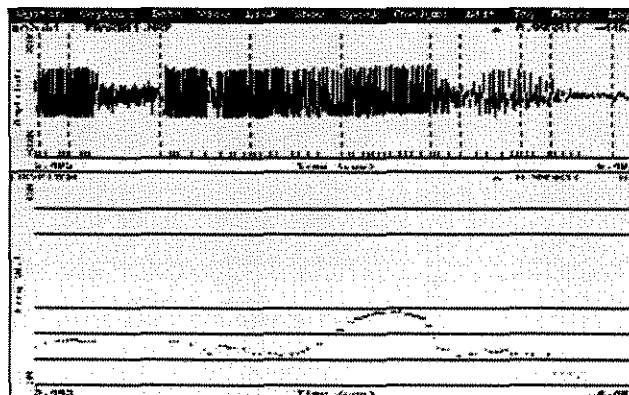
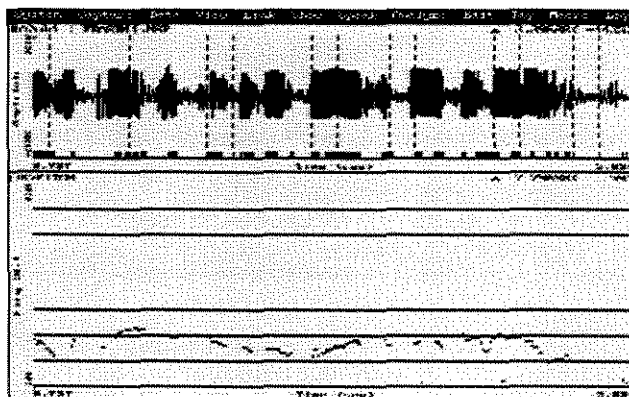
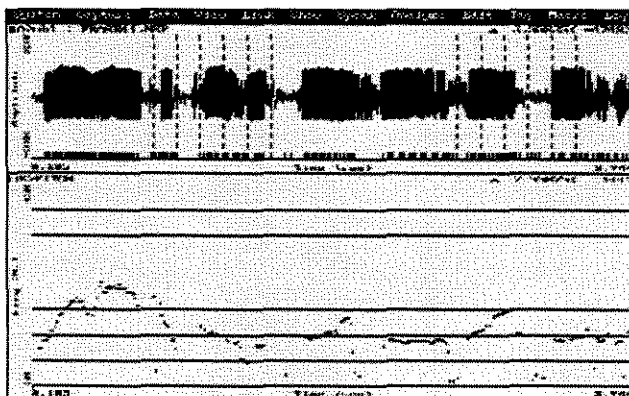
Guise+est



Falante 5 / 9 (mulher B)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será
mesmo?”

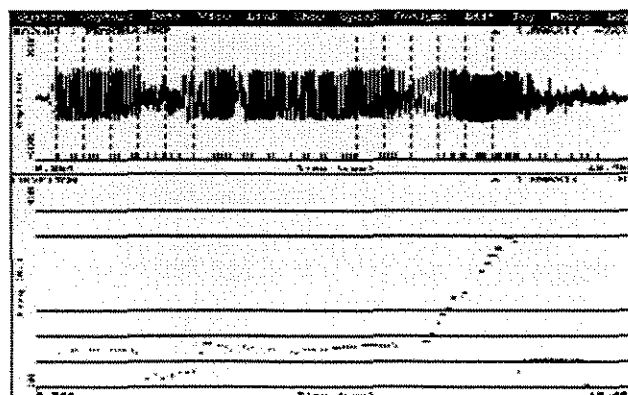
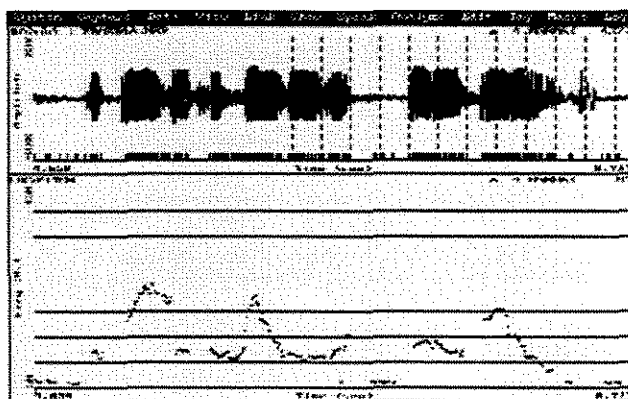
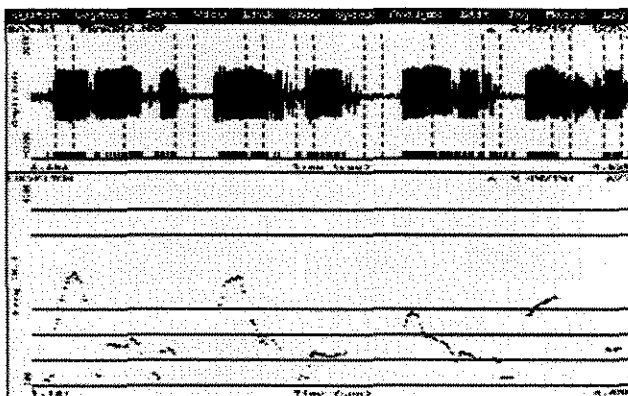
Guise-est



Falante 5 / 9 (mulher B)

“Dizem que coabitar é um bom teste | de compatibilidade para o casamento, | mas será mesmo?”

Guise+est



Summary

This thesis is a study of attitudinal reactions caused by suprasegmental accent present in the speech of Brazilians and Americans when speaking either English or Portuguese as a foreign language. As this study targeted two distinct linguistic domains, parallel research was carried out in both Brazil and the USA. For this matter, an instrument based on the matched-guise technique (Lambert et al., 1960) was created. Briefly speaking, this instrument consisted of tape recordings of Brazilian native speakers reading a text in English – each individual using both heavy and light suprasegmental accents. The instrument was then evaluated by Americans in the United States and the results (analyzed through t-tests) demonstrated that the Brazilian accent affected the judges' evaluation negatively. In Brazil, a similar instrument, consisted of tape recordings of American native speakers reading a Portuguese translation of the same text (each individual using both heavy and light suprasegmental accents), was evaluated by Brazilians. The results, however, revealed that the American accent affected the judges' evaluation positively.

A contrastive analyses between some features of stress, rhythm and intonation of Brazilian Portuguese and American English revealed that certain aspects of Portuguese, when transferred to English, resemble patterns that usually express doubt, suspicion, criticism and lack of interest – which unconsciously generates a negative reaction in the American listener. On the other hand, aspects of English, when applied to Portuguese, sound like patterns used to express enthusiasm and surprise. These data may help explain why both domains had opposite results and, consequently, why Americans have negative attitudinal reactions when communicating with Brazilians.

Key-words

Applied Linguistics; Phonetics; Phonology; Supragemental Level; Contrastive Analysis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA Fº, J.C.P. & SCHMITZ, J.R. *Glossário de Lingüística Aplicada*. Campinas: Pontes, 1998.
- ANANI, M. *Incorrect Stress Placement in the case of Arab learners of English*. *International Review of Applied Linguistics*, 27(1), 15-22. 1989.
- ANDERSON-HSIEH, J. *Teaching Suprasegmentals to International Teaching Assistants Using Field-Specific Materials*. *English for Specific Purposes*, 9, 195-214. 1990.
- ANDERSON-HSIEH, J., JOHNSON, R. & KOEHLER, K. *The Relationship Between Native Speaker Judgements of Nonnative Pronunciation and Deviance in Segmentals, Prosody, and Syllable Structure*. *Language Learning*, 42(4), 529-555. 1992.
- ARGYRES, Z.J. *The Cross-Cultural Pragmatics of Intonation: The Case of Greek-English*. UCLA. (Dissertação de Mestrado) 1996.
- AVERY, P. & EHRLICH, S. *Teaching American English Pronunciation*. Hong Kong: Oxford University Press, 1994.
- BECKMAN, M.E. *Between the Grammar and Physics of Speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BISOL, L. (Org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BOLINGER, D. *Intonation and Its Parts: Melody in spoken English*. Ann Arbor: Edward Arnold. 1986.
- BOLINGER, D. *Intonation and Its Uses: Melody in grammar and discourse*. Stanford, Stanford University Press. 1989.
- BOWEN, T. & MARKS, J. *Inside Teaching*. Oxford: Heinemann. 1994.
- BROWN, A. (Ed.) *Approaches to Pronunciation Teaching*. Hertfordshire: Phoenix ELT, 1995.
- BROWN, H.D. *Teaching by Principles*. Englewood Cliffs.: Prentice Hall Regents, 1994.
- BROWN, G.; CURRIE, K.L. & KENWORTHY, J. *Questions of Intonation*. London: Croom Helm, 1980.
- CAGLIARI, L.C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. Tese de Livre Docência, UNICAMP, 1981.

- CAVALCANTI, M. C. *O Acento Enfático em Inglês na Preparação de Material Didático para Falantes de Português*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1977.
- CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D.M. & GOODWIN, J.M. *Teaching Pronunciation*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- CHELA-FLORES, B. *On the Acquisition of English Rhythm: Theoretical and Practical Issues*. IRAL vol. XXXII/3. 1994.
- CHAPMAN, S. *Accent in Context: The ontological status and communicative effects of utterance accent in English*. Bern: Peter Lang. 1998.
- COUPER-KUHLEN, E., SELTING, M. *Prosody in Conversation: Interactional Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CROWELL Jr., T. *Index to Modern English*. New York: McGraw-Hill. 1964.
- CRUTTENDEN, A. *Falls and Rises: Meanings and Universals*. Journal of Linguistics, 17, 77-91. 1981.
- CRUTTENDEN, A. *Intonation* (Second Edition). Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- DALTON, C. & SEIDLHOFER, B. *Pronunciation*. Hong Kong: Oxford University Press, 1994.
- DAUER, R.M. *Accurate English*. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1993.
- De BOT, K. & MAILFERT, K. *The Teaching of Intonation: Fundamental Research and Classroom Applications*. TESOL Quarterly, 16(1), 71-77. 1982.
- EL-DASH, L.G. *Reactions of Egyptian Students to Five Language Varieties Encountered in Egypt*, Dissertação de Mestrado, American University in Cairo. 1973.
- EL-DASH, L.G. *Atitudes de brasileiros face à inglês e português*. Colóquio apresentado no 40º encontro anual da Sociedade Brasileira para o progresso da ciência, 1988.
- EL-DASH, L.G. *Compreensão Auditiva em Língua Estrangeira: Efeito de Visuais e Atitudes*. Tese de doutorado, UNICAMP. 1993.
- EL-DASH, L.G. & BUSNARDO, J. *Brazilian Attitudes toward English: Dimensions of Status and Solidarity*. in International Journal of Applied Linguistics, June 2001.

- ESLING, J. & WONG, R. *Voice Quality Settings and the Teaching of Pronunciation*. TESOL Quarterly, 17(1), 89-95. 1983.
- ESSER, J. *Contrastive Intonation of German and English*. *Phonetica*, 35, 41-55. 1978.
- FLEGE, J.E. *The Phonological Basis of Foreign Accent: A Hypothesis*. TESOL Quarterly, 15, 443-453. 1981.
- FRY, D.B. *The Physics of Speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GIEGERICH, H.J. *English Phonology*. New York: Cambridge University Press, 1995.
- GILBERT, J.B. *Clear Speech*. New York: Cambridge University Press, 1993.
- GILES, H. & COUPLAND, N. *Language: Contexts and Consequences*. Ann Arbor: Brooks/Cole. 1991.
- GOLDSMITH, J. (Org.) *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, 1995.
- GRANT, L. *Well Said*. Boston: Heinle & Heinle, 1993.
- GUTKNECHT, C. *Intonation and Language Learning: The necessity for an integrative approach*. In A. Brown (Ed.), *Teaching English Pronunciation*. London: Routledge, 259 – 269. 1990.
- HAGEN, S.A. & GROGAN, P.E. *Sound Advantage*. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1993.
- HATCH, E. & FARHADY, H. *Research Design and Statistics for Applied Linguistics*. U.S.A.: Newbury House Pub., Inc. 108 – 165. 1982.
- HAYES, B. *A Metrical Theory of Stress Rules*. New York: Garland Publishing Inc., 1985.
- HIRSCHBERG, J. & WARD, G. *The Influence of Pitch Range, Duration, Amplitude and Spectral Features on the Interpretation of the Rise-Fall-Rise Intonation Contour in English*. *Journal of Phonetics*, 20, 241-251. 1992.
- HOBBS, J.R. *The Pierrehumbert-Hirschberg Theory of Intonational Meaning Made Simple: Comments on Pierrehumbert and Hirschberg*. AT&T Bell Laboratories report. In P.R. Cohen, J. Morgan & M.E. Polack (Eds.) *Intentions in Communication*. Cambridge, Mass: MIT Press, 313 – 323. 1990.
- IOUP, G. *Interlanguage Phonology - The acquisition of a second language*. Cambridge: Newbury House, 1987.
- JOHNS-LEWIS, C. (Ed.) *Intonation in Discourse*. San Diego: College Hill Press, 1986.

- KENWORTHY, J. *Teaching English Pronunciation*. New York: Longman, 1994.
- KEYS, K.J. *Making the Right Noises: Pronunciation and Teacher Training in Brazil*. In *Speak Out!* 24, summer, 99.
- LADEFOGED, P. *A Course in Phonetics*. Fort Worth: Harcourt Brace, 1993.
- LADO, R. & FRIES, C.C. *English Pronunciation*. Ann Arbor: University of Michigan, 1996.(1ª ed.,1958)
- LAMBERT, W.E., HODGSON, R., GARDNER, R.C. & FILLENBAUM, S. "Evaluational Reactions to Spoken Languages". *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60, 44-51. 1960.
- LAMBERT, W.E. "A Social Psychology of Bilingualism". *Journal of Social Issues*, 23, 91-109. 1967. In EL-DASH, L.G. *Reactions of Egyptian Students to Five Language Varieties Encountered in Egypt*, Dissertação de Mestrado, American University in Cairo. 1973.
- LANE, L. *Focus on Pronunciation*. Reading: Addison-Wesley, 1993.
- LASS, R. *Phonology*. New York: Cambridge University Press, 1993.
- LAVER, J. *Principles of Phonetics*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- LEA, W.A. *Accoustic Correlates of Stress and Juncture*. In L. Hyman (Ed.), *Studies in Stress and Accent*, 83 – 119. 1977.
- LIBERMAN, P. *Intonation, perception & Language*. Cambridge: MIT Press, 1975.
- LIEFF, C. D. *Students' (Audio) Tape-Recordings: Going far beyond a simple pronunciation method*. In *CONTEXTURAS* 3, pp. 63 – 74, São Paulo: APLIESP, 1996.
- LIKERT, R. *A Technique for the Measurement of Attitudes*. New York: Columbia University Press. 1932.
- LUHMAN, R. "Appalachian English Stereotypes: Language Attitudes in Kentucky". *Language in Society*, 19, 331-48. 1990.
- MEDGYES, P. *The Non-Native Teacher*. Hong Kong, MacMillan Publishers: 1994.
- MORLEY, J. (Ed.) *Current Perspectives on Pronunciation*. Washington: TESOL, 1987.
- MORLEY, J. *The Pronunciation Component in Teaching English to Speakers of Other Languages*. *TESOL Quarterly*, 25/3: 481 – 520. 1991.

- MORROW, K. *Principles of communicative methodology*. In: *Communication in the Classroom* (pp. 59 - 66). Hong Kong: Longman.(Johnson, K. & Morrow, K. – Ed.) 1987.
- NAIMAN, N. *A communicative approach to pronunciation*, 1992. In: AVERY & EHRLICH, *Teaching American English Pronunciation* (pp. 163 - 171). Hong Kong: Oxford University Press, 1994.
- NESPOR, M. & I. VOGEL. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris. 1986.
- NIHALANI, P. *Pragmatics of Co-Articulation: Towards Achieving Social Acceptability*. IRAL vol. XXXI/1. 1993.
- OPPENHEIM, A.N. *Questionnaire Design, Interview and Attitude Measurement*. New Edition. U. K.: Pinter, 1996.
- ORION, G.F. *Pronouncing American English*. Boston: Heinle & Heinle, 1997.
- OSGOOD, C.E., SUCI, C.J. & TANNENBAUM, P.H. *The Measurement of Meaning*. Urbana, Ill.: University of Illinois Press. 1957.
- PAPAEFTHYMIU-LYTRA, S.C. *Greek Speakers*, 1987. In SWAN, M. & SMITH, B. *Learner English*. New York: Cambridge University Press, 1990.
- PIERREHUMBERT, J. *The Phonology and Phonetics of English Intonation*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1987.
- PIERREHUMBERT, J. & HIRSCHBERG, J. *The Meaning of Intonation Contours in the Interpretation of Discourse*. AT&T Bell Laboratories report. In P.R. Cohen, J. Morgan & M.E. Polack (Eds.) *Intentions in Communication*. Cambridge, Mass: MIT Press, 271 -311, 1990.
- PIKE, K.L. *The Intonation of American English*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1960.
- RAMEH, C.A.S. *Contrastive Analysis of English and Portuguese Intonation*. Washington, 1962. (Tese de Mestrado)
- REMILLARD, L. *"The role of Phonology, Lexicon and Syntax in Eliciting Reactions to Dialect Variation"*, Tese de Mestrado, McGill University. 1972. In EL-DASH, L.G. *Reactions of Egyptian Students to Five Language Varieties Encountered in Egypt*, Dissertação de Mestrado, American University in Cairo. 1973.
- RIZZO, J.F.P. *O Papel da Entoação do Português Brasileiro na Descrição de Atos de Fala*. Tese de Mestrado, UNICAMP, 1981.

- SELIGMAN, C., TUCKER, G.R. & LAMBERT, W.E. "The Effects of Speech Style and other Attributes on Teachers' Attitudes toward Pupils". *Language in Society*, 1, 131-42. 1972.
- SELKIRK, E.O. *Phonology and Syntax: The relation between sound and structure*. Cambridge: The MIT Press, 1984.
- SILVA, R. *A Small Scale Investigation into the Intelligibility of the Pronunciation of Brazilian Intermediate Students*. In *Speak Out! 23* – Newsletter of the IATEFL Pronunciation Special Interest Group. Edited by Jonathan Marks. 1999.
- SPRATT, M. *English for the Teacher*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- TATARU, A. *On the specific character of pronunciation*, in *ELT Journal*, Volume XXIV:1, 1969.
- TAYLOR, D.S. *Intonation and Accent in English: What Teachers Need to Know*. IRAL Volume XXX/1. 1993.
- THORNBURY, S. *About Language - Tasks for Teachers of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- UNDERHILL, A. *Sound Foundations*. Oxford: Heinemann, 1994.
- UR, P. *A Course in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- WALLACE, B.J. *The Pronunciation of American English for TESL*. Ann Arbor: George Wahr, 1966.
- WENNERSTROM, A. *Intonational Meaning in English Discourse: A Study of Non-Native Speakers*. In *Applied Linguistics*, vol. 15, n° 4. Oxford University Press, 1994.
- WILLIS, J. *Teaching English through English*. Singapore: Longman, 1993.
- WÖLCK, W. "Attitudes towards Spanish and Quechua in Bilingual Peru", in Shuy, R. e Fashold, R. (eds.) *Language Attitudes: Current Trends and Prospects*. Washington, D.C.: Georgetown University Press. 1973.
- WOLFRAM, W. & FASOLD, R.W. *The Study of Social Dialects in American English*. New Jersey: Prentice Hall. 1974.